



ELIANE JOST BLESSMANN

**A MÚSICA COMO LAZER SÉRIO:
ESPAÇO DE SOCIABILIDADE E IDENTIDADE DE UM GRUPO DE IDOSOS**

CANOAS, 2021

ELIANE JOST BLESSMANN

**A MÚSICA COMO LAZER SÉRIO:
ESPAÇO DE SOCIABILIDADE E IDENTIDADE DE UM GRUPO DE IDOSOS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Memória Social e Bens Culturais – Linha de pesquisa em Memória, Cultura e Identidade.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Tamára Cecília Karawejczyk Telles

Coorientação: Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Kayser Vargas Mangan

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B647r Blessmann, Eliane Jost.

A música como lazer sério [manuscrito]: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos / Eliane Jost Blessmann – 2021.

117 f.; 30 cm.

Tese (doutorado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2021.

“Orientação: Prof^a. Dra. Tamára Cecília Karawejczyk Telles”.

“Coorientação: Prof^a. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan”.

1. Lazer. 2. Idosos. 3. Prática musical. 4. Sociabilidade. 5. Identidade. I. Telles, Tamára Cecília Karawejczyk. II. Mangan, Patrícia Kayser Vargas. III. Título.

CDU: 379.8-053.9

Bibliotecária responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

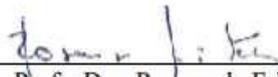
ELIANE JOST BLESSMANN

Tese aprovada para obtenção do título de doutora,
pelo Programa de Pós-Graduação em Memória
Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Johannes Doll
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



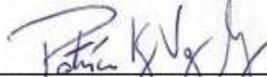
Profa. Dra. Rosangela Fritsch
Universidade do Vale do Rio dos Sinos



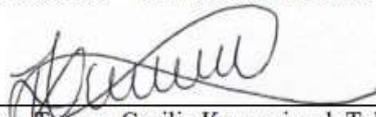
Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Universidade La Salle



Prof. Dr. Moisés Waismann
Universidade La Salle



Profa. Dra. Patricia Kayser Vargas Mangan
Coorientadora – Universidade La Salle



Profa. Dra. Tâmara Cecilia Karawejczyk Telles
Orientadora e Presidente da Banca - Universidade
La Salle

Área de Concentração: Memória Social

Curso: Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 19 de abril de 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a quem? A todos e a todas que contribuíram para que o meu projeto se concretizasse. Não foi uma caminhada fácil, pois diante dos percalços no caminho em determinado momento pensei que não chegaria ao fim.

Meu especial agradecimento a família, marido, filhas e neta pela compreensão, apoio e incentivo nas horas difíceis. Também não posso esquecer os amigos e amigas sempre se prontificando a me ajudar.

Agradeço a Arlete, colega e parceira que tive o prazer de conhecer e compartilhar essa caminhada.

Agradeço ao professor Lucas Graeff pelo estímulo para a concretização de minhas idéias.

Agradeço as professoras Tamára Cecília Karawejczyk Telles e Patrícia Kayser Vargas Mangan pelo apoio incondicional na orientação para a finalização desta tese.

Agradecimento especial ao Grupo “Só ritmos”, fonte de inspiração e protagonista desta tese. Por aceitarem fazer parte desta pesquisa permitiram que pelos seus relatos e vivências eu passasse a compreender seu mundo social e sua prática musical como uma experiência de lazer sério.

I Don't Need Your Rockin' Chair¹

George Jones

*I don't need your rockin' chair
Your Geritol or your Medicare
Well, I still got neon in my veins
This Gray hair don't mean a thing*

*I do my rockin' on the stage
You can't put this possum in a cage
My body's old but it ain't impaired
I don't need your rockin' chair*

*I ain't ready for the junkyard yet
'Cause I still feel like a new Corvette
It might take a little longer but I'll get there
Well, I don't need you rockin' chair*

*I do my rockin' on the stage
You can't put this possum in a cage
My body is old but it ain't impaired
I don't need this rockin' chair*

*Retirement don't fit in my plans
You can keep your seat, I'm a gonna stand
Na Eskimo needs a Frigidaire
Like I need your rockin' chair*

*I don't need your rockin' chair
Your Geritol or your Medicare
Well, I still got neon in my veins
This Gray hair don't mean a thing*

*I do my rockin' on the stage
You can't put this possum in a cage
Yeah, my body's old but it ain't impaired
Well, I don't need your rockin' chair
My body's old but it ain't impaired
I don't need your rockin' chair*

¹A música “Eu não preciso da sua cadeira de balanço” pareceu-me apropriada para introduzir esta tese, pois ela representa a condição da velhice com a qual trabalho, idosos que através da música vencem os preconceitos e demonstram sua dinamicidade, ao aprenderem a tocar um instrumento musical, criarem uma banda e fazerem apresentações em público. A cadeira de balanço por muito tempo foi símbolo para a velhice.

RESUMO

Esta tese é um estudo sobre lazer e envelhecimento que tem por sujeitos os integrantes do grupo de percussão “Só ritmos” e por objeto a prática musical no contexto do lazer, analisados sob a perspectiva teórica do lazer sério. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva, voltada ao universo dos significados, motivações, crenças, valores e atitudes. Sendo estes elementos objetos de estudo da etnografia a pesquisa foi desenvolvida em relação direta com o trabalho de campo sob a influência de autores da antropologia. Ainda como instrumento de pesquisa foi utilizado a entrevista compreensiva e a análise dos dados se deu mediante a descrição e interpretação do material organizado por temas conforme o conteúdo se apresentava (KAUFMANN, 2013). O contexto social onde se desenvolve a pesquisa é o projeto de extensão CELARI do qual os integrantes da banda são oriundos. O grupo pesquisado é composto por 2 homens e 15 mulheres de 64 a 93 anos. Observar o senso de compromisso presente naquele grupo para as aulas de percussão e as apresentações em público, a vontade de aprender a tocar um instrumento e de fazer cada vez melhor, me instigou a buscar uma discussão sobre o lazer que não se limitasse ao significado corrente como espaço de liberdade, de ludicidade, de escolha. Por isso escolhi como ponto de partida a perspectiva do lazer sério, do canadense Robert Stebbins (1982, 2001, 2006, 2009, 2014, 2016) como referencial teórico com o objetivo de compreender a prática musical do grupo no contexto do lazer, tendo por objetivos específicos: recuperar a história da criação do grupo de percussão; desvendar os significados atribuídos pelo grupo pesquisado à prática musical e investigar sobre a adequação da perspectiva teórica do lazer sério para o seu estudo e perscrutar sobre como o lazer sério contribui para a sociabilidade e identidade social do grupo de entrevistados. Acompanhando este mundo social específico durante as observações em campo é que a sociabilidade e a identidade se destacaram como aspectos relevantes a serem aprofundados. A sociabilidade é favorecida pelo exercício de uma atividade de lazer sério, pois uma das características que a diferenciam das demais formas de lazer é o mundo social. Nele é possível evidenciar a interação que se dá entre seus integrantes. A existência de um mundo social específico resultante da prática de uma atividade de lazer sério o qual comporta um conjunto de valores, atitudes e orientações constituem a base para a identidade social.

Palavras-chave: Idosos. Lazer sério. Prática musical. Sociabilidade. Identidade.

ABSTRACT

The present study on leisure and aging has as its subject members of 'Só Ritmos', a percussion band, and as its object the musical practice in the context of leisure, seen through the theoretical perspective of serious leisure. It's a qualitative and descriptive research, oriented towards the universe of meanings, motivations, beliefs, values and attitudes. These are the objects of the ethnography, and research took place with a direct relationship to fieldwork, influenced by Anthropology scholars. Comprehensive interview was used as a research instrument, and data analysis through description and interpretation of the theme-organized material as it was gathered (Kaufmann, 2013). Social context where research took place is extension project CELARI, from where the band members come from. The group is composed by 2 men and 15 women, ages 64-93. Watching the sense of commitment in that group during the percussion classes and presentations, the will to learn to play an instrument and improve, motivated me to discuss leisure not limited to the usual meaning of space of freedom, playfulness and choice. That's why I chose as a starting point the serious leisure perspective, from Canadian Robert Stebbins (1982, 2001, 2006, 2009, 2014, 2016), as a theoretical framework to examine the group's musical practice in the context of leisure, having as specific objectives: retrieve the group's story, its creation; unveil the meanings that are given by the group to the musical practice; find out about the adequacy of the theoretical perspective of serious leisure for its study and how serious leisure contributes to the group members' sociability and identity. Following this specific social world during field observations, sociability and identity stood out as relevant aspects to be further investigated. Sociability is favored by the exercising of a serious leisure activity, as one of the characteristics that distinguishes it from usual leisure activities is the social world. In it, it's possible to highlight the interaction between its members. The presence of a specific social world as a result of the practice of a serious leisure activity, which has its own set of values, attitudes and orientations, constitutes the basis for social identity.

Keywords: Elderly. Serious leisure. Musical practice. Sociability. Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Entrevistas realizadas.....	18
Tabela 1 – Distribuição dos participantes do projeto por grupo etário.....	22
Quadro 2 – Identificação dos participantes da pesquisa.....	25
Imagem 1 – Ata da reunião em 16/07/2004.....	38
Imagem 2 – Reunião em 16/07/2004.....	38
Imagem 3 – Roda de samba com os bolsistas em 2004.....	39
Imagem 4 – Apresentação na SPAAN em 2007.....	40
Imagem 5 – Lançamento do primeiro livro do CELARI em 2007.....	41
Imagem 6 – Lançamento do primeiro livro do CELARI em 2007.....	42
Imagem 7 – Apresentação em 2008 no evento “Arte em cena”.....	42
Imagem 8 – Folder do Arte em Cena 2008.....	43
Imagem 9 – Foto do grupo que se apresentou no Teatro Renascença, em 2009.....	46
Imagem 10 – Foto de parte do grupo na apresentação do Teatro Renascença em 2009.....	46
Imagem 11 – Foto da banda em 2010.....	47
Imagem 12 – Foto da banda em 2012.....	48
Imagem 13 – Foto da banda em 2015.....	49
Imagem 14 – Foto da banda em novembro de 2018.....	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O CONTEXTO SOCIAL ONDE SE DESENVOLVE A PESQUISA: O PROJETO DE EXTENSÃO CELARI	21
3 ENTRANDO NO GALPÃO: APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	25
4 DESAFIANDO A IDADE, ROMPENDO PRECONCEITOS: VAMOS FAZER UMA BANDA?	32
5 O DIA MAIS FELIZ É O DIA QUE TEM PERCUSSÃO, EU AMO.....	51
6 NOS BASTIDORES DA BANDA	73
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE A – TERMOS DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE ENTREVISTA.....	100

1 INTRODUÇÃO

Velhice e envelhecimento, até a década de 1970, não era assunto de jornal nem objeto de estudo na academia (LINS DE BARROS, 2006), por isso houve um esforço das instituições brasileiras direcionado a qualificação de profissionais para atuarem com esse segmento populacional. Atualmente, envelhecimento e longevidade são temas que adquiriram relevância social diante do crescimento da população idosa e do aumento do tempo de vida, de maneira que hoje a velhice é objeto de estudo em diferentes áreas do conhecimento e de intervenção. Com isto os idosos passaram a ter mais visibilidade e a ressignificar esta etapa da vida, reinventando o envelhecer ao adotarem novos estilos de vida. A cadeira de balanço, imagem associada à velhice por décadas, foi substituída por parques e tantos outros locais públicos.

O envelhecimento tem sido meu objeto de trabalho e de estudo desde o meu primeiro emprego como assistente social na, hoje extinta, Fundação Legião Brasileira de Assistência - LBA, em 1979, ocasião em que a instituição estava implantando o “Programa de Atendimento a Idosos”. Conforme mencionado por Debert (1999) a LBA, juntamente com o Serviço Social do Comércio – SESC, foi pioneira no trabalho com grupos de idosos, implantando os grupos de convivência, seguindo-se as universidades com seus projetos de terceira idade.

Tive a oportunidade de participar em cursos, encontros, seminários e tantos outros eventos em nível estadual, regional, nacional e até internacional. Foi assim que comecei a envolver-me com esta área de estudo, o envelhecimento. Fiz cursos de aperfeiçoamento e de especialização, filiei-me às sociedades científicas, Associação Nacional de Gerontologia – ANG e Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia – SBGG e integrei o Conselho Estadual do Idoso, tendo ocupado o cargo de presidente nas referidas instituições.

Enquanto estava no Conselho Estadual do Idoso tive acesso aos dados das denúncias nacionais sobre a violência contra a pessoa idosa o que me levou a me associar a duas colegas, Jussara Rauth e Vânia Heredia para publicar o livro “Violência contra a pessoa idosa: reflexões sobre a família, o estado e a sociedade” (BLESSMANN; RAUTH; HEREDIA, 2012). O estudo nasceu da inquietação diante da constatação da violência no cotidiano dos idosos e a necessidade de dar visibilidade ao fato, denunciando a ausência de políticas efetivas no seu enfrentamento.

Foi com a extinção da Fundação Legião Brasileira de Assistência, em 1999, quando fui transferida para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, que dei início à carreira acadêmica. Vinculada à extensão universitária, para desempenhar minha função de

assistente social junto ao Projeto CELARI – Centro de Estudos do Lazer e Atividade Física do Idoso da Escola de Educação Física, onde permaneço até hoje, resolvi fazer o mestrado. Já tinha feito um curso de especialização em Orientação familiar na PUC, tão logo havia concluído o curso superior e mais tarde o de Especialização em Gerontologia Social, também na PUC. Como o projeto de extensão se caracteriza como um espaço de aprendizagem e prática para os acadêmicos e, trabalhando em uma faculdade de Educação Física, senti a necessidade de conhecer um pouco da realidade desses alunos, vivendo também o seu ambiente acadêmico. Assim, optei por fazer o mestrado em Ciências do Movimento Humano no Programa de Pós-Graduação da Escola de Educação Física da UFRGS. A pesquisa foi desenvolvida junto aos idosos do Projeto CELARI tendo como tema a corporeidade, pois diante de tantas mudanças que ocorrem com o corpo no envelhecimento me preocupei em saber qual o seu significado na velhice. O significado de corpo pode ser diferente para cada pessoa a partir de experiências pessoais, para cada grupo etário considerando as experiências comuns e, ainda, para cada sociedade, conforme a época ou o local. Isto porque a experiência pessoal que é própria de cada indivíduo pode ser investida e moldada pela sociedade. Assim, o corpo pode ser visto sob dois enfoques, de um lado temos o corpo natural, que é resultado do processo evolutivo e que corresponde ao ciclo biológico, mediante o qual nascemos, desenvolvemos, adoecemos, envelhecemos e morremos, e de outro, o corpo simbólico que resulta das construções sociais, cuja imagem ideal é a de saúde e beleza associada à juventude. Entendendo que o significado só pode ser apreendido a partir de uma visão de corpo como signo, busquei o caminho da hermenêutica para a sua compreensão. É desta forma que o corpo se faz presente na linguagem e como portador de sentido ele é passível de interpretação.

Nas entrevistas os idosos pouco falaram sobre o corpo, mas falaram da sua vida e da experiência de envelhecer. Como o corpo envelhecido já não é o corpo idealizado pela sociedade, cujo valor está no corpo jovem, belo e forte o seu significado para os idosos pode ser apreendido em três dimensões: na dimensão biológica é um corpo funcional, na dimensão psicológica a “cabeça” se apresenta como a possibilidade de continuar sendo a mesma pessoa diante das transformações que mudam a sua aparência e na dimensão social o significado do corpo na velhice não está no que ele é, mas no que ele representa, ele exalta a vida e suas inúmeras possibilidades, mas ao mesmo tempo proclama a sua finitude existencial. Os resultados da pesquisa encontram-se no artigo “Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice” (BLESSMANN, 2004) publicado na revista *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento* da UFRGS.

Concluído o mestrado ingressei no Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) coordenado pelo Prof. Marco Paulo Stigger iniciando a minha experiência em estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos, em 2007. No Grupo de Pesquisa procurei conciliar minha experiência na área do envelhecimento com o tema de estudo do grupo que tinha como referência o lazer. Para situar-me no campo da Educação Física, usei como objeto de estudo a atividade de jogos adaptados para idosos que acompanhei por um período de 10 anos desde sua criação, e aproveitei a oportunidade para fazer um registro histórico com um artigo para o X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança (BLESSMANN, 2006), resgatando a memória dos jogos desportivos adaptados para idosos no estado do Rio Grande do Sul na perspectiva de inclusão do idoso nas políticas públicas, especialmente na de esporte e lazer, cujo movimento teve início na década de 1990.

Ainda no grupo de pesquisa participei da edição do livro *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos* organizado pelo coordenador do grupo e seus orientandos Fernando Jaime González e Raquel da Silveira, em 2007, com o artigo *A sociabilidade e a ludicidade nos jogos esportivos adaptados para idosos* (BLESSMANN, 2007). A noção de sociabilidade que norteou o trabalho derivou do sociólogo e filósofo, alemão, Georg Simmel (1983, 2006).

Minha participação neste grupo foi temporária, não mais que dois anos. Entretanto, tenho uma longa história de participação em eventos com apresentação de trabalhos, palestras ministradas e algumas publicações nas áreas da Educação Física e Gerontologia. A extensão é um campo propício para integrar o ensino e a pesquisa e sempre procurei estimular os acadêmicos para a experiência não só da prática como também da pesquisa, incentivando-os à produção científica explorando os temas atividade física, qualidade de vida e lazer do idoso.

Ao decidir fazer o curso de doutorado só tinha uma certeza, envelhecimento e lazer deveriam permanecer como áreas de estudo. Como conciliar essa temática no PPG Memória Social e Bens Culturais e mais especificamente na linha de pesquisa Memória e gestão cultural ao qual o meu orientador estava vinculado? Este foi o trabalho de construção do problema de pesquisa consumado somente ao final do primeiro semestre do curso de doutorado, com o auxílio do orientador Prof. Dr. Lucas Graeff. Quando precisei escolher um tema para estudo me interessei pelo tempo, mais especificamente pelo uso do tempo livre e consumo cultural. Diz-se, no senso comum, que o idoso tem mais tempo livre em decorrência da aposentadoria, e que a percepção de fugacidade do tempo se daria entre as pessoas muito ocupadas com o trabalho. Mas a fugacidade do tempo também pode ser um sentimento

presente entre os idosos diante de tantos compromissos assumidos para os cuidados de si e na atenção dispensada aos seus familiares e a necessidade de conciliar tais atividades com os compromissos sociais. Daí o interesse em investigar como se daria a gestão do tempo livre pelos idosos e, especialmente, a intensidade com que se vinculavam às suas opções de lazer, tendo como referência o Programa CELARI – Centro de Estudos do Lazer e Atividade Física para Idosos. Tratava-se de compreender as relações entre as trajetórias individuais dos idosos que frequentam os grupos de terceira idade e suas maneiras de pensar os usos do tempo livre na interseção com as propostas de atividades de lazer da instituição. E foi com esta temática que qualifiquei o projeto da tese.

Entretanto, com o passar do tempo, e na convivência com esses idosos, outro aspecto me chamou a atenção: o grupo de percussão por eles constituído. Foi quando decidi mudar o foco de pesquisa, restringindo o objeto de estudo que, inicialmente seria a gestão do tempo livre dos idosos integrantes do projeto CELARI, para deter-me na prática musical do grupo de percussão por eles criado. Portanto, após a qualificação meu interesse de investigação mudou.

Paralelo a mudança de objetivos se deu a troca de orientação, pois meu orientador mudou-se para a França e ainda houve um período de suspensão da pesquisa por motivo de doença. Iniciei o trabalho de campo em setembro de 2018, estendendo-se até dezembro do ano seguinte. Pretendia dar continuidade às entrevistas e ao acompanhamento às atividades do grupo em março de 2020 quando reiniciassem as atividades após o período de férias, mas o mesmo não aconteceu devido ao desencadeamento de uma pandemia. Outros fatores também contribuíram para a suspensão das atividades de pesquisa como a viagem do orientador e a intensificação do meu tratamento de saúde. Com os dados coletados por um período de 13 meses, dei início, no segundo semestre de 2020, à análise e interpretação do material sob a orientação da professora Tamára Cecília Karawejczyk Telles e coorientação da professora Patrícia Kayser Vargas Mangan, na linha de pesquisa Memória, Cultura e Identidade.

Observar o senso de compromisso presente naquele grupo para as aulas de percussão e as apresentações em público, a vontade de aprender a tocar um instrumento e de fazer cada vez melhor, me instigou a buscar uma discussão sobre o lazer que não se limitasse ao significado corrente como espaço de liberdade, de ludicidade, de escolha. Outros elementos além de prazer, diversão, descanso, fuga da rotina se destacavam neste grupo na sua vivência de lazer, tais como desafio, aprendizagem, autorrealização, carreira, dentre outros da mesma natureza. Por isso escolhi como ponto de partida a perspectiva do lazer sério, do canadense Robert Stebbins, como referencial teórico. E foi com este novo enfoque que dei continuidade a pesquisa.

As pesquisas sobre lazer sério no Brasil são mais comuns na área que envolve esportes como os estudos que destacamos a seguir: “O torcer no futebol como possibilidade de lazer e vínculo identitário para torcedores de América-MG, Atlético MG e Cruzeiro” (AQUINO, 2017); “Vivências de lazer das juventudes universitárias” (FREITAS, 2019) e “Lazer sério e *crossfit*: as características da identidade guerreira em atletas amadores” (HEUER, 2019). Pacheco (2012) associou a prática esportiva ao lazer sério não só pela seriedade do investimento no esporte, como também pelo conjunto de habilidades, conhecimentos e experiência específicos para assumir um lugar junto ao grupo.

Associando lazer sério e envelhecimento, encontrei os estudos de Oliveira, Pacheco e Felau. Oliveira (2010, 2016) estudou o lazer sério associado ao envelhecimento com corredores de rua e Pacheco (2012) explorou o lazer sério com uma equipe máster feminina de voleibol. Oliveira (2010) em seu primeiro estudo categorizou o lazer dos corredores na perspectiva do lazer sério e no segundo centrou-se no conceito de carreira (2016). Felau (2018) desenvolveu seu estudo tendo por objeto a prática do canto coletivo em um grupo da terceira idade concluindo que essa prática pode desenvolver o envelhecimento autônomo e bem-sucedido de seus participantes na medida em que funciona como um lazer sério, isto é, um ambiente propício para adquirir e aprimorar saberes, habilidades e experiências de maneira prazerosa, mas coletivamente empenhada.

Minhas indagações sobre o tema geraram o seguinte problema: Como e por que os idosos em um espaço de lazer se associam e aderem a uma prática musical que requer compromisso e investimento?

É com o objetivo de compreender a prática musical de um grupo de idosos no contexto do lazer que se desenvolveu esta pesquisa tendo por objetivos específicos:

1. **recuperar** a história da criação do grupo de percussão;
2. **desvendar** os significados atribuídos pelo grupo pesquisado à prática musical;
3. **investigar** sobre a adequação da perspectiva teórica do lazer sério para o estudo;
4. **precrutar** sobre como o lazer sério contribui para a sociabilidade e identidade social do grupo de entrevistados.

A prática musical não é a única atividade desenvolvida por este grupo no contexto do lazer uma vez que estão vinculados a um projeto com atividades físicas, culturais e sociais. Observando que há uma diferença na forma como se vinculam às atividades e a dedicação dispensada às mesmas passamos a considerar a prática musical como atividade central e buscar a explicação em uma teoria que correspondesse a essa peculiaridade, onde o desafio e

o compromisso se sobrepõem a outras possibilidades existentes no lazer como o prazer, a satisfação e a ludicidade. Pensar lazer sério é refletir sobre a forma que essas pessoas se vinculam a atividade de lazer.

Lancei-me, então, ao desafio de compreender esta prática musical desenvolvida em um tempo livre destinado ao lazer, que se orienta por resultados, aprendizagem e sucesso e se constitui como um “mundo social” (UNRUH, 1979; 1980) específico. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, exploratória, voltada ao universo dos significados, motivações, crenças, valores e atitudes (DESLANDES et al., 1994).

Como diz Chizzotti:

[...] o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa. (2003, p. 221).

Significados, motivações, crenças, valores e atitudes são objetos de estudo na etnografia para a compreensão do grupo estudado, em uma relação direta com o trabalho de campo, daí a minha opção por esta metodologia de trabalho.

Para tal tornou-se necessário olhar o grupo sob a influência de autores da antropologia para tentar “ler por sobre os ombros” (GEERTZ, 1989, p. 212) de seus integrantes entendendo sua cultura como um conjunto de textos e a “olhar de perto e dentro” como sugere Magnani (2002), tarefa nada fácil. Esta metodologia de trabalho por si só já é um desafio, pois como a define Winkin, ela é ao mesmo tempo uma arte e uma disciplina científica que exige “saber ver”, “saber estar com”, com outros e consigo mesmo quando está com outras pessoas e, ainda, “saber escrever” para transmitir a terceiros o que você estudou (1998, p. 132).

A etnografia é uma forma adequada ao pesquisador que está em busca dos significados que os protagonistas atribuem às atividades que praticam. Assim sendo, a descrição etnográfica apresenta como princípio a interpretação dos discursos sociais e a análise dos mesmos (LAGE, 2009). A escolha do grupo foi propícia a metodologia escolhida porque, segundo Winkin (1998), possibilitou a sistematização da observação, pois dispunha de local fixo e encontros semanais aos quais eu poderia comparecer sempre que necessário.

O trabalho de campo foi utilizado como uma técnica de pesquisa, como um modo de buscar novos dados, mas com uma perspectiva pessoal e autêntica do problema a ser estudado (DA MATTA, 1981), qual seja, como e por que os idosos aderem a uma prática musical como

lazer que requer compromisso e investimento. Tinha em mente os seguintes questionamentos: Que significados atribuem a prática musical? Como a prática musical se insere em suas vidas, é através do lazer? Como os significados se manifestam e constituem um universo cultural particular? Em que medida a música praticada como lazer é orientada pela lógica da “terceira idade”? Quando iniciei o trabalho de campo em setembro de 2018, o qual estendeu-se até dezembro do ano seguinte, não tinha muita clareza quanto ao problema a ser estudado, os questionamentos giravam em torno das relações do grupo com a música, o tempo e o lazer. Neste período que acompanhei o grupo participei de suas aulas/ensaios e apresentações. Daí a importância do diário, que é um dos instrumentos utilizados na etnografia para o registro das observações o qual pode ser revisitado frequentemente. São as anotações sistemáticas do que se vê e ouve entre as pessoas com quem compartilhamos certo tempo de suas vidas cotidianas e também serve de encadeamento para ações futuras (ROCHA; ECKERT, 2008). Nele registrei tudo o que vi e ouvi durante as observações.

Até então, o meu olhar para este grupo era “de fora e de longe”, usando os termos de Magnani (2002), conhecia todos os integrantes do grupo, acompanhava o seu trabalho a distância. Mas, com a decisão de desenvolver a pesquisa definindo-o como campo, a abordagem mudou, passei a “olhar de perto e de dentro”. Entretanto, o olhar distanciado ao longo da prática etnográfica é indispensável para complementar a análise de forma que as anotações adquiram um sentido, como recomenda o próprio autor, o que só é possível com o referencial teórico.

Pode-se dizer que havia uma certa familiaridade de minha parte com o campo a ser investigado, no convívio com aquelas pessoas, mas, como disse Velho “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido” (DA MATTA, 1978, p. 39). Segundo Da Matta (1978) é necessário “transformar o familiar em exótico” (p. 28) o que pressupõe um desligamento emocional e é preciso reconhecer que a dinâmica das pessoas naquele grupo, naquele contexto específico, era um universo particular.

Era necessário estranhar o que me parecia familiar, era necessário confrontar as minhas ideias preconcebidas sobre o grupo e seu desempenho para me aproximar dos significados de determinadas ações e comportamentos. Somente com as leituras isto se tornou possível e aos poucos fui aprendendo a estranhar, a transformar o familiar em exótico. Esta não é uma tarefa fácil, como abstrair daquela rotina de todas as quintas-feiras os elementos essenciais para a sua compreensão, como interpretar os seus significados, como estranhar alguma regra social?

Para complementar a compreensão quanto aos interesses, escolhas e experiências de cada um utilizei a entrevista compreensiva (KAUFMANN, 2013), na qual o mais importante é que seja estabelecida uma dinâmica de conversação, sem que haja uma ordem de perguntas, podendo ser utilizado apenas um roteiro de forma a assegurar que os entrevistados falem sobre o tema proposto, sem necessariamente seguir a uma ordem de perguntas. A este tipo de entrevista individual, semiestruturada, Gaskell (2008, p. 64) denomina de entrevista de profundidade, pela função que desempenha auxiliando na compreensão da vida dos entrevistados.

Foi difícil, nas entrevistas, fazer com que os entrevistados se ativessem ao tema proposto. Com frequência eu precisava reconduzir a conversa para que voltassem a falar sobre a sua experiência com a prática musical ou com a banda, porque falavam muito sobre a sua participação no projeto CELARI e até sobre sua história de vida, pouco se atendo ao lazer. Isto ocorreu, principalmente, nas entrevistas mais longas. Segundo Kaufmann (2013), os entrevistados não se limitam a dar informações, eles se envolvem e começam a falar sobre si mesmo. Entretanto, podem não ter dito exatamente o que eu esperava, mas de certa forma serviu para que eu pudesse conhecê-los melhor e a partir daí compreender e abstrair suas intenções e interesses.

Não consegui entrevistar a todos, seriam dezessete, pois foi difícil agendar horários conciliando disponibilidade de tempo e de lugar, mas aproveitei todas as oportunidades para conversar e obter informações de cada um, inclusive uma conversa em grupo, sem a pretensão de considerar um grupo focal. Mas independente da quantidade, como diz Gaskell “é através do acúmulo de informações conseguidas a partir de um conjunto de entrevistas que podemos chegar a compreender os mundos da vida dentro de um grupo de entrevistados” (2008, p. 72-73) e para isso julgo ter reunido informações satisfatórias. As entrevistas foram agendadas e realizadas em salas de aula quando disponibilizadas para o horário solicitado. Foram realizadas 10 entrevistas individuais com 10 dos 17 participantes da banda, com a duração de 30 a 90 minutos, tendo sido gravadas e transcritas.

Quadro 1 – Entrevistas realizadas

Jane	22/09/18	50 min	Sala de aula
Carmen	16/10/18	60 min	Sala de aula
Solange, Violeta, Iara, Jane e Olinda	13/11/18	45 min	Sala de aula
Solange	01/08/19	55 min	Sala de aula
Rosa	07/08/19	90 min	Sala de aula
Edna	12/08/19	30 min	Sala de aula
Mauro	22/08/19	50 min	Galpão
Regina	13/09/19	50 min	Sala de aula
Jane	04/10/19	32 min	Sala de aula
Nilda	09/11/19	28 min	Sala de aula
Celia	11/12/19	90 min	Sala de reuniões
Violeta	18/12/19	110 min	Sala de reuniões

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A partir das observações realizadas em campo e da transcrição das entrevistas realizadas, iniciei o trabalho de análise dos dados. A análise dos dados consistiu basicamente na interpretação e explicação dos dados recolhidos, em articulação com a teoria. Esta, para Kaufmann (2013) é a fase mais importante da investigação, a de análise do material, instante em que o pesquisador, após ter contemplado todo seu material, decide tratar do seu conteúdo. Segundo ele, esta fase é geralmente definida pelo termo de “análise de conteúdo” que ele procura evitar por ter um sentido muito preciso e mais ligado à utilização de técnicas do que à construção do objeto. “O resultado não depende do conteúdo, simples matéria-prima, mas da capacidade analítica do pesquisador”, afirma Kaufmann (2013, p. 119).

Kaufmann (2013) recomenda a utilização de fichas na investigação do material, com transcrições parciais e anotações pertinentes, entretanto, reconhece que a tendência é o trabalho com transcrições integrais, posteriormente decupadas, anotadas, etc., e esta foi a minha tendência. Reconhecendo que as sensibilidades na escrita e na oralidade são diferentes entre as pessoas, admite que cabe a cada um estabelecer a técnica que lhe parece mais eficaz e com a qual se sinta mais à vontade.

Relendo as entrevistas, organizei-as por temas conforme o conteúdo se apresentava o que auxiliou para a organização dos capítulos. Na análise, procurei descrever e interpretar o que as pessoas fazem em determinado ambiente que é a proposta da pesquisa etnográfica de acordo com Wielewicky (2001) e inspirada em Minayo (2014) não deixei de contemplar o contexto sócio-histórico do grupo social estudado a fim de compreender sua história e seu ambiente.

Com esta tese não proponho um novo paradigma, mas sim aprimorar a compreensão de um fato conhecido por todos, qual seja a prática musical por idosos no contexto do lazer,

gerando com isso um “modelo societal” nos termos de Kaufmann (2013), quando associado a uma perspectiva teórica, a do lazer sério, suscetível de ser discutido em novas investigações.

A perspectiva teórica do lazer sério incorpora teorias de outras áreas como da psicologia e sociologia possibilitando a compreensão de fenômenos atuais como a sociabilidade e a identidade, característicos da sociedade moderna e que estão presentes quando o envelhecimento e o lazer são compreendidos como construções sociais.

Esta tese traz a possibilidade de refletir sobre o campo do lazer em uma perspectiva que ultrapassa a posição teórica já consolidada pela lógica da contraposição entre trabalho e lazer e introduz novos elementos considerados pertencentes ao mundo do trabalho como dedicação, esforço máximo, repetição, carreira, seriedade, sem prejuízo do prazer e da satisfação já reconhecidos. Se a perspectiva do lazer sério não consegue explicar tudo, ela oferece elementos explicativos adequados para determinadas formas de lazer ampliando as possibilidades de análise das pesquisas com atividades que se situam fora de visões clássicas de lazer. Com isto justifica-se a importância desta tese que trará novas contribuições para o estudo do lazer e envelhecimento.

A estrutura da tese compreende 6 capítulos incluindo-se esta introdução que apresenta o tema de estudo, os objetivos e os aspectos metodológicos, buscando destacar a relevância da temática estudada.

No capítulo 2 apresento o contexto social onde se desenvolve a pesquisa que é o projeto de extensão CELARI – Centro de estudos do lazer e atividade física para idosos – da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UGRS, que oferece atividades físicas, culturais, socioeducativas e sociais para 240 idosos, visando contribuir para uma melhor qualidade de vida.

A apresentação dos sujeitos participantes da pesquisa é feita no capítulo 3 “Entrando no galpão”. Trata-se da banda de percussão “Só ritmos”, composta por 17 integrantes de 64 a 93 anos de idade, sendo 2 homens e 15 mulheres oriundos do projeto CELARI.

No capítulo 4, “Desafiando a idade, rompendo preconceitos: vamos fazer uma banda?”, faço um breve histórico sobre o surgimento da “Terceira Idade” evidenciando a contribuição da aposentadoria para uma maior visibilidade dos idosos que passaram a ocupar novos espaços sociais, adotando novos estilos de vida e reconstituiu a história da criação da banda “Só ritmos” a partir das entrevistas e registros de imagens.

No capítulo 5 a prática musical de percussão é considerada uma atividade de lazer e na reflexão sobre o tema repasso as diferentes perspectivas teóricas sobre o lazer culminando

com a “Perspectiva teórica do Lazer Sérió”, desenvolvida por Robert Stennins, escolhida para a compreensão da prática musical no contexto do lazer.

Sob o título de “Nos bastidores da banda”, capítulo 6, me proponho a investigar esse universo particular que é o mundo social do grupo de percussão. A banda é um grupo organizado por seus próprios integrantes, com encontros semanais sistemáticos e que por serem da mesma categoria etária desenvolvem uma sociabilidade intrageracional. Esta forma de sociabilidade, que se dá entre iguais, é um fenômeno próprio da sociedade atual e que se deve em grande parte a criação da “terceira idade”.

Por fim, nas considerações finais perpassando a trajetória da pesquisa retomo os aportes teóricos que contribuíram para a discussão do objetivo desta tese e desenvolvo algumas reflexões que emergiram do processo da pesquisa, procurando acrescentar novas possibilidades de análise com diferente perspectiva teórica de lazer.

Atendendo aos preceitos éticos foi obtido junto aos participantes o Termo de Consentimento Informado de uso de entrevistas e imagens. (APÊNDICE).

2 O CONTEXTO SOCIAL ONDE SE DESENVOLVE A PESQUISA: O PROJETO DE EXTENSÃO CELARI

O projeto de extensão CELARI – Centro de Estudos do Lazer e Atividade Física para idosos, na ESEFID/UFRGS, foi criado em junho de 1999, com o objetivo de proporcionar atividades físicas, culturais, socioeducativas e sociais visando contribuir para uma melhor qualidade de vida dos idosos. Ao longo dos anos vem oferecendo atividades físicas na forma de oficinas aquáticas (natação, hidroginástica e jogging aquático), oficinas de ginástica funcional, musculação, dança e equilíbrio. São desenvolvidas também atividades culturais e socioeducativas na forma de oficinas com temas diversificados para atender aos interesses dos próprios idosos. Todas as oficinas são desenvolvidas com a sistemática de aulas semanais de segunda a quinta-feira, com exceção das oficinas culturais que são uma vez por semana. A sexta-feira é o dia destinado as atividades sociais.

As oficinas são ministradas por acadêmicos de diferentes áreas justificando uma abordagem interdisciplinar pautada no reconhecimento de que o envelhecimento e a sua complexidade resultam da mútua dependência entre os aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais que interagem no ser humano. Nas atividades culturais, socioeducativas e sociais destaca-se como premissa básica o protagonismo da pessoa idosa, valendo-se da sua experiência para a introdução de diferentes atividades a serem por eles organizadas e desenvolvidas sob a minha coordenação.

Para o desenvolvimento de suas atividades o projeto dispõe de duas salas para uso próprio e de um porão para a guarda dos materiais. Uma sala abriga as funções de secretaria, sala da coordenação, sala dos professores e sala de reuniões, concomitantemente. Os professores são acadêmicos dos cursos de Educação Física, Fisioterapia, Dança e de outros cursos, pois como projeto de extensão constitui-se em espaço para estágio curricular. Já tivemos alunos dos cursos de teatro, museologia, serviço social, nutrição e fonoaudiologia, ministrando oficinas de diferentes naturezas para os idosos. A outra sala destina-se ao encontro dos idosos fora dos horários de oficinas, é nesta sala que conversam, preparam café, assistem televisão e por isso é denominada “sala de convivência”. Zabaleta (2012), em sua dissertação de mestrado, disse que a sua impressão ao entrar nessa sala era a de estar entrando na casa da vó pelo cheiro de biscoitos, bolos e café passado na hora. Mobiliada com sofás e poltronas, mesa redonda e cadeiras, torna-se uma ambiente acolhedor para os participantes do projeto que dela cuidam como se fosse sua casa. Tem cafeteira, micro-ondas e geladeira. As oficinas são realizadas na piscina; nas salas de aula que são de uso comum a todas as

atividades da faculdade incluindo-se as atividades acadêmicas e em uma sala específica para atividades físicas com horário reservado para o CELARI, porque também é utilizada por outros projetos de extensão e atividades acadêmicas.

O perfil dos idosos do projeto mudou ao longo dos anos, elevando-se a idade média dos participantes que hoje está em 76 anos, o que veio requerer duas importantes mudanças. Uma diz respeito ao critério de elegibilidade que, para adequar-se a demanda, ou seja, a procura cada vez maior por pessoas mais velhas, a idade mínima para ingresso passou a ser 60 anos, até então era 50. A outra está relacionada a programação, introduzindo-se atividades voltadas a pessoas mais velhas e com fragilidades físicas, desenvolvidas em oficina específica para idosos com mais de 70 anos.

Atualmente o projeto atende a 240 idosos, sendo que ao longo de 20 anos de existência já passaram mais de 800 idosos, número este que precisa ser recuperado manualmente por perda de dados anteriores a 2008 por avarias em computadores, entretanto, observa-se que há rotatividade, mas não muito expressiva, visto que uma grande parte dos participantes está há mais de dez anos.

De acordo com o perfil socioeconômico realizado anualmente verifica-se a heterogeneidade do grupo de participantes do projeto CELARI, conforme dados abaixo apresentados:

Tabela 1 – Distribuição dos participantes do projeto por grupo etário

Grupos etários	Número absoluto	Percentual
60 a 64	22	9,1
65 a 69	58	24,1
70 a 74	59	24,5
75 a 79	48	20
80 a 84	31	12,9
85 a 89	17	7
+ 90	5	2
Total	240	100

Fonte: Questionário perfil sociodemográfico CELARI 2017.

Uma das características do projeto, desde sua criação, é estimular o protagonismo dos idosos acolhendo suas iniciativas e estimulando suas ações. Esse protagonismo foi uma das características do projeto evidenciada por Zabaleta (2012) no estudo etnográfico que

desenvolveu propondo-se a compreender o que significa e como se vivencia a velhice dentro do Centro de Esporte, Lazer e Recreação do Idoso – CELARI. Assim, temos três subgrupos em atividade sob a coordenação e organização dos próprios participantes do projeto: grupo de canto, grupo literário e grupo de percussão.

O grupo de canto foi criado no ano 2000 por iniciativa de duas integrantes do projeto CELARI, a Carmen e a Gilka, que juntas decidiram fazer este grupo e consultaram a coordenação (eu e a professora Dináh) que lhes deu todo o apoio. A Carmen, no caso, é professora de música aposentada e passou a coordenar e ministrar aulas para um pequeno grupo de participantes do CELARI com o apoio da Gilka. Este grupo permanece até hoje sob a coordenação da Carmen. Reúnem-se duas vezes por semana às 16 horas, após o horário das oficinas de atividades físicas.

Tempos depois, da mesma forma, foi criado o grupo literário. A Sonia, participante do CELARI com experiência nesta área, pois fizera o curso de Letras e já publicara um livro de poesias, disse que queria organizar oficinas literárias com os participantes do CELARI e publicar um livro para registrar as vivências, a passagem pelo projeto, enfim, deixar um pouco da história. Até hoje as oficinas literárias acontecem sob a coordenação da Sonia e com a minha assessoria. De 2007 a 2019 editamos 6 livros, reunindo os textos produzidos pelos idosos do projeto.

O grupo de percussão, que é o nosso objeto de pesquisa, partiu da iniciativa da celariana Regina unindo-se ao grupo de canto, foi crescendo e tornou-se independente deste. Ela escreveu um texto para o sexto livro do CELARI contando esta história e abaixo transcreveremos uma parte:

Uma celariana, no caso eu, resolveu aprender percussão depois que se aposentou. Isto foi em 2004. Tive sorte, consegui aprender a tocar quase todos os instrumentos em 8 anos, tendo aulas com o Fernando do Ó Neto II, um dos melhores percussionistas do Rio Grande do Sul e até mesmo do Brasil, que hoje mora na Bahia, onde está fazendo muito sucesso.

Comecei aprendendo o bongô, depois o pandeiro, que ganhei no Dia das Mães, seguindo-se o tantan, cajon e tantos outros que comprei. O marido e as filhas quase enlouqueceram, pois treinava à noite. Tocava até a meia-noite e os vizinhos até gostavam, não reclamavam, mas fechavam suas janelas para poderem dormir.

Aí, muito entusiasmada, e com os instrumentos que comprara, comecei a insistir com as colegas para aprenderem percussão. Até consegui formar um grupo com outras cinco celarianas e tocávamos com o grupo de canto do CELARI. Contratamos um professor e a banda cresceu, hoje somos 17 componentes.

Pelas características do grupo, são 17 pessoas fazendo barulho com seus instrumentos musicais, seu local de reunião é o galpão. Localizado no pátio do Campus Olímpico da UFRGS, é afastado dos prédios que abrigam salas de aula e do prédio das piscinas onde fica o CELARI. Todas as quintas-feiras, dia de encontro desse grupo, alguns integrantes chegam cedo, retiram os instrumentos do porão e transportam para o galpão em seus carros.

3 ENTRANDO NO GALPÃO: APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

O galpão é o local de encontro da banda para suas aulas de música e ensaios, e também para as festas que são momentos de confraternização, do grupo de percussão e do CELARI.

A banda é composta por 17 integrantes de 64 a 93 anos de idade, sendo 2 homens e 15 mulheres, todos oriundos do projeto CELARI.

Quadro 2 – Identificação dos participantes da pesquisa

Identificação	Sexo	Idade	Estado civil	Profissão exercida	Instrução	Ingresso no Celari
Ana	F	77	Viúva	Cantora	Superior	Nov 2006
Carmen	F	81	Viúva	Professora	Superior	Out 1999
Celia	F	76	Divorciada	Psicóloga	Superior	Ago 2012
Dulce	F	71	Viúva	Func. pública	Técnico	Jul 2006
Edna	F	72	Casada	Dona de casa	Segundo grau	Jun 2001
Felipe	M	81	Casado	Policia civil	Superior	Jul 2012
Iara	F	64	Casada	Dona de casa	Segundo grau	Abr 2012
Jane	F	69	Divorciada	Comércio	Segundo grau	Mar 2000
Mauro	M	74	Casado	Policia militar	Superior	Out 2006
Nilda	F	76	Casada	Professora	Magistério	Abr 2002
Olinda	F	93	Viúva	Dona de casa	Segundo grau	Mar 2012
Péia	F	79	Viúva	Professora	Superior	Mar 2002
Regina	F	76	Casada	Professora	Superior	Mar 2000
Rosa	F	71	Viúva	Dona de casa	Segundo grau	Jul 2000
Solange	F	72	Divorciada	Comércio	Segundo grau	Mar 2002
Violeta	F	71	Casada	Dona de casa	Segundo grau	Ago 2006
Zenia	F	73	Divorciada	Prof. de música	Superior	Mai 2013

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Vou fazer a apresentação do grupo começando pela Regina.

Por que começar pela Regina? Porque ela é a mentora do grupo, se não fosse ela não existiria a banda como dizem seus colegas. Antiga no projeto, porque chegou em 2000, professora aposentada, está com 76 anos. Desde que se aposentou resolveu aprender a tocar instrumentos de percussão e na banda toca o bongô, tumbadoras e bumbo leguero, todos da categoria de tambores, instrumentos que tem que carregar para cima e para baixo, mas sempre com a ajuda de outros.

Com a mentora Regina fazem parte do grupo embrião da banda a Rosa, a Jane, a Solange, a Edna a Dulce e a Violeta. Elas tiveram uma vida de artista dançando no grupo de dança do CELARI, apresentando-se em diferentes palcos e eventos inclusive concursos de dança. Terminado o grupo, se mantiveram unidas e tocaram adiante a ideia da banda.

A Rosa chegou ao CELARI através da Jane, são comadres. Nunca tocou um instrumento musical, nem fez aula de música. Mas no CELARI se integrou ao grupo de canto e o da dança que como ela diz é a sua paixão. Está com 71 anos de idade e, ingressou no projeto com 51. Não precisou esperar pela aposentadoria porque não trabalhava. Na banda toca o afoxé ou age, instrumento composto de uma cabaça redonda coberta com uma rede de bolinhas de plástico, alternando com a clave. Faz o *backing* vocal e, como são instrumentos leves permitem que ela faça o que mais gosta que é dançar, assim acompanha o ritmo da música com o corpo enquanto toca e canta.

Sua comadre Jane, também é muito entusiasmada com a banda que ajudou a constituir. A Jane também é das mais antigas do CELARI, começou suas atividades no ano 2000 e hoje está com 69 anos de idade. Trabalhou no comércio com o marido, mas não se aposentou. Vendida a loja, se dedicou as tarefas domésticas e ao cuidado dos filhos. Como mora próximo da ESEFID durante muitos anos participou dos projetos de extensão de natação. Migrou para o projeto CELARI assim que soube de sua criação e ela tinha apenas 49 anos. Adora seu tantã, uma espécie de tambor. É uma grande animadora da banda e nas apresentações comunicando-se com o público através de gestos incentiva todos a levantar e dançar.

A Solange é da mesma época que elas, mas não se conheciam antes. Chegou logo depois em 2002, mas logo se enturmou, entrou no grupo de dança, no coral e aderiu a ideia de fazer uma banda. Aposentada, queria preencher seu tempo livre, pois não tinha o que fazer em casa, como ela mesma diz. Sua experiência com música se reporta a infância, quando seu pai comprou um acordeon e ela devia aprender a tocar. Não gostou e suas aulas duraram pouco, odeia acordeon. Mas na banda aprendeu a tocar o surdo, que é o tambor cilíndrico de som grave que comanda o espetáculo anunciando o início das músicas. Ela se sente muita segura e diz que está com um ótimo ouvido para a música.

A Edna também faz parte do embrião da banda, pois estava no CELARI desde 2001. Hoje não faz mais parte do projeto, mas continua na banda. Está com 71 anos de idade e sua experiência com música é recente, pois estava aprendendo a tocar teclado quando começaram com a banda. Entusiasmada com a ideia logo comprou um pandeiro. Os instrumentos que toca são importantes para os ritmos de samba e forró porque toca pandeiro e triângulo.

Das mais antigas do CELARI é a Carmen que está no projeto desde o ano de sua criação, ou seja, desde 1999. Hoje com 81 anos, chegou ao projeto quando estava se aposentando, com 62 anos de idade. É a coordenadora do coral conforme já mencionado. Professora de música em escola, já aposentada tem sua contribuição na criação desta banda. Sabe o xquerê, aquele instrumento feito de cabaça ou porongo seco cortado em uma das

extremidades e envolto por uma rede contas, é o que ela toca e também o tamborim. Agora também está ensinando algumas celarianas a tocarem violão.

Do embrião da banda a Violeta é a mais nova do CELARI que se agregou a este grupo, ela ingressou no CELARI em 2006 e de cara já foi para o grupo de dança. Tem 71 anos de idade e parou de trabalhar para cuidar da filha, por isso não é aposentada. Sem nenhuma experiência com música, gosta de desafios, então decidiu que iria aprender a tocar. Seus instrumentos são o agogô e o pandeiro meia-lua. Batendo nos dois cones ocios com baquetas de madeira (agogô) faz a marcação do ritmo e, em outras vezes, sacudindo seu pandeiro meia-lua faz o acompanhamento. Junto com a Rosa, a Nilda, a Iara e a Violeta fazem o *backing* vocal, ou seja, o coro de fundo.

A Nilda gosta muito de música, participou quando criança do coral e da banda da escola, onde tocou tarol e caixa. Desde que entrou no CELARI está no coral com a Carmen e depois entrou na banda, ocasião em que voltou a aprender a tocar. Está com 76 anos de idade e no projeto desde 2002. Professora aposentada gosta de fazer tudo certinho, manejando o pandeiro meia-lua e seu ganzá que é um tipo de chocalho feito com um tubo de metal em formato de cilindro, preenchido com grãos ou areia.

A mais nova da banda é a Iara, tem 64 anos de idade e ingressou no CELARI em 2012. Faz o coro de fundo também, tocando seu pandeiro meia-lua. Sua companheira é a mais velha do grupo, a Olinda. Conta que espiando o ensaio da banda com a Olinda elas foram convidadas a entrar e como ela fala “nós dizíamos toco isso, toco aquilo, toco pandeiro, mas não tocávamos nada”. São vizinhas, entraram juntas no projeto e na banda, chegam e saem juntas, estão juntas também no coral da Carmen e estão aprendendo a tocar violão com ela.

A Olinda está com 93 anos de idade. Seu instrumento é o pandeiro. Se sabia alguma coisa de música é porque tocava órgão, instrumento que não tem familiaridade com os ritmos das músicas tocadas pelo grupo de percussão por isso migrou para o pandeiro, fazendo uma parceria com o Felipe. Extrovertida, até samba (dança) enquanto toca, fazendo a alegria da festa.

O Felipe, seu companheiro de pandeiro, chegou ao projeto em 2012 e sabendo que tinha um grupo musical já foi dizendo que queria participar. É policial aposentado e é uma pessoa como costumamos dizer, reservada. Hoje, está com 81 anos, toca pandeiro apaixonadamente e já tem uma pequena coleção de pandeiros que compra ou que ganha de presente, pois seus familiares e amigos sabem desta sua paixão. Dizem seus colegas de banda que ele estuda em casa com o computador. Tocar pandeiro aprendeu agora, mas sempre gostou de tamborilar nas mesas.

Já que falamos do Felipe, vamos falar do Mauro, pois são os dois únicos homens do projeto, afora o professor. O Mauro está na banda desde a sua primeira composição, pois já estava no projeto, ingressara em 2006 e fora convidado pela Regina. Sem nenhuma experiência musical foi logo dizendo que elas tinham interesse em um marmanjo para carregar os instrumentos. Espirituoso não é? Mas de uma formação rígida, é militar aposentado. Hoje, com 74 anos de idade está realizado, tocando o rebolo, instrumento que carrega e brinca dizendo: não sou músico, mas sim carregador de instrumento.

A Celia chegou ao projeto em 2012, já aposentada e está com 76 anos de idade. Fez o curso de psicologia e trabalhou no INAMPS. Mesmo tendo músicos na família, seu avô e seu tio que tocavam gaita, nunca aprendeu a tocar um instrumento. Veio a aprender neste grupo no qual ingressou muito mais pela ocasião, foi convidada, do que pelo interesse em aprender a tocar. Hoje domina o tantã que é o seu instrumento e pode-se ver a expressão de satisfação ao tocar.

A Péia também faz parte da primeira composição da banda, que é quando contrataram um professor. É integrante do coral da Carmen e também participou do grupo de dança do CELARI que se apresentava em eventos. Tem 79 anos e está no CELARI desde 2002. Tem um filho que é músico, mas como os outros integrantes, só aprendeu a tocar quando entrou na banda. Toca cajón, reco-reco e as vezes aparece com uns instrumentos diferentes, não sei, acho que compra em suas viagens, ela adora viajar. Onde está a Péia hoje? Não sei, Itália talvez, França quem sabe. É assim que o grupo se refere a ela.

Na banda há duas professoras de música aposentadas. Já falei da Carmen, então vou apresentar a Zenia que é uma das mais novas integrantes da banda. Ingressou no CELARI em 2013 e não é difícil adivinhar porque ela está no grupo de percussão onde tem interesse em tocar diferentes instrumentos. Toca piano e acordeon. Hoje, com 73 anos de idade a música continua sendo a sua paixão e na banda dá um toque todo especial com a sua experiência tocando a caixa que é um complemento da bateria.

Ainda não apresentei as cantoras da banda, pessoas experientes que se revezam no solo conforme o ritmo, alternando sua participação com os instrumentos musicais que tocam.

A Dulce entrou no CELARI em 2006 e hoje está com 71 anos de idade. Tinha se aposentado, então procurou o grupo, junto com seu marido, para fazer atividade física. Casal muito participativo que logo se enturmou. Ela faz parte da primeira composição da banda, inclusive seu marido também participou. Assim como gosta muito de samba e toca pandeiro, também canta no coral da PUC o que lhe exige muito trabalho de voz. Alterna sua posição de cantora na banda com a Ana.

A Ana é cantora profissional, faz parte de um trio com dois amigos que tocam violão e teclado em casas noturnas. Na banda ela canta bolero, músicas latinas e gauchescas e também toca o tantã, uma espécie de tambor. Tem 77 anos e entrou no CELARI em 2006 através da Regina que é sua amiga e que a convidou para a banda por interesse, como ela mesmo admite, afinal é cantora.

Decidido que a minha pesquisa seria com este grupo eu precisava conversar com eles, expor minhas ideias e solicitar o consentimento. Assim o fiz. Após acompanhar da minha sala de trabalho o movimento de algumas integrantes transportando os instrumentos para o galpão me dirigi para lá.

Isto acontecia todas as quintas-feiras pela manhã. Solange, Rosa e Violeta chegavam mais cedo, por volta de 8 horas, para pegar a chave do galpão na secretaria e pegar os instrumentos musicais no porão, carregá-los até o carro e transportá-los até o galpão. Eram instrumentos grandes e algumas sacolas com instrumentos menores, microfones, caixas de som e também o material para o café e chá, cafeteira, xícaras, etc. Chegando ao galpão os colegas ajudavam a tirar as coisas do carro e a montar os instrumentos, caixas de som e microfones. Enquanto isto, a Violeta fazia o café e a Rosa arrumava a mesa para o lanche no intervalo da aula. Essa era a rotina para as aulas/ensaio com horário previsto das 9 às 11 horas, mas que depois acordaram que o início seria às 9h30 porque sempre alguém chegava atrasado.

Este espaço/tempo, todas as quintas-feiras no galpão, que comportam na rotina do grupo, sua dinâmica, atos e interrelações, pode ser caracterizado como “mundo social” (UNRUH, 1979, 1980) pelas suas características, digamos que um pequeno mundo social especial. É uma unidade de organização social constituída por uma constelação de atores reunidos em torno de uma prática, que não tem uma estrutura de autoridade centralizada, nem território espacial delimitado e sua comunicação se dá por meio informal. Seus encontros no galpão não definem a sua existência porque podem continuar se encontrando em qualquer outro lugar e até com outros atores mantendo o mesmo objetivo.

Aqui cabe explicar que a banda não está vinculada formalmente ao CELARI, apenas os seus componentes. Há sim um reconhecimento pelo projeto de sua existência e total apoio. Como apoio, destaco a intermediação para a concessão de um espaço físico no campus da universidade para seus encontros e na mediação dos convites para apresentações em público representando o projeto. Entretanto, a admissão de novos integrantes, o pagamento de um professor e demais recursos para a manutenção da banda são de responsabilidade do próprio grupo.

Enquanto caminhava até o galpão e por ocasião da minha chegada, fui cumprimentando a quem encontrava no caminho e, alguns, aproveitavam a ocasião para expor os seus problemas.

A primeira foi a Dulce, ainda no caminho, que contou que não está vindo frequentemente ao projeto para as atividades físicas porque sua filha está hospitalizada, vem somente nas quintas-feiras pela manhã porque é o dia do ensaio da banda. A gravidez de sua filha é de alto risco e está perdendo muito sangue, já sabem que são gêmeos e não tem previsão de alta hospitalar. Como a filha não aguenta mais a comida do hospital, ela todos os dias cozinha em casa e leva o almoço para ela.

Ao entrar no galpão encontrei a Violeta e perguntei como estava. Contou-me que seu marido já recebera alta hospitalar e que estava em casa se restabelecendo da cirurgia (câncer). Ela está retornando ao CELARI, ficou afastada por algumas semanas, mas virá somente duas vezes por semana porque precisa ficar em casa para cuidar dele, sabe que ele está abusando, nem um copo de água quer pegar. Virá nas terças e quintas-feiras para fazer suas atividades e almoçar com as “gurias” depois, porque “preciso disto” disse ela. Asurias são a Rosa, a Solange, a Celia e eventualmente a Regina, suas colegas de percussão.

A Nilda se aproximou de mim dizendo que me cumprimentara no caminho e que eu nem a vi, é que viera de *uber* e não no seu carro. Seu marido não pode lhe trazer porque está em tratamento médico, não podia dirigir e ela não dirige. Falou em detalhes sobre a doença e o tratamento oftalmológico.

Deste episódio pode-se abstrair que eu já tinha uma relação com os integrantes da banda, como coordenadora adjunta do projeto CELARI do qual elas participavam e, depreender que eu não teria dificuldade para que a minha proposta de pesquisa fosse aceita. Por outro lado, é possível dizer que eu estou tão próxima do grupo o que poderia dificultar o estranhamento, necessário quando se trata de pesquisa etnográfica. Entretanto, de acordo com Velho (2011) “ter familiaridade com fatos, situações e mesmo pessoas não significava conhece-las, pois se trata de outra ordem de significados” (p. 166). Conhecer, para o autor, requer um esforço de aproximação e distanciamento o que pode proporcionar uma compreensão mais complexa dos fenômenos em que estejamos envolvidos.

Aos poucos os demais integrantes iam chegando, ainda não começara a aula. Chegaram a Regina e a Jane, que sempre vinha de carona com ela. Olhei para fora do galpão e vi a Dulce sozinha. Aproximei-me e perguntei se estava aproveitando o sol. Ela explicou que estava fazendo aquecimento de voz, ela é uma das cantoras do grupo.

Quando todos estavam reunidos, falei ao professor que precisava justificar ao grupo a minha presença neste dia, explicando sobre a pesquisa de doutorado. Após expor minha intenção e perguntar se poderia contar com eles, todos concordaram.

Antes de começar a aula, propriamente dita, o professor falou que precisavam conversar porque tinham alguns convites para apresentações. Continuei ali na frente com ele participando da conversa porque eu tinha informações que poderiam esclarecer sobre os convites que ele iria anunciar, pois estes chegavam através da coordenação do projeto CELARI. Esta passou a ser a minha função na banda, intermediar os convites, esclarecendo quanto a natureza dos eventos, recursos necessários, etc.

4 DESAFIANDO A IDADE, ROMPENDO PRECONCEITOS: VAMOS FAZER UMA BANDA?

A música que escolhi como epígrafe desta tese comprova a existência de preconceito com relação a idade, não só pelas pessoas em geral, como pelo próprio idoso. O cantor George Jones lançou esta música no álbum *Walls Can Fall* em 1992 quando tinha 60 anos. O que ele diz na música? Que não precisa de cadeira de balanço, que o cabelo grisalho não significa nada, que o corpo é velho, mas não está danificado, que não está pronto para o ferro-velho, que ainda se sente como uma nova corveta e que ainda faz seu rock no palco. Em algumas situações percebi sentimentos semelhantes no grupo pesquisado quando diziam que era um bando de velhos tocando, mas ao mesmo tempo se orgulhavam do que eram capazes de fazer.

A velhice e o envelhecimento estão tendo uma visibilidade cada vez maior face aos fenômenos do envelhecimento populacional e da longevidade em todo o mundo. As pessoas que hoje envelhecem estão tendo novas experiências, atrevendo-se mais e com isto rompendo preconceitos. Um dos preconceitos é o de que idosos não aprendem mais. Mesmo com tantas experiências provando o contrário, como a de idosos que voltam a estudar formando-se em cursos universitários e pessoas mais velhas que começam a praticar esportes, o preconceito ainda existe. Até mesmo porque há diferença entre viver uma velhice saudável e uma com limitações físicas ou mentais. Com os programas e cursos para a “terceira idade” e a formação de grupos de idosos, vem sendo construída uma imagem de dinamismo social com visibilidade assegurada pela mídia. A tendência de agregação por grupos de idade que, na sociedade contemporânea, era comum entre os jovens na constituição de “tribos” (MAFFESOLI, 1998), hoje se dá entre os mais velhos. As universidades de terceira idade ampliam os espaços de sociabilidade que podem ser vistos como expressões territoriais da identidade coletiva que neles se formam.

Até a era moderna a velhice não fora identificada como tal, assim como apontou Ariès (1981) com relação a infância. Para Guillemard (2015) a invenção da velhice se deve aos sistemas de aposentadoria em uma política por idade instituída com a formação do Estado Moderno e depois com o Estado de Bem-Estar, que organizou o curso de vida de acordo com um modelo ordenado de três etapas sucessivas, claramente delimitadas: a criança na escola e dependente da família, o adulto trabalhador e o aposentado elegível para a pensão. O estabelecimento de uma idade para a aposentadoria sinalizou o fim da vida adulta e da vida profissional e estabeleceu o limiar de entrada na velhice.

Com a aposentadoria “a vida de trabalho não termina mais, unicamente devido a doença ou a morte, mas tem um fim legal que assegura o direito ao repouso” diz Dumazedier (1973, p. 24). A aposentadoria conquistada é um direito, no qual a inatividade do trabalhador deixa de ser uma responsabilidade tão somente doméstica e passa a ser objeto da gestão pública. Até então, o velho trabalhador precisava ser acolhido pela família ou pela comunidade, que por falta de alternativas eram obrigadas a encarregar-se do problema (BEAUVOIR, 1990).

De acordo com Lenoir (1979) foi durante a segunda metade do século XIX que a velhice começou a ser objeto de discursos e deu origem à criação de instituições específicas tais como os fundos de aposentadoria para a velhice e a especialização gradual de casas de repouso em asilos de pessoas idosas. Por isso a aposentadoria ainda pode ser considerada recente, pois resulta de um processo com lenta evolução que teve início ainda no final do século XIX e que foi consumada somente no século XX.

Desta forma, a aposentadoria se apresenta como uma opção social quando a inatividade é imposta aos velhos desqualificados com o progresso técnico, sendo, portanto, uma instituição da sociedade industrial moderna. Como um direito, existe em todos os países desenvolvidos ou não (SCHONS; PALMA, 2000). E para a velhice, institucionalizada como a terceira etapa do curso de vida, políticas de bem-estar foram gradualmente elaboradas para fornecerem serviços e instalações voltadas ao cuidado e ao lazer (GUILLEMARD, 2015). Na França, em 1962, foi publicado o primeiro relatório sobre idosos intitulado “Política de velhice”, contendo um plano de ação para integrar os idosos na sociedade, não se tratava de inclusão apenas pela renda, uma vez que o problema constatado fora a falta de integração social o que demandava agir sobre o estilo de vida da população que estava envelhecendo (GUILLEMARD, 2015; LENOIR, 1979).

Com a extensão da “Política da velhice” a toda a população idosa e com a instituição de sistemas de pensões e aposentadoria generalizada se desenvolve um sistema de instituições e agentes cuja função específica é o tratamento da velhice. Lenoir (1979) evidencia a contribuição dessas instituições para a invenção da terceira idade. Todo um mercado se desenvolve por grupos financeiros que, além de assegurar um rendimento mensal aos aposentados, ofereciam outras vantagens como programas de férias, clubes, preocupando-se com o tempo livre dos aposentados. Dumazedier (2008) referiu-se a este período dizendo que na França, entre 1955 a 1965, a reivindicação da redução da semana de trabalho para 40 horas e a diminuição da idade de aposentadoria para 60 anos demandaram novas iniciativas nas organizações do país para atender aos novos interesses da população que, com maior tempo

livre, careciam de mais atividades de lazer. Os aposentados representavam cerca de 17% da população em 1982 e em dez anos, foram criados 25 mil clubes de pessoas idosas.

Instala-se na França um mercado, diz Lenoir (1979), um sistema especializado na gestão da velhice e com ele novas designações que contrapõem-se as antigas formas de tratamento: terceira idade/ velhice; aposentadoria ativa/ aposentadoria passiva; asilo/ centro residencial; animador/ assistente social; gerontologia/ assistência social e indivíduo/ coletivo.

Na retrospectiva histórica torna-se evidente uma relação indissociável entre o fim do trabalho assalariado e o último estágio da vida, condição que vai mudando a medida que pessoas mais jovens começam a se aposentar tendo ainda muitos anos de vida para desfrutarem da condição de aposentados. É nesse contexto que surgem os grupos de idosos e as universidades abertas a terceira idade, principalmente, como forma de sociabilidade. Assim, a aposentadoria deixa de ser um período de descanso e de recolhimento para tornar-se a idade da atividade e do lazer (DEBERT, 1999). A terceira idade é uma nova etapa de vida criada entre a aposentadoria e a velhice.

A expressão “Terceira Idade” que se popularizou no Brasil ao longo dos anos 1990 tem sua origem na França com as universidades da terceira idade. A primeira foi criada em 1973 em Tolouse (DUMAZEDIER, 1994; DEBERT, 1999; CACHIONI, 2003). Em 1981 já eram 60 as universidades que organizaram atividades educativas particulares para os aposentados ou pré-aposentados, com diferentes denominações: entre elas a Universidade da Terceira Idade (Toulouse, 1973), Universidade “Inter-idades” (Grenoble, 1974), Universidade do “tempo livre” (Reims, 1976) (DUMAZEDIER, 1994).

No Brasil, as primeiras ações em universidades foram no âmbito da extensão universitária, ainda no início da década de 1980, mas se expandiram na década de 1990. Até então as primeiras ações voltadas aos idosos foram de iniciativa do SESC criando grupos de convivência na década de 1960, e posteriormente, seguindo modelo francês criaram as “escolas abertas a terceira idade” (CACHIONI, 2003). Também o governo teve iniciativa anterior a criação das universidades abertas a terceira idade, foi por ocasião da criação do INSS e suas ações grupais voltavam-se aos aposentados, tendo sido o programa de atendimento a idosos transferido para a Legião Brasileira de Assistência em 1976, estendendo suas ações também aos idosos de baixa renda independente de aposentadoria.

Hoje, podemos dizer que temos universidades abertas a terceira idade em praticamente todos os estados brasileiros, com esta denominação ou como ações no âmbito da extensão universitária. Com denominações e formas de organização diversas, todas têm um propósito

comum, rever estereótipos sobre a velhice, promover o bem estar, incentivar a autonomia, a integração e a livre expressão (CACHIONI, 2003).

O que resulta deste breve histórico é que a aposentadoria proporcionou um tempo livre e remunerado para os idosos, segmento que ganhou visibilidade ainda maior com o envelhecimento populacional que se sucedeu. Mas sua visibilidade se deve muito mais a predisposição à ocupação de novos espaços sociais pelos idosos e a aceleração de seu ritmo de vida. Com um novo estilo de vida, os idosos provocaram mudanças significativas na forma de viver a velhice, criando uma nova etapa no interior do espaço que separa a vida adulta da velhice, a terceira idade. Tal recorte pressupõe uma distinção entre jovens idosos e idosos velhos atribuindo diferentes imagens ao envelhecimento, uma que liga a terceira idade à continuidade da vida ativa através da autonomia e das práticas de sociabilidade e a outra à imagem tradicional de velhice, de decadência e perdas (PEIXOTO, 2006). E como diz Stebbins (2000), seja qual for a idade da aposentadoria, saúde e renda adequadas são fatores decisórios que determinarão as atividades com as quais os idosos poderão se envolver.

O grupo de percussão, em estudo, surgiu em um projeto de extensão da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - o CELARI - que oferece atividades físicas, culturais e sociais para pessoas a partir dos 60 anos através de oficinas ministradas por acadêmicos da Educação Física e de outros cursos conforme a natureza da atividade. Rompendo preconceitos e desafiando a idade, a ideia de criar um grupo de percussão é motivo de orgulho para seus integrantes que dizem:

[...] só com pessoas idosas eu nunca tinha visto (Iara);

[...] eu acho até que é o primeiro que tem aqui, que eu conheço pelo menos, no Rio Grande do Sul, de percussão eu acho que é o primeiro grupo (Sol);

[...] eu também nunca ouvi falar, quando a minha filha fala para os amigos assim, eles ficam admirados, admirados pela idade, porque eles sabem que tenho mais idade (Vivi).

Entretanto, mesmo sendo motivo de orgulho, observamos que o histórico do grupo está disperso nas lembranças de seus componentes, e ainda, com algumas divergências. De maneira geral os participantes sabem como e onde começaram, mas não sabem precisar o histórico da banda na sua totalidade. Por este motivo o objetivo deste capítulo é a reconstrução da memória do grupo através de depoimentos gravados e transcritos e consulta a registros fotográficos, embasando sua necessidade em Ricoeur (2007) que diz não termos

outro recurso para acessar o passado senão a memória e em Halbwachs (2003) ao afirmar que a memória é um conhecimento atual do passado.

Conversando com alguns componentes da banda observei que não havia concordância quanto ao tempo de existência do grupo na evocação de suas lembranças.

A Iara falou de como chegou ao grupo:

A minha chegada e da Olinda foi muito interessante porque sempre que saía de alguma atividade ouvia a banda tocando e um dia nós chegamos na porta e ficamos olhando. Uma pessoa disse entra aí e a gente entrou. E aí a Regina disse: ah, se vocês quiserem fazer parte do grupo, né. E aí a Olinda estava dizendo que não, e eu disse não, nada disso, vamos encarar. E dali para cá a gente está, desde o começo, acho que uns sete anos. É acho que era 2007 ou 2008, é sete anos.

Aqui convém esclarecer que a banda ensaiava no mesmo prédio onde se desenvolviam as oficinas de atividades físicas do projeto e o horário de ensaio era após o término das atividades físicas. Iara e Olinda, como todos os integrantes da banda, são participantes do CELARI, estão sempre juntas porque são vizinhas, por isso vão e voltam juntas ao projeto.

“Se eu não me engano a gente começou em junho de 2011, com o professor Ricardo” falou a Sol que já estava na banda quando a Iara e a Olinda chegaram. Mas a Iara insistiu dizendo *“não, bem antes”*. A Sol tentou esclarecer que *“nós estamos em 2018, não tem mais que 8 anos”*. O problema não estava em quantos anos a banda teria, porque aí estava próximo, concordavam que seria 7 ou 8 anos, mas sim no ano que iniciara que divergia entre 2007, 2008 e 2011. Durante o ano de 2019 eu costumava ouvir de diferentes integrantes do grupo que a banda teria 7 ou 8 anos, mas não sabiam precisar quando começara.

A Violeta entrou na conversa dizendo *“quando o Fabiano (filho) morreu, eu estava fazendo duas sessões com o psiquiatra e vocês estavam ensaiando em uma quinta-feira e eu não podia assistir. Dava uma voltinha ali, mas não ficava. Comecei com o grupo pequeno que começou. Agora só perguntando para a Eliane o dia que começou. Eu lembro perfeitamente, foi bem na época que o Fabiano morreu. Ele morreu em 2007. Eu tenho a impressão que foi em 2008”*. A Eliane sou eu, portanto, senti que tentar retomar esta história poderia ser uma contribuição para o grupo que dela poderia se apropriar.

Deste pequeno episódio podemos destacar dois aspectos importantes na teoria da memória. O primeiro é a evocação da lembrança que, segundo Viana (2006), se dá pelos sentimentos, pela pressão social e na associação de ideias e o segundo é o trabalho de reconstrução que Bosi (1993) chamou de memória-trabalho, pois a memória é sim um trabalho sobre o tempo vivido, onde o conjunto das lembranças é uma construção social do

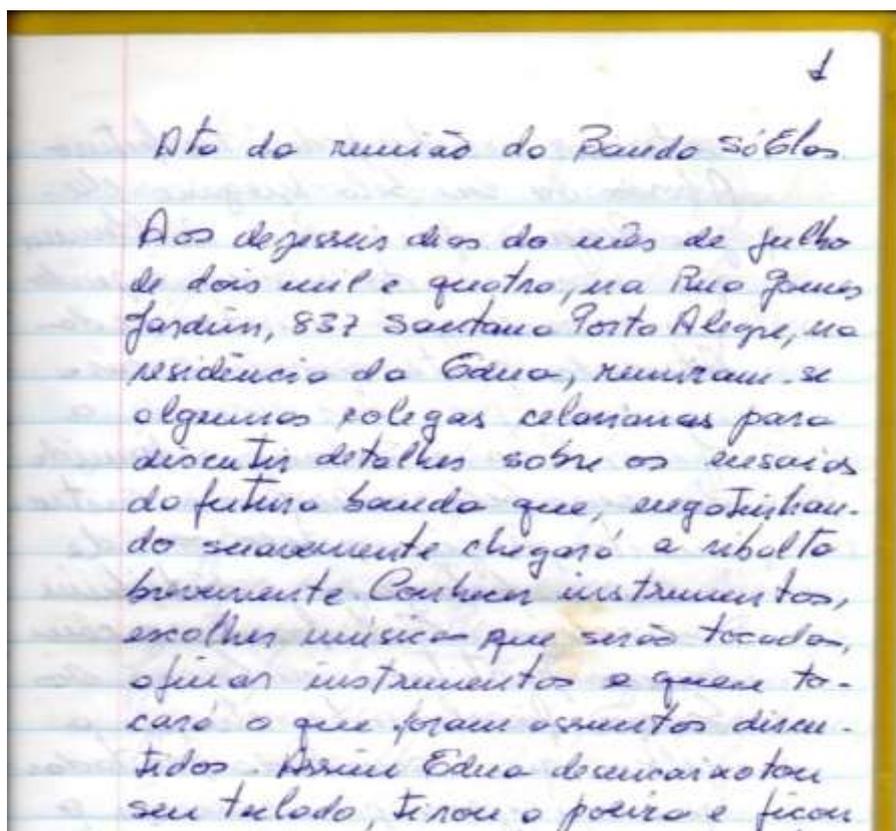
grupo. A evocação da lembrança pelo sentimento foi evidente no caso da Iara ao se referir ao seu ingresso no grupo, afinal ela foi aceita em um grupo que já existia, por isso lembra muito bem de como acontecera. A associação de ideias, mas não sem desconsiderar o sentimento, foi o recurso utilizado pela Violeta trazendo como lembrança a sua vida familiar e o que marcou sua vida pessoal, no caso, a morte do filho. A conversação entabulada e descrita acima caracteriza a memória-trabalho de Bosi (1994).

Há divergências em datas, mas ainda há alguma concordância entre as lembranças o que para Halbwachs (2003) é condição necessária para a construção da memória coletiva que deve ter uma base comum, isto é, não bastam testemunhos, é preciso identificar pontos em comum.

Mas qual é a história afinal? Começou em 2007, 2008 ou 2011? Começou com um grupo pequeno ou com um grupo grande? É através dos testemunhos de seus integrantes e de consulta a registros fotográficos que vamos esclarecer e reconstruir a memória com a intenção de contribuir para a coesão do grupo e garantir sua identidade, pois esta é, segundo Halbwachs (2003), a principal função da memória coletiva.

Quando entrevistei a Edna ela trouxe um caderno e uma foto dizendo que ali estava a ata da reunião que deu início a ideia de fazer uma banda. Olhando o caderno vi a data e exclamei: 2004! “É isto aí”, disse a Edna, é para ver como a gente andou, né. É, botei algumas coisas ali no meio, que foram acontecendo na hora, que era a Regina, a Carmen, a Jane, ai meu Deus, quem mais? (...) Eram seis ou sete, eu lembro ... eu lembro que era a Gilka, ela tocava teclado, a Regina, a Sol e ai é difícil lembrar”.

Imagem 1 – Ata da reunião em 16/07/2004



Fonte: Acervo CELARI.

Imagem 2 – Reunião em 16/07/2004



Fonte: Acervo CELARI.

Olhei a foto que fora tirada nessa reunião e falei: “As pessoas são estas: Solange, Jane, Rosa, Gilka, Carmen e Regina, só está faltando tu, na mesa tem seis lugares”. A Edna ainda

estava insegura quanto as participantes da reunião, então disse: “pode ser que tivesse mais alguém, se tivesse as outras fotos a gente teria como ver. Vou procurar e vou perguntar se alguém tem uma foto destas aí. E daí nós criamos o primeiro grupo”.

Afora esta referência encontrei algumas fotos, desta mesma época, dos galeto que foram feitos no Projeto CELARI, no galpão, que é o lugar onde a banda ensaia atualmente. São fotos do ano 2004, onde se pode ver a Regina tocando informalmente em uma roda na companhia dos acadêmicos que são professores do projeto.

Imagem 3 – Roda de samba com os bolsistas em 2004



Fonte: Acervo CELARI.

Nestes registros fotográficos, dos quais escolhi o exemplar acima, podemos ver o interesse da Regina pela música, a quantidade de instrumentos de que dispunha e seu interesse em socializá-los motivando outras pessoas. A Regina foi, portanto, a mentora da banda, fato que virá a se confirmar pelos demais depoimentos concedidos em entrevistas dos quais extraímos alguns trechos.

Começou com a Regina que tu já sabes, né. Começamos a tocar com o coral, com três, quatro instrumentos só. Era eu e a Regina no começo. Ela começou, pega esse agezinho e toca, toca e ela começou com o tambor, com o tantan que é aquele tamborzinho menor. E começou, na real, eu e ela começamos. Aí depois, quem é que entrou depois de nós duas ... (não lembrava, continuou sua história voltando a falar de si). De tanto ela insistir eu comecei a tocar o agezinho com ela desde o coral. Aí depois eu não sei se foi a Jane que entrou. Porque aí a Regina começou a tocar o bongô e a Jane pegou o tantan, se não me engano foi a Jane que pegou o tantan, que é aquele tamborzinho pequeno. Então, nós éramos três pessoas junto

com a Carmen. Foi ali que começou. E aí ela (a Regina) começou, nós temos que formar uma banda, nós temos que formar uma banda. Eu disse, mas Regina, não sei se alguém aqui dentro do grupo sabe tocar algum instrumento. Não, porque tu vai comigo lá pro Fernando do Ó. (...) Aí ele me deu umas dicas assim, mas eu fui em duas aulas só. Aí a Regina continuou a insistir, ah mas eu vou conseguir um professor. (Rosa).

A Rosa introduziu um novo elemento no histórico da banda ao dizer que começaram a tocar com o coral. Como já referi anteriormente o projeto CELARI tinha e ainda tem um grupo de canto formado pela Carmen (professora de música aposentada e integrante da banda) que fazia a sua regência tocando violão. Recorrendo a fotografias antigas e demais registros existentes no CELARI, encontramos fotos da banda tocando com o coral. Por exemplo, em uma apresentação na SPAAN (Sociedade Porto-alegrense de Auxílio aos Necessitados), em 2007.

Imagem 4 – Apresentação na SPAAN em 2007



Fonte: Acervo CELARI.

Nesta foto a banda, ou melhor, seu embrião, se distingue do coral na cor da camiseta, branca para a banda e azul para o coral. A banda que acompanhou o coral na ocasião era de cinco pessoas: Regina, Rosa, Solange, Rosa e Gilka. Destas, somente a Dulce não estava presente na reunião de 2004.

Contou a Carmen que:

[...] a Regina, a Solange e a Jane, tudo estava no meu coral, entendeu, mas aí a Regina por sua vez tinha um professor lá que ela tocava, ela começou a aprender a tocar pandeiro e ela se entusiasmou, [...] o tempo vai passando e mais uma surpresa, a banda da Regina Só juntou seu grupo a fim de engrandecer cada vez mais o grupo musical, no decorrer desses anos já fizemos muitas apresentações em eventos, gravação em CD e vários programas de televisão.

Na verdade, somente a Rosa e a Carmen lembraram do tempo em que o quarteto estava junto ao coral e observo que a Carmen referiu-se a banda da Regina Só. O nome “Só elas” como constou na ata não teve continuidade. Por que a banda da Regina Só? Atribuo ao fato de que foi ela quem incentivou as demais a aprenderem a tocar um instrumento e formarem uma banda.

Outro evento em que se apresentaram no ano de 2007 foi o lançamento do primeiro livro do CELARI realizado no galpão da ESEFID – Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança – da UFRGS, local onde o CELARI realiza suas atividades sociais. Não dá para ver muito bem quem são os integrantes da banda, mas destacam-se a Regina e a Rosa com um pandeiro no meio, o qual era tocado pela Dulce.

Imagem 5 – Lançamento do primeiro livro do CELARI em 2007



Fonte: Acervo CELARI.

Na foto seguinte as integrantes da banda estão sentadas com seus instrumentos, enquanto outras atividades do cerimonial se desenvolvem e nela podemos identificar a Regina, a Solange e Rosa.

Imagem 6 – Lançamento do primeiro livro do CELARI em 2007



Fonte: Acervo CELARI.

No ano de 2008 o Projeto CELARI realizou o evento “Arte em Cena” na FACED – Faculdade de Educação da UFRGS - congregando grupos de terceira idade das Universidades do estado para apresentações de canto, dança e teatro. O grupo da UFRGS se apresentou, coral e banda juntos, sob a denominação de “Grupo musical CELARI”.

Imagem 7 – Apresentação em 2008 no evento “Arte em cena”



Fonte: Acervo CELARI.

A banda de camiseta branca, é um quarteto: Regina, Solange, Dulce e Rosa. A Jane que foi citada pela Rosa como integrante da banda, na foto, ainda integrava o coral. Também faziam parte do coral a Pompéia e a Nilda que futuramente passaram a integrar a banda.

Abaixo o folder do evento “Arte em cena” onde se ve o nome “Grupo musical do Projeto CELARI”. O folder é um bom instrumento de registro para o resgate da memória, nele se pode evidenciar a participação de outros grupos de idosos da ULBRA, da UNIRITTER e da própria UFRGS.

Imagem 8 – Folder do Arte em Cena 2008



ARTE EM CENA
NA TERCEIRA IDADE

08 de Dezembro de 2008
Início às 9 horas
Auditório da Faculdade de Educação - UFRGS
Campus Central

Programação

9h30 – Abertura
 10h00 – Grupo musical do Projeto CELARI – UFRGS
 10h30 – ULBRATI Dance
 11h00 – Grupo Temporão – Teatro para a Terceira Idade da ULBRA
 11h30 – Grupo Vocal Encanto
 12h00 às 14h00 – Almoço
 14h00 – Grupo de Vozes da ULBRATI
 14h30 – Expressão Corporal /Teatro da UNITI – UFRGS
 15h00 – Grupo Revivendo a Vida da UNIRITTER
 15h30 – Coral UNIMÚSICA da UNITI DA UFRGS
 16h00 – Grupo de teatro do Projeto CELARI – UFRGS
 16h30 - Encerramento

Entrada Franca!

Realização e Apoio:



Fonte: Acervo CELARI.

A Regina, citada como a mentora da banda, falou sobre o seu envolvimento com a música, o que se deu quando parou de trabalhar e resolveu aprender música porque estava muito estressada, conforme me confidenciou.

Então o que aconteceu, conhecia o Fernando do Ó, conheci porque eu fui a uma loja comprar um instrumento musical, o bongô, que eu gostava muito de bongô, e perguntei se poderiam indicar um professor. Olha o Fernando do Ó não é professor, mas ele pode te indicar alguém. Então eu liguei para ele e disse: ah Fernando, quem sabe tu começa a dar aula isso seria tão bom para gente, não sei o quê ... e eu fui a primeira aluna dele. Eu comecei com o bongô, depois as gurias (filhas) me deram um pandeiro de presente no dia das Mães até o pessoal todo começou a rir, aí eu comprei o surdo, aí comprei a caixa, a caixinha, aí eu comecei a entusiasmar a turma (colegas do CELARI) porque como eu tinha todos os instrumentos ninguém ia gastar com instrumento, aí arrumei um professor que era o Ricardo, porque o Ricardo nem era professor, ele tocava em uma banda e tinha noção de música. (Regina).

A Regina passou na sua fala rapidamente do fato de entusiasmar a turma para a contratação do professor, omitindo os anos em que tocaram com o coral. Quando começou a banda para ela, então? Ainda não sei e provavelmente não importa. Provavelmente, até a contratação de um professor era um grupo musical constituído pelo coral e quatro instrumentos musicais.

A Solange que era uma das integrantes do pequeno grupo que eu denominei acima de quarteto, também não fez referência a esse período em que acompanharam o coral. Conta que:

[...] a Regina que nos convidou porque ela tinha muita vontade de fazer um grupo de percussão”. Com isto se confirma a existência da predisposição na constituição de uma banda e na existência de um quarteto. “Ela tinha muitos instrumentos em casa e foi convidando a gente para fazer. Ah, mas eu não sei tocar nada, faz muito tempo, tocava acordeon quando era criança, muito jovem. Outros instrumentos eu nunca peguei. Ah, mas a gente vai treinando, disse ela, a gente pode fazer, eu te levo lá no meu professor no Fernando do Ó que ele ensina e tal algumas coisas. Tá aí eu topei. Mas ela não foi a aulas com o professor e resumiu a história referindo-se a um período posterior que era o do convite concreto a outros elementos para compor uma banda.

Ela foi convidando outras e a gente foi adquirindo os instrumentos e aí que a gente foi montando, foi fazendo, foi fazendo, aí ela procurou um professor. Aí está até hoje funcionando assim. (...). Olha pelo que eu tenho em casa de fotos, eu costumo botar a data atrás, este dia ainda eu estava olhando, que nós começamos com o professor Ricardo que hoje não está conosco. Acho eu que foi em 2014, mas as gurias acham que foi em 2011. Então eu não tenho muita certeza da data.

Embora a Sol não recordasse a data, ou o ano, ela apresenta um elemento novo no que diz respeito a lembranças, para ela o grupo começou quando passaram a ter um professor e de certa forma, para a Regina também. Em se tratando de memória coletiva, para Jedlowski, o que a constitui não é tanto o caráter comum dos seus conteúdos, “mas o fato de que estes sejam o produto de uma interação social, de uma comunicação que tenha a capacidade de escolher o que é importante e significativo no passado, em relação aos interesses e à identidade dos membros de um grupo” (2003. p. 221). Então aquele embrião, um quarteto,

que tocava todas as semanas com o auxílio da Carmen, ainda não era o grupo de percussão para elas.

A Edna, embora não estivesse presente nos eventos mencionados acima, lembrou do tempo em que se reuniam sem um professor e confirmou a contribuição da Carmen:

A gente foi tentando, tentando, até encontrar um professor. A Regina gostava muito de bolero e a gente ia mais ou menos tentando, sabe. E aí, alguém, não sei quem, descobriu o Ricardo. E aí o Ricardo passou a dar aula para nós. Desde esta data a gente não parou, a gente vem engatinhando, aquele engatinhar muito lento ... ninguém tocava nada, nem uma de nós. A única era a Carmen que era professora de música e tudo. E a Carmen também dava as dicas para nós, a Carmen nos auxiliava muito. E assim foi, fomos lutando, lutando, e a gente vai indo desde esta data, a gente nunca parou. (Edna).

O convite ao Ricardo para ser professor segundo a Regina foi assim:

[...] eu contratei o Ricardo para me ensinar a tocar órgão porque eu tinha um órgão lá em casa, além dos instrumentos todos que eu comprei eu tinha um órgão, aí ele foi lá para me ensinar o órgão. Aí eu comecei, mas Ricardo tu não te animas a ensinar pessoas assim de 60 para cima e ele: ta, tô aí. Então foi aí que eu comecei a convencer todo mundo a tocar.

Na lembrança da Rosa aconteceu assim:

Aí a Regina entrou em contato com o Ricardo. Aí ela começou a comprar os instrumentos e convidar as pessoas para entrar no grupo. Aí, todo mundo entrando sem saber nada, né. Tá e aí começamos com o Ricardo. Eu acho que nós começamos em 2009 a nossa percussão, se não me engano. Aí ela começou a convidar fulana, sicrana e aí convidou a Vilma Machado para cantar. A Mauren, que naquela época estava aqui no CELARI. O Jurandir, a Dulce. Tá era eu, ela, a Jane, a Dulce, o Jurandir, a Mauren e a Vilma Machado que eu acho que foram as primeiras. A Vilma entrou para cantar, entrou como vocalista, pra cantar. Em uma das primeiras apresentações nossas ela cantou, foi no Teatro São Pedro, se não me engano, ou na UFRGS, estou meio confusa da primeira apresentação fora nossa. Eu, pra mim foi no teatro São Pedro.

Em outras fotos confirmei a informação da Rosa, vi que por ocasião da segunda edição do evento “Arte em cena”, promovido pelo CELARI no ano de 2009, realizado no Teatro Renascença, a composição da banda sob a regência do Ricardo já era de 12 integrantes: Regina, Rosa, Solange e Dulce, que já faziam parte do que denominamos embrião da banda, acrescidos de Jane, Mauro, Péia, Edna, Violeta, Jurandir, Vilma e Mauren. Esta para nós foi a primeira composição da banda que se deu a contratação do Ricardo como professor. Até então, era um quarteto que tocava acompanhando o coral. Daí em diante, houve pouca alteração na sua composição, o que se deu primeiramente com a saída da Vilma e da Mauren no ano seguinte. Foram as únicas saídas voluntárias registradas na história do grupo e ainda

bem no início. Observo que somente a Rosa fez menção a elas, os demais não conheceram ou não lembram.

Imagem 9 – Foto do grupo que se apresentou no Teatro Renascença, em 2009



Fonte: Acervo CELARI.

Imagem 10 – Foto de parte do grupo na apresentação do Teatro Renascença em 2009



Fonte: Acervo CELARI.

Também o Mauro tem lembrança de ter ingressado nesta primeira composição de banda, ele conta:

Tempo exatamente não me lembro. Mas é o tempo da banda. A Regina é que tinha estudado, tentado estudar talvez, aprender alguns instrumentos. E cada vez que ela pensava num instrumento, ela comprava o instrumento. Então ela tinha um depósito de instrumento em casa. E aí ela começou, eu acho que umas três pessoas, acompanhando o coral. Os instrumentos eram da Regina. E aí, talvez a ideia venha dela mesma, foi de aumentar este grupo, né. E daí que veio o convite. Exatamente, não me lembro assim o momento do convite, mas eu até brincava no começo, que estão precisando de um marmanjo, de um homem aí para carregar os instrumentos, então eu sou voluntário. E no começo, eu tenho uma falha na minha formação que eu não aprendi música (...) me considero até hoje, uma pessoa que não tem um bom ouvido musical. Por isso que eu cheguei e não sabia que instrumento tocar. Mesmo porque tinha que usar os instrumentos que a Regina tinha. No começo teve um tamborim, aquele pandeirinho pequenininho que tu bate com uma varetinha. Toquei algum tempo. Depois passei por outros até que achei um ... reboleiro meio disponível, acho que era da Regina também, o reboleiro. E aí comecei a tocar, não que eu toque ... Sim, aí eu comprei um. Não sei se era melhor, era maior ... eu comprei o meu instrumento. Até está escrito dentro do instrumento, botei o meu nome e a data ... 2013, foi quando eu comprei um instrumento. De 13 para 19 dá 6 anos né. Mas eu já estava na banda talvez há um ano. Então a nossa banda eu acho que é de 2012.

No depoimento do Mauro ele não lembra exatamente o tempo em que toca na banda, mas é o tempo da banda disse ele. E qual é o tempo da banda? No final da entrevista, pelas suas lembranças, ele disse que acha que a banda seria de 2012. Mas ele tocou com o primeiro grupo em 2009 como é possível constatar nas fotos acima, o que vem a confirmar que a memória do grupo tem bases comuns, mas que em muitos casos é equivocada, como também fragmentada. As referências para a lembrança se dão mediante associações com fatos significativos para cada um, no caso dele a compra de seu instrumento musical, o que se deu bem depois do início das aulas com o professor Ricardo.

Imagem 11 – Foto da banda em 2010



Fonte: Acervo CELARI.

A foto acima mostra a apresentação da banda no evento “ V Fórum Gaúcho das Instituições de Ensino Superior com ações voltadas ao envelhecimento”, em 2010, promovido pela UFRGS. Naquela ocasião a composição da banda era de 10 integrantes, da esquerda para a direita: Jane, Regina, Jurandir, Mauro, Solange, Violeta, Dulce, Nilda, Rosa e Péia.

Em 2012, quando a banda se apresentou no “VI Fórum Gaúcho das Instituições de Ensino Superior com ações voltadas ao envelhecimento” já contava com novos integrantes totalizando 14. Além dos mencionados acima que já integravam a banda, ingresaram a Olinda, a Iara, a Edna, o Felipe e o João. O Jurandir (marido da Dulce) já não estava mais na banda porque tinha falecido.

Imagem 12 – Foto da banda em 2012



Fonte: Acervo CELARI.

A banda crescia e se fortalecia. Com novos integrantes, eram em 2015, 18 componentes. As últimas a ingressarem foram a Ana, a Carmen, a Celia e a Zenia. Substituíram a camiseta roxa do Projeto CELARI por uma preta, personalizada, com o nome da banda “Só ritmos”, registro encontrado na foto de 2015, abaixo. Esta foto é de um evento em que se apresentaram no Clube Geraldo Santana.

Imagem 13 – Foto da banda em 2015



Fonte: Acervo CELARI.

A banda foi bem caracterizada na lembrança do Mauro que introduziu aspectos inerentes ao envelhecimento que não foram mencionados pelos demais como a idade avançada do grupo, a finitude e a perspectiva de gênero. Sobre a composição da banda atual:

E a nossa banda é ... é uma coisa interessante, é claro, somos todos idosos, tem uma só que não fez 70 ainda, duas talvez, a Iara e a Jane acho que não chegaram a bater no limite dos 70, ainda, o resto todos de nós estamos acima dos 70, tem uma com 90 o outro com 80 e alguma coisa. Outra, a Carmen fez 80 também. Então, essa ... sequência natural da vida chega no ápice que é a passagem para o outro lado. E aí se nós olharmos, vemos quando começou, nós éramos quatro homens. O marido da Dulce, que é o Jurandir, meu amigo, meu parceiro, um cara muito legal, nos deixou. Depois o Joãozinho, né. Jovem, sessenta e poucos anos, se foi também. E agora estamos nós dois, eu e o Felipe (riu), e o Felipe tem oitenta e alguma coisa, não sei exatamente quantos, eu tenho 74, faço agora, mês que vem. Eu falo pra ele, e aí Felipe. Ah estamos firmes aqui. Porque pela ordem, pela hierarquia de idade, eu acho que ele é uns 10 anos mais velho que eu. Tu tá na frente. Pode deixar, pode deixar. Uma coisa que é ... afora os maridos, recentemente o marido da Rosa faleceu. Pois antes tinha morrido o marido da Carmen, outro eu não me lembro. Mas, o interessante disto tudo, que é a conversa última, é que vão os homens. Observa, nenhuma de nós aqui foi ainda. E as esposas, as minhas e as dos outros, também estão aí, né. Então, as mulheres são duras na queda, olha ...

Ele não ignora o fenômeno chamado feminização da velhice, fruto dos amplos diferenciais no volume de idosos por sexo, é muito maior o número de mulheres que chegam aos 60 anos e também a sua participação entre a população idosa. Em síntese, é maior a sobrevivência feminina, como também a longevidade e nos grupos de idosos está é a realidade

porque há uma participação majoritária de mulheres e ainda viúvas (MOREIRA, 1998). A banda cresceu, com uma nova constituição, passando a ter uma composição que com as perdas relatadas pelo Mauro está com 17 integrantes. Crescendo e estabelecendo-se assumiu uma identidade, desde 2013 passaram a denominar-se “Só Ritmos”, este nome está bordado na camiseta preta que adotaram como uniforme.

Como podemos constatar são as lembranças individuais que dão sustentação a memória coletiva quando vividas pelo grupo, guardadas e transmitidas pela interação de seus membros. Entretanto, as lembranças individuais, mesmo tendo uma base comum, podem ser equivocadas e fragmentadas, mas nas interações elas podem ser substanciadas e corroboradas, ou desafiadas e corrigidas, diz Asmann (2011).

O que fizemos aqui foi um breve estudo de uma memória coletiva, atentos tanto ao conteúdo quanto aos processos de sua formação com o objetivo de auxiliar na sua conservação e transmissão. Verificou-se que a constituição da banda se deu em três etapas: a primeira, seu embrião, o quarteto que persistiu no período de 2004 a 2009, o segundo período com a contratação do professor e a entrada de novos membros de 2009 a 2013 e o terceiro com sua formação completa, com camiseta e nome próprios marcando sua identidade. Há um reconhecimento pelo grupo quanto ao processo de sua constituição, mas para considerar banda, como tal, a referência passa a ser a contratação do professor e a sua composição final.

Imagem 14 – Foto da banda em novembro de 2018



Fonte: Acervo CELARI.

5 O DIA MAIS FELIZ É O DIA QUE TEM PERCUSSÃO, EU AMO

Para a compreensão deste enunciado que são as palavras de uma das integrantes da banda, vou considerar a percussão uma atividade de lazer e na reflexão sobre este tema buscar o seu significado na perspectiva teórica que melhor explique este fenômeno social.

Algumas correntes teóricas consideram o lazer desde as civilizações gregas e romanas, como é o caso do *skholé* grego e do *ocium* romano. Na Grécia, a contemplação e o desenvolvimento espiritual eram valorizados, denominados *skholé*, só era possível fora do tempo do trabalho (GOMES, 2004a, MELO; ALVES JUNIOR, 2003). A existência do lazer já fora mencionada por Cícero, 44 anos A.C., em sua obra “Saber envelhecer” com a indicação do que seria mais adequado à velhice: “Deixemos a outros as armas, os cavalos e as lanças, a clava e os projéteis! A outros a caça e a corrida! [...] Que nos deixem, a nós, velhos, os jogos de ossinhos e de dados” (CÍCERO, 1997, p. 47). São poucos os autores adeptos a essa corrente teórica dentre eles De Grazia (1966) e Cuenca (2000) ao afirmarem que a ideia de ócio nasceu no mundo grego e migrou para Roma, referindo-se ao lazer que é uma palavra que não existe na língua espanhola.

Diferentes formas de diversão sempre integraram a vida social de diferentes épocas, inclusive quando não era possível fazer uma nítida distinção entre trabalho e lazer no século XVII, em que reuniões sociais mesclavam-se ao trabalho (THOMPSON, 1998) e, na Inglaterra, que até o século XVIII foi um centro de atividades comerciais e fabris na qual a falta de tempo livre era sinal de pobreza, passando o lazer a ser um estilo de vida dos ricos. (PORTER, 2001).

Apesar do reconhecimento de que distintas formas de diversão sempre tenham integrado a vida social de diferentes épocas, a tese predominante entre os diferentes autores sobre o lazer é de que o significado social das diversões até o período pré-industrial em nada se assemelha ao lazer, após a nítida e expressiva separação deste do trabalho com o processo de industrialização. É o caso de Dumazedier que discorda de DeGrazia (1966), para ele “o lazer possui traços específicos, característicos da civilização nascida da Revolução Industrial” (DUMAZEDIER, 2008, p. 26).

A demarcação de tempo livre, atrelada à noção de trabalho, dá origem ao lazer, concebido como uma atividade que tem sua base ancorada na existência de um tempo livre, fomentado e reconhecido legalmente. Vinculando o lazer ao tempo ganho sobre o trabalho, Morin (1997) o denomina de “lazer moderno”, por ser um tempo que se diferencia do tempo das festas, característico do antigo modo de vida.

Tendo em vista que a temática do tempo livre está atrelada ao trabalho, correspondendo ao seu oposto, ou seja, o tempo de não trabalho, em se tratando de idosos, o tempo passa a ser compreendido como um tempo aparentemente desimpedido e que, portanto, precisa ser ressignificado. O que se percebe é que na gestão do tempo livre o lazer se impõe para os idosos da mesma forma que para o trabalhador, no que se refere a compensação. O trabalhador encontra no lazer a compensação das horas dedicadas ao trabalho, para descansar ou distrair-se. E o idoso através do lazer encontra solução para os problemas decorrentes de eventos inerentes a esta etapa da vida, quais sejam, a viuvez, o sentimento do “ninho vazio” e a aposentadoria, que impõem a adaptação a uma nova condição de vida e o preenchimento de vazios no sentido de ocupação de tempo. Stebbins (2016b) se reportando a Brooks (2007) e Wuthnow (2007) escreveu que de todas as faixas etárias, a terceira idade, ou aquele período da vida entre os 50 e os 75 anos, que também é reconhecido como idoso jovem ou aposentadoria ativa, é o que oferece a oportunidade mais rica para incentivar a realização.

Para Carmen, uma das entrevistadas, a aposentadoria é um choque, mas que ela não chegou a sentir porque logo ingressou no Projeto CELARI do qual gosta muito, porém, o tempo livre conquistado com a aposentadoria precisa ser dedicado também à família como ela diz:

[...] eu estava sempre envolvida e sempre com badalo trabalhando da manhã a noite, eu sei que eu dava aula de violão, particular lá no Mãe de Deus, no colégio Mãe de Deus, eu saía daqui e dava aula lá no colégio Mãe de Deus, do Glória, então eu estava sempre na ativa e de repente, é um choque, né? Entendeu, é um choque. Com isto não, eu não cheguei a ter isto, entendeu? Eu não cheguei a ter porque em seguida eu encaixei uma coisa na outra. Sabe como é? Eu faço isto porque eu me sinto bem, mas eu tenho família não dá para passar 24 horas. Não é bem assim, porque tu tens o tempo livre, vem para cá, não é bem assim porque eu ainda tenho a Jeane (filha) comigo e essa função toda.

Na sua origem, o tempo livre é compreendido na dicotomia com o trabalho, como oposição ao mesmo, tempo de não trabalho, assim todo o tempo do idoso aposentado seria tempo livre e o do idoso que nunca trabalhou, igualmente. Em algumas situações, na literatura, a expressão tempo livre é empregada como sinônimo de lazer, decorrente da polarização entre trabalho e lazer. Por isso convém convencionar que o tempo livre não é somente tempo de não trabalho, mas também tempo livre de obrigações e que nem todo tempo livre é tempo de lazer (DUMAZEDIER, 1994, ELIAS; DUNNING, 1992).

A gente tem tanto tempo livre falou rindo. Tu não tens, mas eu tenho, tenho bastante. Tempo livre é quando eu estou em casa, fora de casa eu estou ocupada, eu venho para cá (para o celari), vou fazer minhas coisas fora na rua. Mas o meu tempo

livre é em casa, livre entre aspas porque tu estás fazendo o serviço da casa, organizando a casa e tal. Mas é normalmente em casa que eu tenho o meu tempo livre, de não fazer nada. (Solange).

Para Solange, tempo livre não é lazer. Ela falou: tu não tens, mas eu tenho. Ela quis dizer que diferentemente de mim (que sou a entrevistadora) ela está aposentada, enquanto eu continuo trabalhando. Entretanto, ela só tem tempo livre em casa, porque fora de casa ela está ocupada, ou está no CELARI que é um projeto de lazer e no qual tem várias atividades físicas e os ensaios da banda, o que a mantém ocupada, ou tem que fazer suas coisas fora na rua, tipo fazer compras, ir ao médico, por exemplo. Então, tempo livre só em casa, que para ela é o tempo de não fazer nada, o que é relativo, porque em casa precisa organizar, lavar, limpar, cozinhar. Portanto, nem todas as suas atividades no tempo livre são atividades de lazer.

Com isto, estamos falando em tempos sociais, ou seja, em tempos que determinam as atividades sociais: o tempo para o trabalho, o tempo para a família, o tempo da educação e assim por diante. O tempo livre é um dos tempos sociais cujo sentido que prevalece é o de tempo de não-trabalho (PEREIRA, 2004). Segundo Pronovost (2011) a noção de tempo livre é uma das abordagens mais clássicas que a sociologia do lazer tomou emprestada para tratar de seu tema, pois ela encontra-se também nos estudos sobre a utilização do tempo. Teóricos no estudo dos tempos sociais como Roger Sue (1993) e Pronovost (2011) e do lazer como Dumazedier (1994) questionam quanto a centralidade do trabalho na organização da temporalidade social. Argumenta Pronovost que “as sociedades ocidentais dirigem-se para um novo equilíbrio dos tempos sociais” (2011, p. 74), atribuindo tal fato a redução de dias e de carga horária de trabalho que implica em aumento do tempo livre. Sue (1993) compartilha desta mesma teoria e ainda acrescenta outro fator que é a redução do tempo de trabalho com relação ao ciclo de vida vinculado a vida ativa limitada pela aposentadoria. Dumazedier (1994) citando Marcuse (1962) e a expressão “inversão histórica” por ele utilizada “para designar o surgimento de uma relação invertida entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer na sociedade americana” (DUMAZEDIER, 1994, p. 36), preocupou-se em analisar essa nova hierarquia de tempos sociais medida em horas na sociedade francesa e as mudanças de valores fundamentais para o novo equilíbrio destes tempos no que denominou de “Revolução cultural do tempo livre”, incluindo a reflexão sobre a aposentadoria e a transformação no modo de vida neste período.

Muitos estudos foram realizados tendo como padrão a conversão de elementos da vida cotidiana em atividades. Munné e Codina (1996) em uma perspectiva psicossocial estruturaram o tempo em áreas de atividades: 1) o tempo psicobiológico, basicamente

destinado às necessidades fisiológicas e psíquicas; 2) o tempo socioeconômico que envolve o trabalho; 3) o tempo sociocultural como tempo dedicado a vida em sociedade, e 4) o tempo de lazer, destinado às atividades de desfrute pessoal e coletivo.

Elias e Dunning (1992) em uma tentativa de proporcionar uma classificação para as atividades de tempo livre a partir de suas funções dividiu-as em 3 categorias: rotinas de tempo livre que envolvem cuidados com a casa, consigo mesmo e com outros; atividades intermediárias de tempo que servem às necessidades de formação e atividades de lazer que seriam, para os autores, as atividades sociáveis, de jogo ou miméticas.

Vou me ater nas necessidades intermediárias que colocam no mesmo nível as atividades de trabalho particular, não profissional, que incluem estudos porque voltadas à formação e que por isso exigem perseverança, estudo especializado e competência e outros trabalhos particulares como atividade amadora, artesanato e coleções. Estas, segundo os autores, se distinguem das atividades de lazer que se caracterizam por serem sociáveis como, por exemplo, funerais e banquetes, informais como festas e, por fim, as atividades miméticas ou de jogo, de elevado nível organizativo, como membro da organização ou como espectador, e como ator nas menos organizadas como dança e montanhismo e, por fim, várias atividades de lazer menos especializadas que vão de viagens a passeios a pé.

De certa forma o “espectro do tempo livre” proposto por Elias e Dunning (1992) para a classificação das atividades de tempo livre em 3 categorias vão ao encontro da estruturação do tempo social apresentada em 4 categorias por Munné e Codina (1996). Ambos distinguem as atividades sociáveis ou de vida em sociedade das atividades de lazer.

As classificações propostas pelos autores não contemplam como atividades de lazer as que são relacionadas à vida em sociedade e as de formação que são de suma importância para os idosos. Grande parte da população idosa tem parte do seu tempo livre empreendido nas atividades de formação, de autossatisfação e autodesenvolvimento vivenciadas como lazer.

Neste aspecto, o conceito e funções do lazer definidos por Dumazedier (1973, 2008) se aplicam melhor a este segmento da população, para ele o lazer é definido, sobretudo, “por oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana” e contempla as atividades de informação e de formação (DUMAZEDIER, 1973, p. 31).

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 1973, p. 34).

Partindo de Dumazedier (1973) que conceituou o lazer como um conjunto de ocupações, ele destaca como características específicas o caráter liberatório porque resulta de uma livre escolha e é a liberação de certo gênero de obrigações que ele denomina institucionais que envolvem trabalho, família, escola, etc. confirmando as proposições de Munné e Codina (1996) e de Elias e Dunning (1992) de que nem todo o tempo livre é utilizado para o lazer. O outro caráter que é o desinteressado, ou seja, o de que o lazer não está, fundamentalmente, submetido a fim algum, seja lucrativo, profissional, utilitário, ideológico, material, se assim o for ele passa a ser um semilazer. No caráter hedonístico o lazer é tomado com um fim em si mesmo e é marcado pela busca de um estado de satisfação. E o caráter pessoal que pressupõe descanso, divertimento e desenvolvimento da personalidade, é reconhecido por 3 D.. Eis um exemplo de organização do tempo por uma das participantes da banda:

Eu tenho muitas atividades de lazer, muitas assim, é verdade. Mas assim eu tenho o lazer com a minha família, eu tenho presente a minha família, meus netos, filhos e coisas ... e com as amigas porque eu tenho muitas amigas e nós aqui do projeto, aqui a gente tem muito lazer, né? Mas o que eu gosto muito de fazer é ir para os ensaios da nossa banda, adoro ir para os ensaios da nossa banda e a aula de dança que eu gosto, a aula de ginástica eu não gosto, eu faço porque eu preciso, mas eu não gosto né, mas eu sei que preciso. Eu gosto mesmo é destes dois lazers e fora disto e fora daqui eu gosto muito de ir ao cinema. Cinema assim, volta e meia, até sozinha uma vez que outra eu vou. Se eu não acho uma amiga eu pego e vou sozinha. Eu organizo meu tempo assim: como no momento eu não tenho quem faça o serviço da casa para mim, não tenho quem me ajude e sou eu que faço tudo na minha casa. Eu saio muito, agora este ano, três manhãs eu faço fisioterapia no braço e na outra manhã é o ensaio da banda. Sobra uma manhã só, tirando o fim de semana de lado e à tarde eu venho quatro manhãs para cá. Sobra a tarde de sexta-feira, aí eu encaixo dentista, médico, oculista. Eu estou em revisão de dentes, de oculista, no momento, então eu tento encaixar aí. E algumas coisas quando eu saio daqui, por isso é que eu faço ginástica nos primeiros horários, a uma e trinta e então as duas e trinta eu estou pronta. Então se eu tiver que encaixar um compromisso dá. Então eu me organizo assim, porque assim ó. Porque quando estou dentro de casa eu estou sempre assim bota a roupa na máquina, estende a roupa, faz uma comida, congela, separa de um a um os filezinhos de frango porque meu neto agora é fitness. Então quando ele vem fim de semana para a minha casa e vai embora só no domingo, eu tenho que ter comidinhas lá com salada, aquelas coisas. Então todo o serviço da minha casa, quando eu estou dentro de casa estou sempre fazendo alguma coisa e outra coisa, outra coisa. Pra bem de domingo, se eu recebo um convite para passear eu passeio bem tranquila porque está tudo organizado e tudo em dia ou meio em dia, né. (Jane).

No depoimento acima se evidencia exatamente o contrário do que foi argumentado por Gomes (2004b), ao dizer que, “na vida cotidiana, nem sempre existem fronteiras absolutas entre o trabalho e o lazer, tampouco entre o lazer e as obrigações profissionais, familiares, sociais, políticas, religiosas” (p. 121), porque, nesse caso, as fronteiras entre os cuidados com a casa e consigo mesmo estão bem demarcadas. No que diz respeito ao conteúdo do lazer, o

que se percebe é que nas atividades de tempo livre é que se pode observar mudanças no comportamento desse grupo etário ao longo do tempo, evidenciando-se uma diminuição das atividades rotineiras em prol de atividades sociáveis, prazerosas e que contribuam para o autodesenvolvimento. Por isso, as atividades de lazer para os idosos devem ser interpretadas em relação às possibilidades de valores novos e específicos para esta fase da vida, que ultrapassem a compensação do desengajamento profissional proporcionado pela aposentadoria e a liberação das obrigações familiares com a reestruturação da família.

Dumazedier teve grande influência no Brasil ao longo da década de 1970 cujo campo teórico se constituiu pela incorporação de suas ideias. Suas vindas frequentes para proferir palestras e ministrar cursos e as várias obras traduzidas contribuíram para a penetrabilidade de suas ideias até hoje presente em muitos estudos que estão sendo realizados (MARCELLINO, 2006, MELO, 2004, ALMEIDA; GUTIERRES, 2008, GOMES; MELO, 2003). O conceito de lazer de Dumazedier (1973) foi considerado por Almeida e Gutierrez (2004, p. 51) como a “definição clássica de lazer”.

Na década de 1980 destacam-se as produções de Luiz Octávio de Lima Camargo, que foi orientando de Dumazedier e de Nelson Carvalho Marcellino, importante referência para os estudos de lazer no Brasil com expressivo volume de publicações (GOMES; MELO, 2003).

Dumazedier permanece sendo referência no Brasil no que diz respeito ao estudo do lazer, mas nos últimos anos também os trabalhos de Marcellino vem sendo citados em nosso país. O autor, segundo Gomes (2004b) redimensiona o lazer como cultura, superando o seu entendimento como mero “conjunto de ocupações”, é a cultura vivenciada no tempo disponível.

Marcellino (2006) se reporta a polêmica existente sobre o conceito de lazer e diz que a tendência atual é considerá-lo sobre dois aspectos – tempo e atitude. Como atitude o lazer será caracterizado pela relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, levando em consideração a satisfação provocada pela atividade e no aspecto tempo serão consideradas as atividades desenvolvidas no tempo liberado do trabalho, ou no tempo livre de demais obrigações.

O tempo livre de Dumazedier (1994) passa a ser tempo disponível para Marcellino (2006) e tempo conquistado para Bramante (1998), mas a ideia de que nem todo o tempo livre é destinado ao lazer permanece. Para Gomes (2004b), Marcellino promove um avanço na compreensão de lazer ao redimensioná-lo como cultura, superando assim a o seu entendimento como mero “conjunto de ocupações” e Bramante (1998) introduz a “ludicidade” como eixo principal da experiência de lazer.

Christianne Luce Gomes foi mencionada por Melo e Alves Junior (2003, p. 140) como “uma das mais produtivas e originais autoras da nova geração de pesquisadores dedicadas ao estudo do lazer”. Gomes (2011) incorporando os elementos introduzidos para uma nova compreensão do lazer sugere que o mesmo constitui-se na articulação de três elementos fundamentais: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espço social. Gomes definiu o lazer como:

[...] uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo. (GOMES, 2004b, p. 125).

O que de fato mudou na compreensão de lazer da autora mencionada? O tempo livre ou tempo disponível passa a ser tempo conquistado; as manifestações culturais são as atividades; introduz o lúdico em substituição ao hedonismo e o espço-lugar reitera o convívio social para o lazer.

O conceito de lazer como dimensão da cultura ficou tão abrangente que, associado as relações dialéticas com as necessidades, deveres e obrigações, fica cada vez mais difícil posicionar as atividades cotidianas no contexto do lazer e até mesmo identificar quais seriam os outros contextos. Essas concepções de lazer transcendem as reflexões sobre o seu conteúdo e a natureza das atividades.

Essa breve retrospectiva do lazer no Brasil foi feita para chamar a atenção de que a reflexão sobre atividades que envolvam compromisso e que possam se assemelhar ao trabalho não estão contempladas, são referidas ocasionalmente como semilazer por alguns autores.

Para Melo e Alves Junior (2003, p. 129) há compromisso no lazer porque horários devem ser respeitados como no cinema, no futebol com os amigos, mas de maneira geral, nos momentos de lazer é possível optar pelo que se deseja fazer e em qual momento. Ou seja, o lazer não é totalmente descompromissado como se poderia supor. Quanto ao semilazer, os autores reportam Dumazedier como sendo um dos primeiros a aplicar e definir esta categoria, considerando as atividades de bricolagem, jardinagem, costura ou tricô, por exemplo, como “parcialmente obrigatórias e parcialmente desinteressadas” (grifos dos autores).

Camargo (2006) indaga se trabalho pode ser lazer concluindo que eles se confundem apenas para uma minoria que são os artistas, os artesãos, os cientistas, pela paixão que têm pela sua ocupação. Para as pessoas que no seu tempo de lazer ocupam-se de reparos domésticos, ou jogadores de futebol que participam de torneiros, o lazer não é total, é um semilazer.

Segundo Munné e Codina (2002), para muitos autores, a relação entre lazer e trabalho não é mera oposição e o lugar onde os fenômenos se combinam é nas atividades intermediárias, dando-se concomitantemente obrigação e liberdade, com a denominação de semilazer. Nestes casos as atividades típicas de semilazer seriam os hobbies como colecionismo, a jardinagem, a bricolagem que correspondem aos reparos domésticos no Brasil e também os compromissos sociais. É um lazer trabalho, dizem os autores, que foi analisado e conceituado como lazer sério por Stebbins, seria um modo de envolvimento com a atividade na busca da perfeição e que se aproxima da qualidade profissional.

Para Cabeza e Amigo (2013) um lazer associado a valores significativos, referido a práticas positivas perduráveis no tempo é um lazer sério, denominação esta existente nos estudos do lazer.

Bramante (1998) também faz referência a esta outra possibilidade de compreender o lazer como uma experiência vivida como a mais importante de todas, na qual a pessoa aprofundando-se cada vez mais na busca da excelência, de forma que a linha demarcatória entre trabalho e lazer torna-se tênue. Este fenômeno está descrito na literatura como lazer sério, um lazer comprometido comum entre *hobbistas* e no trabalho voluntário. Em uma seção da Folha de São Paulo denominada Equilíbrio, em 08/03/2001, com o título de “Outras ideias: voluntariado, lazer levado a sério”, Bramante escreveu sobre o voluntariado, ação, segundo ele, com que as pessoas vêm ocupando cada vez mais o seu “tempo conquistado” (grifos do autor) das obrigações do cotidiano para dedicar-se aos outros, que, se reportando a Stebbins, foi classificada de “lazer levado a sério” (*serious leisure*). Descreveu o trabalho da Prefeitura de Sorocaba que estava divulgando da seguinte forma:

Esses jovens voluntários de lazer frequentarão um ciclo de palestras, realizadas mensalmente, com temas diversificados, visando capacitá-los com novos conhecimentos e ferramentas de intervenção comunitária nos inúmeros projetos da área esportiva de lazer da cidade. Isso é trabalho ou lazer? Para nós, é uma forma jovem de construção da cidadania pautada pelo prazer. (BRAMANTE, 2001, s/p.).

Segundo Andrade (2001) *hobby* é um termo que não existe equivalente na língua portuguesa, embora seja utilizado no Brasil como sinônimo de lazer. No Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, Dicionário *online* Caldas Aulete, *hobby* é “atividade que se faz por prazer, divertimento, livre de qualquer obrigação; passatempo”. Como exemplo: “seu *hobby* é colecionar chaveiros”. Essa definição de *hobby* em nada se assemelha ao compromisso ou seriedade requeridos no lazer sério.

Stigger (2002, p. 186) desenvolveu seu estudo etnográfico com três grupos esportivos que realizavam sua atividade no lazer, o futebol, nos espaços públicos da cidade do Porto. Constatou que os grupos desenvolviam suas atividades de forma heterogênea considerando a sistematicidade e a rigidez do horário diferente entre eles e, também com mais ou menos regras, mas assemelhavam-se pela ausência de produtividade esportiva. Entretanto, eles tinham preferência pela prática entre equipes equilibradas porque “um jogo é bom e tem interesse quando é duro, renhido, disputado.” O autor questionou se a prática de atividades em dias e horários rígidos, que almeje o rendimento esportivo, mesmo que realizada no tempo livre seria semilazer. Será que ele encontraria correspondência na perspectiva teórica do lazer sério?

Pois foi exatamente o caráter da seriedade presente nas suas pesquisas com amadores que levou Stebbins a desenvolver uma teoria para o lazer, a perspectiva do lazer sério, porque até então os conceitos existentes, clássicos e dominantes, se referiam ao lazer como um tempo de fruição (OLIVEIRA; DOLL, 2014). Outro aspecto destacado na teoria de Stebbins por Blackshaw (apud VEAL, 2016, p. 3) é o de que o lazer sério “deu uma nova direção aos estudos do lazer, em relação as abordagens convencionais que em grande parte tendem a concentrar seu olhar crítico na dicotomia entre trabalho e lazer” (tradução minha). O lazer dos amadores estudados por Stebbins até então, estaria na categoria de semilazer pela sistematicidade da prática e sua proximidade com o trabalho. A perspectiva do lazer sério abrange as experiências de lazer de pessoas que se dedicam com seriedade as atividades escolhidas, investindo em sua prática e se desenvolvendo com as atividades, como disse Stebbins em entrevista publicada no blog/jornal online do curso de Educação Física da Universidade Federal de São João Del – Rei – Minas Gerais. (EFUFSJ, 2010).

Stebbins (2016a) desenvolveu a Perspectiva do Lazer Sério, uma estrutura teórica que sintetiza três formas principais de lazer: lazer sério/trabalho devoto, lazer casual e lazer baseado em projetos, abrangendo uma variedade de tipos de atividades. Oferece uma maneira de ver e entender as centenas de atividades pelas quais as pessoas são atraídas pela satisfação ou realização que podem proporcionar.

A pesquisa começou em 1974 com o lazer sério e continuou desde então incorporando lazer casual e lazer baseado em projeto subsequentemente. A Perspectiva leva o nome de Lazer Sério, mas não se deve considerar que este seja mais importante que os demais. O autor mesmo reconhece que poderia denominá-la “Perspectiva da experiência de lazer” porque acredita que ofereça uma classificação e explicação para todas as atividades e experiências de lazer. (STEBBINS, 2006).

O autor reconhece que assim como a perspectiva foi construída a partir de suas pesquisas incorporando outras modalidades de lazer a partir do lazer sério, ela sempre necessitará ser revisada porque o mundo do lazer está em constante mudança, haverá necessidade de contemplar os novos interesses, como por exemplo, computação e eletrônica. (STEBBINS, 2016a).

O lazer para Stebbins (1982, 2014a), mesmo sério, continua sendo uma atividade realizada no tempo livre ou no tempo livre de desagradáveis obrigações e com a característica de que seus praticantes não dependam de qualquer remuneração que possam obter com ele.

Inicialmente a seriedade foi compreendida nas pesquisas como uma qualidade dicotômica com o lazer casual ou não sério, como seu oposto (STEBBINS, 1982), o conceito de lazer casual foi formulado em oposição ao de lazer sério a partir dos contrastes identificados entre os dois (STEBBINS, 1982, 2008). E o lazer planejado (baseado em projeto), foi acrescentado na perspectiva somente em 2005, antes, em 1994, “eu havia utilizado a expressão ‘atividade aeróbia prazerosa’”, confidenciou o autor (EFUFSJ, 2010).

Stebbins define lazer sério como:

[...] a prática sistemática de uma atividade por amadores, praticantes de hobby ou voluntários, considerada substancial, interessante e realizadora que em casos típicos lança-lhes numa carreira (de lazer) centrada na aquisição e expressão de uma combinação de habilidades especiais, conhecimento e experiência (STEBBINS apud OLIVEIRA, DOLL; 2014, p. 4).

Já o trabalho motivado, que foi posteriormente incluído na perspectiva junto ao lazer sério, é a atividade que tem conexão com a ocupação onde a linha entre o trabalho e o lazer é virtualmente apagada, podendo obter dela sustento total ou parcial. (STEBBINS, 2009, 2016a). Alguns trabalhos, chamados pelo autor de “*devotee work*”, são tão atrativos que podem ser considerados lazer, a única diferença é que são remunerados. Por isso ele julga que o trabalho e o lazer não são esferas antagônicas da vida moderna, pois pode haver prazer em ambos. (STEBBINS, 2014a).

O lazer casual é uma atividade imediata, intrinsecamente gratificante, agradável e de curta duração, não requer habilidade ou treinamento especial e é fundamentalmente hedônico. (STEBBINS, 2014a, 2016a). Algumas das atividades referidas nas entrevistas se assemelham as atividades de lazer casual:

“Lazer eu gosto. Tudo que tem para fazer de lazer eu faço” (Violeta).

Esta é a sua maneira de expressar que lazer são as atividades prazerosas que ela tem oportunidade de realizar em diferentes tempos e espaços.

Vamos lá vó, futebol, e para mim eu acho uma delícia, gosto e também te dá agilidade, né, porque tu tem que driblar. Mas assim, fui estes dias ao cinema com uma amiga, eu tenho o chá das quartas-feiras que diminuiu um monte, eu sempre tenho alguma coisa, faço meu tricô, terminei uma manta maravilhosa. (Violeta).

Ela estava falando das diferentes atividades de lazer que ela tem. É lazer jogar bola com o neto, ir ao cinema, tomar chá com antigas amigas e fazer tricô nas horas vagas em casa, gosta de todas estas diferentes atividades ocasionalmente realizadas.

Eu tenho muitas atividades de lazer, muitas assim, é verdade. Mas assim eu tenho o lazer com a minha família, eu tenho presente a minha família, meus netos, filhos e coisas ... e com as amigas, porque eu tenho muitas amigas. Eu gosto muito de ir ao cinema. Cinema assim, volta e meia, até sozinha uma vez que outra eu vou. Se eu não acho uma amiga eu pego e vou sozinha. Eu tenho 3 coisas que eu faço, ou eu vejo uma novelinha, que tem uma que eu gosto no canal 10, ou eu leio, eu gosto de ler e gosto de fazer palavras cruzadas e gosto de jogar paciência no celular. E eu descobri outros dois que são bons para a memória, que tem o jogo do milhão, uma coisa assim, com perguntas que eu posso escolher se eu quero só de matemática, só de inglês ou geral. Então eu boto naquele geral e procuro me puxar bastante para tentar responder o máximo de perguntas. Então eu faço muito estas coisas que é para a memória que já está falhando, já está falhando. (Jane).

Este é o exemplo de lazer casual presente na vida de todas as pessoas, é um lazer que não é planejado, mas que tem seus benefícios, além de proporcionar entretenimento e satisfação, ele pode contribuir com a educação de caráter lúdico e na manutenção dos relacionamentos interpessoais. (STEBBINS, 2001).

O lazer baseado em projeto é de curto prazo, pontual ou ocasional. Requer planejamento e esforço e até habilidade ou conhecimento em alguns casos. (STEBBINS, 2016a). Viagens são atividades de lazer casual frequentes entre os idosos. Uma viagem requer planejamento, principalmente, quando é para o exterior, em excursão. Há reuniões preparatórias, organização de mala e dinheiro. Também este tipo de lazer foi referido nas entrevistas:

Eliane, só para te avisar, eu não virei por 1 mês, vou viajar novamente. Vou fazer um cruzeiro. (Peia).

Lazer eu tenho aqui, agora. As vezes faço minhas viagenszinhas. Fui conhecer a Europa em 1998, fui com uma amiga, meio de dama de companhia, ela era 1 ano mais velha do que eu, né. Fomos de navio. (Celia).

O meu lazer é só aqui. Fora viagem, mas eu não sou ligada em viagem, eu odeio andar de avião, eu já andei muito na minha vida e acho que não preciso andar mais, chega. Navio nem pensar, ele (o marido) queria fazer um cruzeiro, mas nem que a vaca tussa eu não vou, não vou. Isto que eu sou do signo de peixes. (Nilda).

O lazer aqui que elas referem é a participação no projeto CELARI nas atividades que são oferecidas e, em especial, a banda que integram. A banda seria a atividade central de lazer sério, enquanto as viagens programadas e planejadas seriam o lazer baseado em projeto.

Estes são exemplos que confirmam a afirmação de Stebbins (2006) de que a participação em lazer sério não exclui a participação em demais atividades de lazer.

Reconhecendo a influência de Dumazedier no Brasil Stebbins (2016a) recuperou as características apontadas por Dumazedier para o lazer, bem como suas funções, para introduzir o que ele considera as seis qualidades distintivas do lazer. As características apontadas por Dumazedier, ressaltou Stebbins, são as de lazer como liberdade, sem fins lucrativos ou não utilitário, hedonismo e desenvolvimento pessoal tendo como funções únicas relaxamento, entretenimento e desenvolvimento.

No lazer sério o interesse por uma atividade é como se fosse uma vocação, na qual o participante é motivado pela seriedade e pelo comprometimento expressos na prática ou nos ensaios e na forma sistemática com que praticam com organização e horários. O lazer sério requer o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos, o acúmulo de experiência e esforço. Portanto são características do lazer sério a seriedade, a sinceridade, a importância e o cuidado. Pode até haver angústia e ansiedade em alguns eventos, mas isto não anula o prazer que pode ser obtido com o mesmo. (STEBBINS, 1982).

Segundo Stebbins (2016a), a abordagem de Dumazedier não possibilitou a compreensão das qualidades do lazer que correspondem as experiências adquiridas com as atividades sérias. As características acima destacadas são apresentadas por Stebbins (1982, 1999, 2008, 2014a, 2014b, 2016b) como qualidades do lazer sério, ou seja, o que pode distingui-lo das demais formas de lazer. São seis as qualidades do lazer sério:

Os depoimentos dos integrantes da banda “Só ritmos” serão confrontados com as características elencadas para verificar se é possível considerar a prática musical como uma atividade central de lazer para eles, ou seja, um lazer sério. Só é possível considerá-la como tal no caso de as observações realizadas e depoimentos colhidos corresponderem as qualidades do lazer sério formuladas por Stebbins.

A primeira qualidade citada por Stebbins é a perseverança. Consiste na persistência por parte dos praticantes do lazer sério em praticar com assiduidade para continuar experimentando o mesmo nível de satisfação, superando as dificuldades e até mesmo as adversidades. (STEBBINS, 2016a, 2016b, OLIVEIRA; DOLL, 2012). É através da perseverança que é possível observar o progresso com a atividade.

Ao iniciar a banda a experiência com a música era pouca ou nenhuma para a maioria. Rosa, Violeta e Mauro nunca aprenderam a tocar um instrumento na infância e nem depois já adultos até ingressarem na banda:

Eu nunca aprendi a tocar um instrumento na infância e adolescência. Não, eu ajudava minha mãe e o meu pai não dava muito incentivo. (Violeta)

“Nem em banda de colégio, eu nunca toquei” disse a Rosa.

Eu tenho uma falha na minha formação que eu não aprendi música. (Mauro)

Alguns entrevistados falaram sobre a sua experiência na infância e a mais comum foi com aulas de acordeon:

Bem, a minha mãe adorava que a gente aprendesse a tocar alguma coisa, inclusive eu tive professor de piano que morava em frente à minha casa, ela nos colocou lá, mas eu fugia. Aí me colocou em aula de violão, em aula de acordeon. Mas é que foi uma vida muito tumultuada, muitas coisas que eu não conseguia, que não vem ao caso aqui, faltava, faltava. Depois, financeiramente, o pai teve um problema muito grave também. E aí então acabou, se perdeu. (Edna).

Eu não gostei, não gosto de acordeon, não gosto do som do acordeon. Fui obrigada a fazer porque meu pai comprou o acordeon porque eu tinha que tocar acordeon. Aí fiz um tempo, com um professor de acordeon, mas não gostei, eu acho que eu tinha uns treze anos, doze anos, por aí. Aí larguei de mão, não quis mais e o meu vendeu a gaita. (Solange).

Tinha o que, seis anos, sete, é até os oito anos quem sabe, o meu pai comprou um acordeon para nós, para mim e minha irmã aprender. E nos forçou a aprender. Então aquilo era uma tortura. (Celia).

O acordeon, também conhecido como gaita, concorria com o piano naquela época para a iniciação musical das crianças da classe média. Era um instrumento popular e bem mais barato que o piano. Atribuo a sua popularidade a dois fatores, um é a fábrica Todeschini em Bento Gonçalves que na década de 1960 estava no seu apogeu e vendia muito e o outro é o seu uso na música tradicionalista do Rio Grande do Sul.

A primeira adversidade enfrentada pelo grupo era aprender a tocar um instrumento e para isto é preciso assiduidade nas aulas, tocar e repetir várias vezes reiniciando sempre que necessário, ou seja, perseverar na atividade, o que de fato aconteceu, a banda já tem de 10 anos.

A gente está aprendendo, que a gente está lutando para tentar chegar até o fim da música. Às vezes eu começo a pensar, com a idade que a gente tem, as vezes o professor brinca e chama a atenção, olha tu não estás certa, faz assim ... então a gente passa a cuidar mais e se policiar também, né? Não que eu tivesse

conhecimento porque eu poderia ter estudado, passado por isso tudo, mas não liguei, jamais iria imaginar que um dia eu fosse fazer o que estou fazendo hoje. (Edna).

A fala da Edna traz consigo o preconceito que, como se sabe, também parte do próprio idoso, ao dizer “com a idade que a gente tem”. Mas ao mesmo tempo comprova que ainda é possível aprender, mas num ritmo de aprendizagem mais lento e com muito treino.

O ouvido da gente vai tendo outra maneira de sentir a música, tu percebe se está errado, tu percebe que se atravessou na música, tu percebe o tom da música, o tom das notas, mesmo não sabendo as notas tu sabes se está errada. Se alguém errou no grupo, tu opa, errou. Aí para e começa de novo. A gente vai aprendendo, vai tendo uma sensibilidade muito grande de audição. (Solange).

Isto é perseverar, parar e recomeçar sempre que necessário. Ela reconhece que com o tempo aprendeu muito, mas nunca é o suficiente. Desenvolveu como habilidade a sensibilidade da audição para a música, com relação a notas e ritmos musicais.

Embora tivessem tido uma experiência na infância não significa que aprenderam a tocar um instrumento musical. Mas a experiência com instrumento de percussão não tiveram:

Até entrar para a banda, disse a Solange, “eu não sabia nada, nem pegar os instrumentos”. E a Iara complementou: “Não sabia nem para o que servem e agora a gente já tem noção”.

A Edna falou que quando começaram a formar a banda “ninguém tinha nada, ninguém tocava nada. E desde esta data a gente não parou, a gente vem engatinhando ... ninguém tocava nada, nenhuma de nós, e a gente vai indo desde esta data, a gente nunca parou”.

Há exceções neste grupo no que diz respeito a habilidade com música que são a Carmen e a Zenia que têm formação e são professoras de música. Mas no conjunto, o grupo é um exemplo de perseverança.

Também faz parte da perseverança vencer as adversidades. Como exemplo de adversidade a ser superada Stebbins (1982) referiu o medo ao palco. De fato, para alguns participantes o palco é uma adversidade a ser enfrentada, uns mais, outros menos:

Solange: Me sinto ótima (e riu). Fico nervosa um pouquinho no início, mas depois que estou lá, eu já ... eu me sinto uma ESTRELA (riu muito).

Nilda: Eu fico nervosa antes. Como em toda a minha vida, antes de entrar nas provas, ficava nervosa. Eu entrava e sabia tudo, estudava muito. [...]. Então, sempre, eu fico nervosa antes, na hora eu só me concentro no professor e na cantora ali e vou embora. Tenho certeza que eu não erro no meu instrumento que estou tocando porque eu me concentro. E eu acho que tem que ser concentrado para acertar bem. Tem que estar sempre ligada, porque tu liga ali, no caso da Solange que dá a batida, a mesma batida da Solange eu tenho que dar a minha. Então é professor, Solange e cantora, tem que estar sempre ligada, eu não vejo o público. Eu estou de cabeça

levantada, mas eu não vejo o público, meus olhos são para lá e para cá. Estou cuidando quem eu devo cuidar.

Edna: Ah meu Deus eu sou frio, dá um calor e depois dá um frio e será que eu vou conseguir, será que eu vou errar, mas a gente tem que não olhar para o público. Pensar que a gente está aqui, tocando no ensaio. Preocupação, será que vai dar tudo certo, será que vamos conseguir. Mas a gente vai, vai devagarinho, vai.

Mauro: Vou ter que ser sincero contigo (sorriu). Bem sincero, eu não gosto das apresentações, não gosto. Eu entrei na banda para tocar um instrumento, para me divertir, para cantar, assim como um grupo, um grupo de samba, mas para nós mesmos, né, uma panela, um grande panelão, e aí nós começamos a nos apresentar, muito pela influência da Regina. A Regina queria um tempo atrás nos botar num programa de televisão nem sei para quem lá. Mas que televisão é esta? Esse programa ninguém vê. Então eu faço tudo que tem que fazer, sigo a regra, mas não gosto muito, não me entusiasmo com as apresentações, mas vou, estou no grupo, tem que fazer o que o grupo determina.

O Mauro, um dos primeiros a ingressar no grupo que antes era um quarteto, tinha como expectativa tão somente aprender a tocar um instrumento por prazer e diversão. Era a sua oportunidade de aprender, pois estimulou seus filhos a aprenderem e eles tocam e sua esposa canta. Somente ele ficava de fora. Mas para continuar precisou se submeter a vontade do grupo, pois o seu instrumento é importante para o desempenho da banda. Portanto, ele participa de todas as apresentações e, nas minhas observações no campo, percebia sua satisfação em tocar. Então, depois, em outro momento, ele deixou claro o seu medo de encarar o palco: “talvez o fato de eu não gostar das apresentações seja porque eu julgo que não toco, penso que vou fazer fiasco, vai ter uma cara sentado ali na frente que é maestro e ... ah! Aquele cara que toca tambor não é de nada”.

Outro exemplo de perseverança, superando a adversidade é o da Violeta. Ela tem dificuldade de coordenação porque tem dislexia. Mas ela enfrenta os problemas, se adapta e supera as dificuldades como ela mesmo conta:

[...] eu enfrento as coisas, mesmo que eu saiba que possa dar problema, eu fui e falei com o professor e ele disse que nós teríamos que aprender todos os instrumentos, e eu disse se for para bater e eu ter que coordenar, as vezes eu não coordeno. Então eu toquei aquele que faz barulho da Péia, eu diminui um monte (a descoordenação). Eu vejo como é que eu vou pegar, então nisso aí, eu sei que eu tenho algum problema mas isto aí eu enfrento. Então eu, eu, eu me desafio nestas coisas.

Perseverar é também relevar possíveis erros, desacertos, procurando fazer cada vez melhor e reconhecer que nem sempre tudo sai perfeito.

Aquele dia em que a Regina mexeu no microfone durante a apresentação eu fiquei atacada também. Ela não gosta que chame a atenção ... e naquele dia foi uma desgraceira porque daí todo mundo se descoordenou porque nós estávamos tocando e ela parou para arrumar o microfone. (Violeta).

Outra qualidade que distingue todas as atividades sérias é a oportunidade de seguir uma carreira no lazer. O termo carreira, que tradicionalmente foi utilizado no âmbito profissional, “está sendo cada vez mais usado em sentido amplo, a fim de indicar qualquer trajetória percorrida por uma pessoa durante sua vida” (GOFFMAN, 1974, p. 111). A ideia de carreira, na concepção tradicional, traz consigo valores relacionados a uma progressão no trabalho, porém, no caso da Perspectiva do Lazer Sérioso, a "carreira" está ligada a continuidade na atividade, tanto em períodos de aumento de prestígio e benefícios, quanto na diminuição destes. (OLIVEIRA; DOLL, 2012).

Para Stebbins (2014a, b) pessoas que buscam uma carreira de realização no lazer são motivadas pelo desejo de fazer melhor, de obter melhor desempenho na atividade escolhida. Os praticantes progredem ao longo de uma carreira de lazer tal como o autor a compreendeu, mediante um crescente envolvimento, voltado para o aperfeiçoamento de suas habilidades, na perspectiva de longo prazo.

Os participantes da banda não têm consciência de que seu esforço e perseverança resultem em uma carreira no lazer. Conversei abertamente com a Solange sobre isto para ver a sua ideia de carreira:

Vou falar uma palavra que vai te assustar um pouco, mas associa com tudo que tu falastes, tu estás fazendo uma carreira na música?

Solange: Riu, que bom se pudesse fazer uma carreira.

Mas não é uma carreira?

Solange: “É, até pode ser, sim”.

Tu estás investindo... tu tens compromisso... tu estás progredindo...

Solange: “Se eu tivesse todas estas coisas que eu pudesse usar, professor de canto, bom professor de percussão mesmo, uma escola, uma faculdade de música, eu gostaria de fazer mesmo. Eu acho muito bom, eu adoro cantar, acho lindo cantar, acho lindo uma pessoa que tem uma voz bonita para cantar. Eu não tenho é, como é que eu vou dizer, é respiração para cantar, eu não sei usar meu diafragma. Eu uso tudo aqui na garganta, aí falta o ar, tu esganiça, fica aquela voz fina, feia, então ... não fica bonito, porque eu não sei usar meu diafragma. Se eu tenho alguém que me ensine a respirar, a usar a música no tom certo, báh! Perfeito. Ficaria lindo a gente se apresentar e ah! ser aplaudida, ovacionada, e riu”.

Mas não é assim? Não é isso que acontece quando vocês se apresentam?

Solange: “É, a gente é, pelo pouco que a gente faz a gente é. Sempre tem uma musiquinha na manga pra gente poder cantar, mas eu queria mais do que isso”.

Então, estás aspirando uma carreira? Pode não ser uma carreira tua, mas uma carreira do grupo.

Solange: “Isto sim. Seria muito legal”.

Uma carreira de lazer está relacionada com o envolvimento, isto ocorre com o passar do tempo, mediante as conquistas e recompensas decorrentes do aprimoramento de suas habilidades. Por isso é possível falar em carreira para este grupo.

Esforço pessoal, que é a outra qualidade do lazer sério, é o que não falta para o grupo. Aprender a tocar, o que em outras palavras é adquirir uma habilidade, aperfeiçoar-se e manter-se no grupo priorizando esse compromisso diante das demais demandas do cotidiano, resulta do esforço de cada um.

Quando retomaram as aulas no mês de março eu observei o quanto discutiram com o professor. A Jane reclamava por ser 9h30 e ele não ter iniciado a aula, alegava que tivera que pegar um *uber* para chegar no horário, portanto não tinha que esperar pelos atrasados.

O professor tentou introduzir uma música nova e eles não gostaram, dando outras sugestões que foram por ele acolhidas. Enquanto tocavam fizeram vários comentários e perguntas: dar uma parada ou não no encadeamento da música; está muito forte a batida, tu tens que fazer do jeito dela (da cantora Dulce), porque é ela quem comanda. Então quando o professor se virou a Dulce fez uma careta como criança malcriada. O Mauro e a Celia não deram palpite, cochichavam entre si.

Combinaram então de fazer as músicas que já haviam ensaiado começando com “pandeiro e viola” cantada pela Dulce. O professor cortou duas vezes e a Iara comentou que estava sem emoção. O Mauro queria saber se era para todos cantarem a música toda ou só o refrão. O professor falou que é normal ao retornarem das férias que as coisas aconteçam assim e vai num crescendo, acontece até com os músicos.

A Regina interrompeu o professor dizendo: então explica para ele que é só o refrão e a Zenia acrescentou: e é para cantar e não só abrir a boca.

Dirigindo-se ao professor a Zenia sugeriu: pensa em fazer um *up* na nossa banda. Começar a música só com o Felipe tocando pandeiro, depois entra a Dulce cantando e depois toda a banda. Fizeram assim e gostaram muito.

Passaram para a outra música “quero morrer numa batucada de bamba, na cadência bonita do samba...”. Tiveram que começar quatro vezes porque não conseguiam dar a cadência, o problema é que a Solange não conseguia começar junto com os outros.

Bem atrasada, às 10h30 chegou a segunda cantora, a Ana e foi beijando um por um e o professor a ignorou dando ordem para recomeçarem.

No final da aula os comentários: “- a Regina acha horrível tocar samba no bangô, mas precisa de microfone para ele”; “não esqueçam do pagamento”, avisou a Solange (mensalidade da caixinha); a Regina disse que “precisam comprar microfone especial para o Felipe que toca o pandeiro sozinho no início da música. Como é este microfone? É caro?”, ninguém respondeu; Regina falou alto: “próximo encontro às 9 horas com quem chegar”.

Este registro de campo que é a observação de um dia de aula exemplifica as qualidades do lazer sério encontradas por Stebbins (1982) em suas pesquisas e que estão presentes também na banda. Querem fazer o melhor, sugerem modificações, perseveram na atividade, se esforçam, querem sempre fazer o melhor. O desempenho da banda, cada vez melhor, sugere uma carreira no lazer.

Como resultado da participação no lazer sério Stebbins (2016b) identificou diversos benefícios duráveis, são eles: autodesenvolvimento, autoenriquecimento, autoexpressão, regeneração ou renovação do eu, sentimentos de realização, aperfeiçoamento da autoimagem, interação e pertencimento social, e até o produto final que para o grupo são as apresentações em público. O autor considera que destes benefícios a autorrealização, ou seja, realizar-se por ter alcançado ao máximo seu potencial, é o mais significativo. Mas também deve ser considerado como benefício a autogratisação pelo prazer que a atividade proporciona.

Quando os participantes referem nas conversas que aprenderam muito, que cuidam como devem se apresentar em público, que devem sorrir, por exemplo, que o importante é poder participar deste grupo, que se sentem realizados por ter aprendido a tocar um instrumento com esta idade, são referências aos benefícios advindos com a prática musical.

Uma quinta qualidade que diferencia o lazer sério e não sério é o *ethos* único. O *ethos* é o espírito da comunidade de participantes de uma atividade de lazer sério que se manifesta em atitudes, práticas, valores, crenças e objetivos partilhados e que se expressa em um mundo social. O conceito de mundo social seguido por Stebbins (1982) é o de Unruh (1980, p. 277)

[...] constelações amorfas e difusas de atores, organizações, eventos e práticas que se fundiram em esferas de interesse e envolvimento para os participantes [e nas quais] é provável que não exista uma poderosa estrutura de autoridade centralizada.

Não tendo uma organização central, o grupo de percussão também não tem burocracia. Suas decisões são tomadas em conjunto e as comunicações se dão mediante mensagens em whatsapp e é desta forma que partilham seus valores, suas crenças e objetivos. Tendo por objetivo a prática musical é no seu interior que elegem o que devem fazer e como fazer para assegurar a sua permanência como grupo. A caixinha, que é o recolhimento mensal da contribuição de cada um para pagar o professor e que está sob a responsabilidade da Solange, representa o que há de mais formal na organização da banda.

É só a convivência, que é muito bom a gente se reunir e discutir os assuntos, discutir o ritmo, se está certo ou se está errado, coisas assim, que a gente discute na aula, com o professor também, se ele erra a gente chama a atenção dele, é isto. A gente se apresenta aí fora, a gente leva o nome da faculdade nas costas. Agora tem esta

apresentação importantíssima, este lugar importante que a gente vai representar, olha o que vai ter de gente importante lá (é a abertura da Conferência Estadual do Idoso). Como é que tu vais fazer uma coisa feia, o que estas velhas estão fazendo aqui, que coisa horrorosa, é horrível. E não está bom, eu sei que não está bom, eu sinto que não está bom. A Dulce, ela está com problema de voz, tudo bem. A Ana chega a hora que ela quer, tu viu a hora que ela chegou, né. (Solange).

A *performance* é um dos valores para o grupo e ser velho não é algo depreciativo neste caso, é um elemento que justifica suas conquistas. Querem fazer apresentações bonitas e preocupam-se quando não dá certo nos ensaios ficando apreensivos até a apresentação. Já aconteceu, embora muito raro, de não fazerem uma boa apresentação.

Por fim, como última qualidade, há uma forte tendência no lazer sério de seus participantes identificarem-se com a atividade escolhida. Assim, eles já se sentem músicos, empenham-se em tocar cada vez melhor, querem ser reconhecidos como tal e ficam na expectativa de novas apresentações, oportunidade em que podem demonstrar o resultado de suas conquistas. Falam orgulhosamente sobre a sua atividade a outras pessoas.

Como referimos anteriormente há benefícios, mas também há custos em participar nesta atividade de lazer. Entre os custos devemos considerar os investimentos necessários para a manutenção da atividade. Vejamos alguns investimentos considerados pelos entrevistados:

Eu invisto no que? Em fazer o melhor, em ter um convívio bom com as pessoas. Financeiramente, eu pago o professor, eu levo o pó do café, já comprei instrumentos. (Violeta).

Eu invisto tempo, dinheiro. Sim, é sagrado para mim, quinta-feira pela manhã eu não marco nada, é a minha aula de percussão. Até gostaria de fazer outras coisas dentro da percussão, que seria cantar, até pedi para o professor ver uma professora de canto para nós, até pago para fazer isto que eu queria muito, um professor de canto. (Solange).

Eu estou investindo até a minha vida pessoal porque é uma coisa que eu gosto muito e, assim, tudo que eu passei neste último ano agora (o marido faleceu), neste ano que eu estou passando, uma coisa que eu pensei é que não queria desistir, teve um momento que eu até pensei, eu não queria fazer nada, mas a banda sempre estava na minha cabeça. Uma coisa que eu não posso desistir é da minha banda, que é uma coisa que eu gosto tanto, da música. Então é uma coisa que me traz tanta coisa boa assim, alegria, para minha cabeça, sabe. É uma coisa assim que eu procuro nunca faltar, eu procuro vir sempre. Eu levanto as cinco e meia da manhã nas quintas-feira que é o dia da nossa banda. Porque aí eu venho com a minha irmã, que a gente vem junto, pegando um uber que sai mais barato, que aí ela passa por aqui, me deixa, e segue até o trabalho dela, do que a gente gasta de táxi e de ônibus. (Rosa).

Investimento eu acho que invisto o meu tempo, estou sempre investindo, tempo para a percussão para mim eu tenho que ter sempre. Tempo, financeiro também, se precisar comprar instrumento eu compro sem problema nenhum e qualquer hora, qualquer momento que me chamam eu estou sempre a disposição, estou sempre disposta e sempre disponível para claro, no caso, em alguma emergência é claro,

mas procuro não fazer nada neste período que tem ensaios, que tem apresentações, estou sempre disponível. (Nilda).

Eu não sei se eu estou investindo ou se estou mais aqui pelo prazer que me dá, o preenchimento que isto me dá. Porque isto aqui não tem preço, sabe? Porque estes momentos que a gente passa e que a gente está aprendendo, que a gente está lutando para tentar chegar até o fim da música. Às vezes eu começo a pensar, com a idade que a gente tem, as vezes o professor brinca e chama a atenção, olha tu não estás certa, faz assim ... então a gente passa a cuidar mais e se policiar também, né? Eu invisto tempo, o tempo que é tudo, é casa, enfim, o marido que eu tenho que me dá assim ... sem palavras, porque eu conheço várias que não podem porque eles não dão apoio nem nada. Ele não vem nem nada, mas sei que ele está em casa me dando um suporte. Financeiramente, se eu levar em conta o que eu estou gastando, não viria. Estou gastando o que dá para ser, é uma coisa que eu gosto. Se eu deixo de fazer, as vezes, alguma outra coisa, ou gastar em outras coisas, é porque eu não sou muito consumista. (Edna).

Eu invisto emocionalmente ... materialmente, que está dentro do financeiro, mas a maior parte é o emocional. (Celia).

Eu sou uma pessoa muito ... é, como eu vou te dizer, isolado, eu gosto, sou meio solitário assim e gosto de me isolar. Mesmo em casa, fico sozinho ... e este grupo, né, me ajudou muito nisto, nesta relação. Mesmo porque as vezes quebro os pratos com uma, com outra, mas eu ainda estou, sou um sobrevivente ainda. É ... são sete, oito anos, sei lá e eu estou, isto para mim, eu vejo como o maior investimento, que é na relação interpessoal, nessa tolerância. Eu sou meio intolerante, sempre fui. Então eu procuro ... como vou dizer, paciência e tolerância. Então eu procuro ter e ... porque eu sou muito de dar opinião e criticar. (Mauro).

Quando falamos em custo a primeira ideia pode ser o financeiro, mas não é este o custo principal considerado pelos idosos, há o custo tempo dispendido e o investimento emocional para manter o equilíbrio nas relações interpessoais que são predominantes entre eles, são os esforços pessoais para manter o grupo unido.

Os participantes da banda, por suas manifestações, se assemelham aos hobistas descritos por Stebbins (1982) porque são sérios e comprometidos com suas atividades, “em outras palavras, eles não são diletantes ou pessoas sem objetivo, fazendo algo como uma diversão temporária”. (1982, p. 260).

Participar da banda eu acho que é um compromisso, eu levo por este lado do compromisso porque a gente se apresenta fora das aulas, então eu acho que a gente tem que fazer a coisa bem organizada, com responsabilidade, vir aos ensaios, estudar a música, até em casa as vezes eu estudo a música. Até o professor nos ensinou, tu não precisa fazer barulho em casa com o teu surdo, pega uma almofada, pega as baquetas e bate na almofada só para tu sentir o ritmo. Não o barulho, não o som da música, tu vai perceber, ou ouve alguma música tocando no rádio, tenta acompanhar sem precisar fazer barulho em casa, só para ter os movimentos certos. E as vezes eu faço, quando está tocando um sambinha, um pagodezinho, (falou rindo) (Solange).

A banda é um compromisso e um lazer. Eu até tomo banho (falou rindo). Uma coisa assim, que eu tenho prazer de vir, eu tenho, então é uma coisa prazerosa. E o compromisso, aquele outro lado de fazer a coisa melhor, melhor possível, sempre bem feita, né. Então para mim é um compromisso e é um lazer, uma coisa prazerosa. É mais que um passatempo, até para mim, eu me vejo assim crescer, né. Uma coisa

que eu era, que eu me imaginava nulo, né. Aquela terra árida ali que não sai nada e saiu uma plantinha ali. (Mauro).

Em primeiro lugar é um compromisso porque se eu entrei, eu não posso deixar ninguém mal. Se eu disser, eu venho, eu tenho que vir. Agora, é um passatempo também, porque eu estou feliz em estar aqui, não posso dizer que não é, mas não é só aquele passatempo, ir por ir, não. É um compromisso que eu assumi com o pessoal. O dia que não, agora mesmo, quando me acidentei fiquei arrasada, vou de qualquer jeito, vou de braço enfaixado, vou, é um compromisso que eu tenho. Porque se eu não me impor isto aí, quem é que vai? Eu acho que é o prazer maior poder fazer estas coisas que gosta. Quanta gente não gostaria de estar no nosso lugar. Eu acho que está tudo alinhado sabe? É o compromisso, é o prazer. É o compromisso que tu tens de saber que chega o final do mês e tu tens que pagar. Pagamos porque não, a gente gasta com tanta coisa por aí. (Edna).

A banda para nós é um compromisso. Todos têm compromisso. Eu tenho a música como uma coisa muito importante na minha vida. (Regina).

É um lazer, é uma coisa muito boa para mim. Não é compromisso e nem passatempo. É um compromisso que eu tenho, é claro, eu tenho um compromisso com tocar, claro. Para mim é um compromisso, mas para mim é uma coisa muito boa, é um lazer gostoso para mim, entendeu? É um compromisso claro. (Rosa).

Para mim não é um sacrifício, eu gosto muito. É um compromisso, inclusive a gente tem muitas briguinhas, porque assim ó, início do ano, eu faço a minha agendinha, todas as quintas de manhã é da banda, é um compromisso que eu tenho, com outras pessoas, em consideração com meus colegas, com meu professor e, um instrumento tem compromisso com outro, porque um chama e o outro responde, tem a hora que um tambor tem que ser mais forte e o outro tem que baixar a bola, então um depende do outro ali para tocar aquela música, entende? É ensaiado assim, então é um compromisso grande, todas as quintas de manhã ... a menos, uma doença, uma coisa mais séria, um médico. (Jane).

No momento que tu entra ah ... num programa, no ... num grupo, seja lá para fazer o que for, tu te compromissa com aquilo e aquilo tem que ser levado com seriedade. Isto depende muito da personalidade de cada um, tu levar a sério ou não. (Célia).

Ver a participação na banda como um compromisso é uma forma de enquadrá-la teoricamente como um lazer sério. Entretanto, o prazer, a satisfação, a realização pessoal não desaparecem com o caráter da seriedade. Stebbins (1982) explica que estes elementos também estão presentes no lazer sério, entretanto, não são característicos desta forma de lazer, o lazer sério pressupõe a seriedade, o compromisso, a dedicação, o que não exclui o prazer.

A participação na banda como um lazer sério tem seus custos e recompensas, com vantagens sociais e psicológicas como a possibilidade de seguir uma carreira de realização, criar uma identidade especial, pertencer a um grupo, participar de um mundo social. Os custos que podem ser aversões, tensões e decepções, além de financeiros, também podem se fazer presentes no decorrer da atividade. A abordagem destes aspectos é que caracteriza a interdisciplinaridade da perspectiva do lazer sério propiciando o estudo por diferentes enfoques. O enfoque psicológico e social pode ser explorado no esforço, perseverança e identidade presentes nas experiências de lazer. A carreira e o mundo social abordados são

domínios sociológicos, enquanto o *ethos* é cultural e provém da sociologia. (STEBBINS, 2016a).

O que justifica a escolha pela perspectiva teórica do lazer sério é, em parte, porque estamos acostumados a pensar em atividades prazerosas, de livre escolha, realizadas no tempo livre e que são feitas quando há vontade como lazer. Mas lazer também pode gerar compromisso, consigo mesmo e com o grupo como diz Stebbins (2014b). No lazer sério comparecer as aulas e ensaios do grupo de percussão não é só uma obrigação, é um prazer, e dá muita satisfação: “eu amo”, como disse a Nilda.

6 NOS BASTIDORES DA BANDA

Em entrevista, falando sobre o que se passa no grupo, o Mauro disse: “isto é um livro bom de escrever, ‘os bastidores da banda’”. Não sei se será escrito algum livro, mas sem lhe tirar o mérito, apropriei-me da expressão que julguei pertinente quando me proponho a investigar esse universo particular que é o mundo social da banda.

A banda é um grupo organizado por seus próprios integrantes, com encontros semanais sistemáticos e que por serem da mesmacategoria etária desenvolvem uma sociabilidade intrageracional. Esta forma de sociabilidade, que se dá entre iguais, é um fenômeno próprio da sociedade atual e que se deve em grande parte a criação da “terceira idade”. Idoso é a terminologia usada para a representação de pessoas mais velhas, enquanto que a terceira idade é um termo empregado nas proposições relativas a atividades sociais, culturais e esportivas designando os jovens velhos, os aposentados dinâmicos. A aposentadoria pode ser compreendida como um mecanismo de desencaixe, aspecto-chave do desenvolvimento da modernidade (GIDDENS, 2002), pelo deslocamento das relações sociais provocadas. A sociabilidade em suas diferentes formas e práticas se apresenta como reencaixe, como possibilidade de reajustamento dos indivíduos na vida social cotidiana. Uma diversidade de equipamentos e serviços voltados a continuidade da vida ativa são ofertados para atender as necessidades sociais.

A sociabilidade é definida diferentemente por alguns autores. Em Baechler (1995) vemos que Gurvitch (1969) a designa como o princípio das relações entre pessoas e a capacidade de estabelecer laços sociais o que abrange a formação de grupos e que indica a capacidade associativa em geral, em locais onde os homens encontram um meio de serem sociáveis, como clubes, por exemplo. Mas foi George Simmel (2006) que desenvolveu a teoria sobre a sociabilidade, elaborada a partir da análise da relação entre forma e conteúdo dos elementos que compõem a vida em sociedade. Para Simmel (2006) sociabilidade é a forma como se dá a sociação, ou seja, esse processo do vir-a-ser da vida social que constitui a sociedade. Em outras palavras, a sociedade se faz na relação entre indivíduos.

A sociação é a “forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos em razão de seus interesses [...], se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam” (SIMMEL, 2006, p. 60-61). Assim, entendo o grupo musical como uma sociação, uma unidade constituída pelos idosos para realizar seus interesses que são, antes de mais nada, aprender a tocar ou desenvolver a habilidade de tocar um instrumento musical e é neste espaço/tempo que se dá a interação. Os

interesses, impulsos, inclinações são conteúdos da sociação e que por si só não são sociais. Passam a ser “fatores de sociação apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas de ser com e para um outro – formas que estão agrupadas sob o conceito geral de interação” (MORAES FILHO, 1983, p. 166).

E a sociabilidade, é definida por Simmel como “a forma lúdica da sociação” (2006, p. 65), é o impulso como valor e como felicidade que se desvencilha do mero processo de sociação e que tem um papel simbólico que preenche a vida e fornece um significado para além dos conteúdos concretos.

Elias e Dunning (1992) colocam a sociabilidade no contexto do lazer como um elemento básico que tem um papel a desempenhar nas atividades sociáveis de lazer, onde evidencia-se o prazer da companhia de outros e a desobrigação. O papel da sociabilidade é destacado pelos autores em encontros, festas, visitas, bares, como oportunidades para a interação com amigável emotividade, que é diferente em outras atividades de não lazer como o trabalho. As pessoas reúnem-se para desfrutarem da companhia de outros, para terem prazer. A sociabilidade para os autores assim posto, vai ao encontro da forma lúdica da sociação de Simmel.

A sociabilidade se encontra no mundo social específico criado pelo grupo de percussão no desempenho de sua atividade de lazer e se manifesta nas suas atitudes, práticas, valores, crenças e objetivos partilhados. Apesar do interesse em aprender a tocar um instrumento, finalidade que os une, o que mais apreciam é o convívio e assim se instala uma sociabilidade que é muito própria para este grupo e da qual deriva um mundo social específico.

Todos dizem que gostam muito dos encontros semanais da banda pela companhia dos outros; pelo prazer de estar com o grupo; o grupo e a atividade musical preenchem sua vida; a gente é amigo, tem festa em cada aniversário; o grupo é muito bom; o grupo me ajudou porque eu era muito solitário; as amizades que fizemos; as nossas saídas, são expressões que utilizaram para ressaltar a importância do convívio que os encontros proporcionam.

Eu adoro, me faz bem, eu fico feliz, me dá felicidade as aulas da banda. [...]. Mas o que eu gosto muito de fazer é ir para os ensaios da nossa banda, eu gosto de ir no ensaio porque a gente fez um grupo assim muito, muito legal e é uma alegria só. Um brinca com o outro, um mexe com o outro, é tudo em brincadeira e coisa, e é um ambiente muito gostoso com 19 pessoas junto, bem sincronizadas assim [...] (Jane).

Regina: Com tudo isto que tu fazes a tua autoestima fica melhor, não é, porque tu estás fazendo alguma coisa que tu estás gostando, tu estás te socializando, isto é muito importante, o relacionamento, tu não fica sozinha em casa, tu estás com outro grupo, com outras pessoas, não é.

Solange: Olha, não só a percussão, como o próprio CELARI, mudou a minha vida porque eu era muito tímida, muito quieta, muito introvertida. Jamais eu chegava e abraçava e beijava alguém assim, estranho. Me soltei aqui, eu sou outra pessoa, sou o avesso do que eu era. Era fechada mesmo, para dentro, não conversava com as pessoas, sempre muito sozinha porque eu não tenho amigos fora, não tenho irmãos, não tenho mais pai, nem mãe. Tenho só minha filha, então a gente ... aqui eu achei outra família. As amigas que eu adoro, minhas amigas todas.

Nas observações realizadas em campo acompanhamos as festividades referidas. Sempre que alguém estivesse de aniversário naquela semana, o lanche se transformava em uma mesa festiva com bolo e velas para a sua comemoração e ainda com direito ao presente. Esta é uma prática de sociabilidade importante para o grupo, momento de relaxamento da aula propriamente dita e de demonstrar a importância de cada um confraternizando pela data especial.

Dos depoimentos acima é possível identificar valores sociáveis como alegria, vivacidade, liberação que cada um deve garantir ao outro o que Simmel coloca como princípio que constitui a sociabilidade. Eliminado o que é inteiramente pessoal e o que é inteiramente material a sociabilidade é um “jogo de cena”, que cria “um mundo sociologicamente ideal: nela a alegria do indivíduo está totalmente ligada à felicidade dos outros” (SIMMEL, 2006, p. 69).

Leite (2010) fez uma analogia do “jogo de cena” de Simmel com a encenação ou atuação cênica presentes nas teorias sociológicas e antropológicas destacando autores como Maffesoli (2001), Giddens (1989), Goffman (1985) e outros, para dizer que a sociabilidade de Simmel também pode ser compreendida pela analogia entre vida cotidiana e artes cênicas. Diz Leite: “numa espécie de jogo de faz-de-conta, a sociabilidade significaria uma suspensão temporária e deliberada das tensões e diferenças sociais” (2010, p. 247).

O grupo tem consciência de que para uma convivência prazerosa é necessário comportamento adequado, de acordo com os bons costumes, desenvolvido por cada um que conhecendo-se a si próprio, sabe das atitudes que devem manter sobre controle. Esse comportamento contido é exemplificado por Simmel como moralidade. (MORAES FILHO, 1983).

A moralidade se desenvolve no indivíduo através de um segundo sujeito que se confronta com ele no interior de si mesmo ‘Eu sou’ – como sujeito que se conhece e se confronta consigo mesmo enquanto objeto conhecido – ele também diz a si mesmo ‘Eu devo’. (MORAES FILHO, 1983, p. 102).

Esta questão de moralidade interessa quando diz respeito ao comportamento do indivíduo em relação a outro, desta forma ela se reproduz através de códigos sociais que constituem a etiqueta social. Muitos têm consciência disto, inclusive falaram a respeito durante as entrevistas como destaque a seguir.

Mesmo porque as vezes quebro os pratos com uma, com outra, mas eu ainda estou, sou um sobrevivente ainda. É ... são sete, oito anos, sei lá e eu estou, isto para mim, eu vejo como o maior investimento, que é na relação interpessoal, nessa tolerância. Eu sou meio intolerante, sempre fui. Então eu procuro... como vou dizer, paciência e tolerância. Então eu procuro ter e... porque eu sou muito de dar opinião e criticar. (Mauro).

O Mauro referia-se ao seu comportamento, tem consciência de sua personalidade forte. Em outros momentos atribui suas dificuldades de relacionamento, em parte, a sua criação, seu pai era soldado, como ele mesmo disse, e à sua vida profissional na Brigada Militar, seguindo a carreira do pai. Reconhece-se como intolerante, crítico e de difícil relacionamento. Apesar das adversidades continua no grupo que diz ser de grande importância para ele e que lhe dá muito prazer. No grupo são apenas dois homens e pode parecer que por isso ele só quebra os pratos com as mulheres, e elas mesmas o consideram “machista” como já disseram.

A Célia se considera uma pessoa reservada e observadora.

Disse que usa mais a razão do que a emoção como forma de exercer o autocontrole, porque na hora que tiver que se manifestar em situações conflituosas “sou mal educada e mando calar a boca”. Portanto, a estratégia utilizada por ela para contribuir para a harmonia no grupo é calar-se: Então porque eu não falo as coisas? Tem coisas que eu não falo porque tu vais criar um ambiente ruim, vai criar inimizade, vai criar desavenças, vai criar uma série de coisas negativas o que não é bom”.

Estes são alguns exemplos do quanto as pessoas se esforçam para manter as relações interpessoais no grupo de acordo com os parâmetros do que se pode considerar sociabilidade, onde o prazer da convivência se sobrepõe as pequenas desavenças que por certo existem.

Da leitura de Simmel (2006) abstraímos algumas características de grupos que podemos utilizar para fazer uma analogia com a banda. Na dinâmica de grupos, uma de suas qualidades é a interação entre seus membros favorecida pelo seu tamanho, é um grupo pequeno. A contribuição de cada um ao todo e o reconhecimento do grupo são visíveis, pois não há grande diferenciação entre seus membros, suas funções e pretensões. Há também a divisão do trabalho que favorece a interpenetração e a interdependência que liga cada pessoa

com todas as outras, sem o que um grupo se degradaria. Também a coesão imediata e pessoal é típica do grupo pequeno, pois não há mediadores para a interação que operam, como cargos e representações formalmente exercidos.

Como prática de sociabilidade deste grupo encontramos a contribuição para a manutenção do grupo, o que pudemos verificar nas observações e também nas entrevistas. Destacamos aqui a forma que se dá mediante a divisão de tarefas que não é igualitária e nem proporcional entre os membros do grupo. Tens uns que fazem muito e outros que não fazem nada.

A contribuição de cada um ao todo e o reconhecimento do grupo são característicos nesta forma de sociabilidade, corresponde a uma divisão de tarefas. Entretanto, isto não se dá de forma igualitária porque é um pequeno grupo que se mobiliza em benefício do todo.

Em todos os dias de ensaio a Solange, a Rosa e a Violeta chegam quase duas horas antes. A Solange retira a chave do galpão na secretaria que fica na entrada do campus. Encontra-se com a Rosa e a Violeta na sala do CELARI para pegar os instrumentos musicais e o material para o café que transportam para o galpão. Para o transporte utilizam o carro da Violeta e, quando a Violeta não está de carro, combinam com a Regina para chegar mais cedo. Os demais vão chegando e dirigindo-se diretamente ao galpão para começarem a montar os instrumentos e os microfones. Outros chegam quando está tudo pronto ou já atrasados para o início da aula/ensaio.

Em uma oportunidade conversando com algumas pessoas do grupo gravei e transcrevi a seguinte conversa onde se pode ver como se dá a divisão de tarefas:

Olinda: O que eu vou dizer do pessoal do grupo, da direção que é esta aqui (falava da Solange). Tem a seleção né, que é esta aqui, a Regina, a Célia, tem mais uma quem é, a Rosa. Essa aqui também (referindo-se a Violeta).

Violeta: Eu sou do cafezinho.

Olinda: Essa aqui parece não sei o que, meu Deus, não para. Ela tem alguma coisa de mim, eu acho que te passei alguma coisa, como é ativa, meu Deus.

Solange: Este destino que vocês deram para mim, foram vocês que me escolheram.

Iara: É cada um tem uma habilidade.

Olinda: É a secretaria (referindo-se a Solange). É a que lidera (eu) para tudo, para fazer os contatos, para ...

A Iara interrompeu: É cada um faz uma coisa, eu escolho as músicas, trago umas músicas novas para a gente aprender.

Solange: É, eu sou a que pega a chave do galpão, sou eu que faço os nossos horários. As pessoas me ligam para combinar algumas coisas, sempre fica para mim. Então, foram vocês que me escolheram, não fui que pedi. Eu até quero cair fora, mas ... é uma responsabilidade.

Olinda: É uma responsabilidade sim. Tem que pagar amanhã, é dia de pagamento ... (é a Solange que dá estes avisos). A Olinda ficou repetindo e todas riram.

Na verdade, a caixinha que está sob a responsabilidade da Solange é uma forma de organização do grupo.

Solange: Quando a gente troca o dia de ensaio quem organiza sou eu, que vou atrás, porque ninguém faz isto.

Violeta: Ela vem cedo também para carregar os instrumentos.

Iara: Elas são reservadas, o grupo delas é só delas (estava se referindo a direção do grupo como denominou a Olinda, aqueles nomes que ela citou).

Jane: Porque a gente está sem o João, o Mauro está dando por enquanto uma mãozinha, mas não sei até quando, o Mauro não é dos horários cedo, ele está vindo cedo, ajudando e tal porque o João está doente. Mas para nós carregarmos não dá, disse a Jane, e a Iara complementou, de repente tem que achar alguém.

Jane: Porque assim ó, cada vez a gente está ficando com mais idade, porque isso aí faz no mínimo oito anos que a gente está na banda, porque há oito anos atrás eu não tinha nem 60 anos, era outra coisa, eu não tinha problema nos dois ombros, agora eu toco em pé, mas nos ensaios eu sento porque aquela tira que segura o meu tambor aqui não pode me machucar nos ombros. Assim como eu fiquei com um problema que eu não tinha lá no início, com a idade, vários aqui também, né. Isto tudo está nos dificultando este carrega, carrega.

Iara: Vamos fazer uns eventos e comprar uma van para carregar os instrumentos, mas o problema não é o motorista, mas sim para carregar, tem os carros. O problema é bota no carro, tira do carro.

Da conversa acima confirmam-se algumas atribuições na divisão de tarefas e acrescentam-se outras. Afora a organização do ambiente e do material é necessário a comunicação e a tesouraria, o que ficou sob a responsabilidade da Solange, conforme apontou a Olinda. Então podemos destacar a participação da Solange em todas as tarefas indispensáveis para que as aulas/ensaio aconteçam e até para a própria manutenção da banda, dividindo, em parte, com a Violeta e a Rosa.

Outro aspecto que chama a atenção é a idade e os problemas físicos decorrentes como referiu a Jane. É por este motivo que alguns são poupados do trabalho pesado, é o caso do Felipe, Zenia, Carmen e Olinda. Outros porque justificam dizendo não ser possível chegar mais cedo devido a suas responsabilidades ou porque dependem de carona.

Conversando com a Solange, a Rosa e a Violeta perguntei por que não envolviam os demais nas atividades de organização, redistribuindo as tarefas ou mesmo, responsabilizando cada um pelo seu instrumento. Disseram que já falaram, mas não adianta, se forem esperar por eles a aula não começa no horário.

Jane: De vez em quando eu estou muito chateada com a banda, com os componentes, eu me envareto facilmente, porque assim ó, porque ali na banda todo mundo é líder, líder na sua casa, sou líder na minha, fulana na dela ..., mas aí quando chega na banda todo mundo quer liderar, com exceção de alguns que não querem nem saber. Mas tem muitos líderes que é assim, então de vez em quando eu estou ... eu me choco com isto aí, e eu não sei ficar quieta, uns dizem deixa, deixa assim,

deixa não, se está fazendo errado não, estou falando na administração da banda. Então tá. Isto aí me chateia.

No que diz respeito a organização do grupo, que se dá de maneira informal, destaca-se uma liderança como é possível depreender da fala da Olinda que referiu-se a direção e a secretária. Mas esta é uma liderança informal e que, portanto, nem sempre tem o reconhecimento de todos. A Jane, por exemplo, não reconhece a liderança:

De vez em quando eu estou muito chateada com a banda, com os componentes, eu me envareto facilmente, porque assim ó, porque ali na banda todo mundo é líder, líder na sua casa, sou líder na minha, fulana na dela ..., mas aí quando chega na banda todo mundo quer liderar, com exceção de alguns que não querem nem saber. Mas tem muitos líderes que é assim, então de vez em quando eu estou ... eu me choco com isto aí, e eu não sei ficar quieta, uns dizem deixa, deixa assim, deixa não, se está fazendo errado não, estou falando na administração da banda. Então ta, Isto aí me chateia, eu já tive assim duas vezes pensando assim, ah eu vou sair. Mas da banda eu não quero sair porque eu adoro, ela me faz bem, eu fico feliz, eu fico alegre tocando eeehhh.

Pois é. As decisões devem ser tomadas em grupo, porque é um grupo. Teve uma época, que certa pessoa estava tomando uma iniciativa como se fosse sozinha para decidir. Aí, de tanto a gente debater, mas como que tu cancelou, mas como que não nos passastes isso, tu chegou e disse não, nós não vamos. Não é assim, tantos minutos nós temos que ter, não. Isto aí é um grupo, tem que trazer para o grupo. Olha, nós recebemos tal convite, eu tenho que levar uma resposta, todos concordam? As decisões tem que ser no grupo. Não pode ser uma pessoa só a tomar a decisão pelo grupo, nem o professor pode tomar decisão pelo grupo. Ele pode nos trazer alguma sugestão, alguma coisa, mas não tomar a decisão por nós. (Rosa).

Aqui cabe questionar: quem compõe a administração da banda? Seria a Solange pelas responsabilidades que assume, a Rosa e a Violeta que chegam cedo para carregar os instrumentos? Seria a Regina porque é a mentora da banda e respeitada como tal até agora? Se por um lado é difícil nominar uma administração, por outro é fácil identificar o exercício de lideranças de vital importância para o andamento dos trabalhos. Porém, o grupo também precisa de regras explícitas formal ou informalmente, que sejam comuns a todos a fim de manter a ordem e o ritmo de funcionamento.

Sobre suas regras eles dizem:

Solange: Regras tem, mas não são cumpridas, uma delas é não faltar as aulas, ã ... decorar os textos que tu estás cantando, das músicas, ã ... prestar atenção em aula, ouvir o professor ... Tem todas estas coisinhas assim que não funciona, as pessoas parecem que levam na brincadeira. Faltam aula, não avisam, tudo isto faz parte das regras, né. Como qualquer coisa que tu faz na tua vida tem regras, né. Tu não vai para uma escola na hora que tu quer, entra na hora que quer, sai na hora que quer. Umam chegam dez horas, outras chegam dez e meia e o horário é 9 horas, aí tu perde meia hora, uma hora de aula, aí vem o intervalo é mais quinze minutos que tu perde e aí tu não aproveita quase a aula, até as 11 horas. Deveria começar as nove, mas começa as nove e meia, a não ser que tu faças corrido, mas é difícil. Este lado é

difícil. E ajudar a recolher o material, estas coisas assim ... tu tens que pedir toda vez, é uma luta para a gente pedir para as pessoas cooperarem. Isto é brabo, isto é difícil. E sempre as mesmas que fazem tudo, né. Tu sabe muito bem (e riu, ela disse que eu sei porque acompanho as aulas). E se a gente não faz, ninguém faz, né. A gente perde muito tempo, imagina se a gente chega, pego o meu instrumento e vou para lá, até que todo mundo chegue ... tem que fazer isto até para o pessoal acostumar, eu sei, mas a gente não aguenta. Eu chego aqui 8 horas e a aula é as 9 horas. Porque a gente (Solange, Violeta e Rosa) já arruma tudo, tudo, antes, desce, vai para o galpão, arruma tudo, quando o pessoal chega é só o seu instrumento que vai montar. Que antes a gente até montava os instrumentos todos, mas agora a gente não está mais montando, somente os maiores, os mais difíceis. Aí tu perde tempo, porque elas chegam atrasadas, então, é quinze, vinte minutos, meia hora que tu perde de aula. Tu não pode.

Celia: Nem todos tem compromisso. Não tem. Uns mais, outros menos, acho que os compromissados são sempre os mesmos. Tu coloca o grupo, aquele dia, àquela hora, como um compromisso que tu assumiu e que tu tem que cumprir. Agora, outras pessoas não. Né, aquilo ali, sei lá, tu vai cuidar das galinhas primeiro, tu vai sei lá o que fazer e depois tu vem, sei lá, cuidar dos cachorros, quando tu não tiver mais nada para fazer em casa aí tu chega. Só que tem o outro lado, na apresentação oficial tu podes ver que estão todos no horário. Por que? Pergunta que não quer calar. Por que? Porque tu vai ser visto, tu vai ser aplaudido, tu vai te sentir com autoestima mais elevada, faz bem para o teu ego, por que? Pergunta-se.

Edna: A gente até tentou colocar algumas coisas assim, não pode faltar, não chegar atrasada. Às vezes a gente tinha assim, ah chegava atrasada e vai cumprimentar todo mundo e para, tu estás tocando e aí acabou isto, chegou não tem que beijar, chegou atrasada, entra quietinha, pega ali o seu instrumento. Temos que impor regras, senão não funciona. Eu cobro muito estas coisas assim, não sou só eu, várias pessoas, compromisso é compromisso. Vem aqui para tocar, é para tocar, depois temos o nosso tempo para se cumprimentar, conversar, tomar um cafezinho. Não me custa nada fazer alguma coisinha lá em casa e trazer (coisa para comer no intervalo). É gratificante. Tem que ter horários para entrar, para sair, só que é difícil.

Regras tácitas o grupo tem e são poucas, ou seja, basicamente assiduidade e pontualidade, estas para garantir o bom andamento dos trabalhos. Mas descumpri-las não é fator de exclusão, mas sim de insatisfação. Uns acham que tem, outros que não, mas há um consenso quanto a necessidade de cumprir com os horários, o que não vem acontecendo.

Jane: Até briga sai, né, porque não querem chegar no horário, isto é uma briga, é ... então até briga sai te tão sério que é a coisa.

Nilda: Olha, acho que deveria ter regras. Mas não tem. Não tem porque eu acho que são muitas pessoas dando opinião. Eu acho que quem tem que falar, se o professor falou, levanta o braço e diz quem sabe fazer tal coisa, mas não, tem que fazer assim, tem que fazer assado. Acho que não pode ser isto.

Rosa: Olha as regras é o seguinte, a única, que a gente pede para as pessoas não faltarem, só em último caso, em compromissos com médicos que não conseguem marcar em outro horário, né. E uma outra coisa que isto aí me incomoda, é os atrasos, a gente tem um horário, antes era as nove e meia. Aí tá, a gente fez uma votação e o pessoal não, pode ser as nove, das nove as onze, que antes era das nove e meia as onze e meia. Mas têm pessoas que não cumprem horário, não adianta, não começa nunca as nove horas, não chegam as nove horas. E participam do grupo e não querem sair, é claro que não vão sair e faltam muito, sempre com algum problema, ah porque eu tenho médico e não sei o que. Ah, eu também vou nos

médicos, eu também tenho cabelereiro, mas eu sempre marco fora dos meus horários de aula. Ah, porque hoje é terça-feira eu não vou fazer aula porque eu tenho cabelereiro, porque não marcou depois da aula, ou antes da aula. Então isto aí me incomoda um pouco, os horários, porque as pessoas não têm o compromisso do horário. E as faltas, porque as pessoas muitas vezes, ah está chovendo eu não vou, ah está muito frio lá no galpão eu não vou. Tu sabes que tem estas inconveniências, tu sabes que se está frio, se está chovendo ... mas é um compromisso que a gente tem, a gente assumiu este compromisso. Dentro do grupo a regra é esta, é o horário e procurar não faltar que é o que mais incomoda assim o grupo, algumas pessoas, é a falta de muitas pessoas. Algumas pessoas do grupo estão bem incomodadas por isso.

Mauro: Regras? Atinge no âmago. Eu sou uma pessoa regrada, regrada é muito, parece que eu cuido do meu dinheiro, não, não é assim. Eu gosto de seguir as regras melhor dizendo. Se tem regra, vamos segui-la. Mesmo porque meu pai me criou assim, era milico, brigadiano, era soldado, meu pai era dureza. Então eu sempre fui, entre parênteses, submetido as regras. Então eu gosto de regras. Por exemplo, se é 9 horas, é 9 horas. Hoje, nós começamos 9 e meia, por exemplo, e é o normal de começarmos e sempre querendo ... ah é das 9 às 11, e aí, quando dá 11 horas, a Dulce quer ir embora e eu começo a arrumar meu tambor ali, 11 horas. E o pessoal começa, não vai embora, não terminou ainda, e eu digo, só um pouquinho, eu tenho uma mulher lá que cozinhou e botou a mesa para mim, eu tenho que chegar lá e almoçar com ela, eu não posso deixar isto para trás. Então é uma regra também lá, não que ela vá ... não, acho que é uma desconsideração com ela.

Nós temos regras não escritas, como é ...tácitas. Não é uma regra escrita. Uma vez cheguei a pensar, fiz um esboço. Mas aí é muita brigadianice, é muito em cima deles aí, não adianta. Então são ... estas regras assim ... eu acho que todos nós, nós somos formados na vida, não é? Somos doutor na vida pela idade, né, então todos estão, por exemplo, tem uma moça aí que ela não consegue seguir a regra da pontualidade, que é uma das básicas na vida, né. Hoje, por exemplo, começou as 9 e ela chegou, até eu olho por curiosidade, dez e dez ela chegou. Então é a regra que a maioria de nós tem e essa moça não tem. Sei lá, não sei porque não tem. Então estas regras elas tem que ter, mas cada um faz a sua regra, não tem uma regra em comum, geral. Que eu acho que tinha que ter, mas também, vai ser muito difícil de fazer cumpri-las. Alguém tem que ser o xerife, o auditor, como é ... o corregedor, a Regina, eu, mas é muito incomodo, muito atrito, né. Então são regras, mas nós não temos muitas regras. Mas tu vê que as regras não combinadas, não determinadas, não funcionam, né, de qualquer forma.

Também acontecia que quando alguém chegava atrasado atrapalhava a aula porque ia cumprimentar um por um, o que demandou uma nova regra no grupo: cumprimentos somente no intervalo. É neste espaço de tempo que se reúnem em volta de uma mesa com café, chá, biscoitos e outras guloseimas com as quais cada um contribui. Esta mesa é farta e festiva nas comemorações dos aniversários da semana e é preparada antes do início da aula pela Rosa e Violeta. Daqui se depreende a importância da sociabilidade para o grupo.

Quando o assunto é regras a sociabilidade se complica. Aquilo que era prazer até então, começa a se apresentar de maneira conflituosa. Mas o conflito que, na maioria das vezes, está associado a aspectos negativos da vida social, para Moraes Filho (apud SIMMEL, 2006), na verdade não o é. O conflito é uma forma de sociação porque se dá nas relações interpessoais e não existe grupo perfeito, “um grupo absolutamente centrípeto e harmonioso,

uma ‘união’ pura (*Vereinigung*) não só é empiricamente irreal, como não poderia mostrar um processo de vida real” (MORAES FILHO, 1983, p. 124).

Os conflitos tem como causa as dissociações, que no caso deste grupo é o descumprimento de regras que, em sua maioria são tácitas e esta é a principal causa de conflito. A regra de consenso entre todos é o horário para o início da atividade, mas que nem sempre é respeitada. Também a falta de assiduidade é causa de desconforto para os participantes da banda que acusam a Péia de estar sempre viajando, dizem que quando não está em viagem, está cuidando da neta em outra cidade. Nem sabem como ela dá conta de tudo.

Para mim a Péia queixou-se de que quinta-feira não é um dia bom para os ensaios, mas foi decidido assim. Ela faz doces sob encomenda e neste dia que é próximo ao fim de semana ela precisa trabalhar muito. Por isso, quando não falta, chega atrasada.

Mas compromisso com a atividade todos têm, haja vista que nas apresentações estão todos presentes como referiu a Célia e como eu mesmo constatei.

Nos grupos sociais, por mais diferentes que sejam entre si, encontramos modos formais de comportamento dos indivíduos entre si. Dominação e subordinação ficou evidente nas referências a organização do grupo e a distribuição de tarefas. O comportamento das pessoas que se responsabilizam pelas atividades imprescindíveis ao funcionamento do grupo corresponde a dominação, enquanto que aqueles que se restringem a comparecer as aulas, sem participar da organização do ambiente e da distribuição das tarefas assumem o comportamento na forma de subordinação. Em algumas entrevistas ficou claro, nas expressões “são elas que decidem, a diretoria e a secretária”, organização e cargo que nem existe formalmente no grupo. Se a coesão interna se apresenta frágil em alguns momentos, o mesmo não se dá na relação exterior. Para o público externo a banda é um grupo coeso.

Outra forma para compreendermos os diferentes tipos de participação ou de comportamento dos integrantes da banda pode ser a tipificação desenvolvida por Unruh (1979) categorizando e analisando a participação em mundos sociais em quatro tipos sociais: estranhos/estrangeiros; turistas, frequentadores regulares e *insiders*. As características de cada tipo são descritas em função de orientações, experiências, relacionamentos e compromissos nos mundos sociais.

Os estrangeiros estão posicionados do lado de fora, embora comprometidos com o *ethos* único de um determinado mundo assumem uma atitude de objetividade e indiferença desapegada. Tem como principais características a ingenuidade na orientação a um mundo;

desorientação nas experiências desse mundo; superficialidade nos relacionamentos e desapego em termos de compromissos com o mundo social.

Turistas são os que buscam um certo tipo de experiência em um mundo social estabelecido imbuído de significado, tendo por características a orientação pela curiosidade; experiências que sirvam para orientá-los quanto a preocupações do mundo específico; relações transitórias e compromisso no mundo apenas na medida em que permaneça divertido. Em síntese, as relações de turistas nos mundos sociais sociais são transitórias e fugaz.

Os frequentadores regulares, como o própria denominação sugere, são os que tem uma participação no mundo social regular e rotineira. Participam sempre que o mundo social se reunir. São caracterizados pela orientação que é a de habituação; pela integração nas experiências cotidianas do mundo e apego ao mundo social e comprometimento com suas funções contínuas. Em certo sentido, os regulares agem como se o mundo social fosse a casa deles e pela frequência no contato entre os demais integrantes, passam a conhecer melhor uns aos outros. Ser regular implica um certo grau de comprometimento com a continuação das atividades do mundo social.

Insiders são aqueles que conhecem em detalhes o funcionamento do mundo social e se caracterizam pela orientação para um mundo que funciona com vistas a criar uma identidade; pelas experiências focadas na criação do mundo para os outros; pelo relacionamento íntimo com os participantes e pelo compromisso com o recrutamento de novos membros quando necessário. Diferentemente dos demais tipos de participantes que parecem buscar familiaridade ou aceitação nos mundos sociais, os *insiders* buscam controlar e dirigir o mundo social para os outros.

Segundo a tipologia de Unruh (1979) na banda teríamos dois tipos sociais de acordo com a participação que são os regulares e os *insiders*. Regulares porque todos têm compromisso, entretanto, uns mais outros menos. Os *insiders* são aquelas integrantes que se envolvem com todas as atividades que dão sustentação ao funcionamento do grupo.

Esta divisão também se torna nítida também nas relações fora do contexto do ensaio e das apresentações, porque os *insiders* se reúnem após os eventos para almoçar, para tomar chopp a noite e até na praia porque tem casas em balneários próximos, em intenso convívio social. São sempre as mesmas, Regina, Solange, Rosa, Celia, Violeta e Jane. Ocasionalmente programam uma reunião na praia para todos mas a participação não é total porque nem todos vão, assim como no chopp também não vão. Esta proximidade e intensificação das relações é favorecida pela situação de cada uma, como demonstrarei:

A gente se reúne bastante fora daqui, até nas férias, a gente se encontra, levamos os instrumentos para tocar na praia. A gente faz os churrasquinhos no fim de semana e quem está lá, já está com os instrumentos e vamos tocar. A gente fica junto, então para mim é tudo, é minha vida, é a minha saúde. (Solange).

A Solange é divorciada e mora com a filha única, solteira. Tem apartamento em Tramandaí. Não perde nenhum dos almoços e encontros noturnos após as apresentações e muitas vezes sua filha a acompanha. De fato, para ela, a banda é de vital importância e tornou-se sua família.

“Eu adoro ir, eu ... é o que eu estava falando contigo, este contato com as gurias, com o pessoal da banda, as brincadeiras que se faz, o riso fácil ... tanto é que ontem nós saímos, fomos tomar chopp ali na Caverna do Ratoão” (Celia).

A Celia é divorciada e mora sozinha, seus filhos e netos, inclusive, moram em outras cidades. As amigas que encontrou na banda, são as únicas que tem atualmente, por isso sua vida social gira em torno delas. Os laços de amizade se tornaram tão estreitos que convida a Solange para viajar com ela quando precisa visitar seus filhos em outra cidade.

A Violeta também está presente em todas as ocasiões e como já referi anteriormente ela não pode perder o almoço de quinta-feira com as colegas após os ensaios da banda. Mora com seu marido, mas levam uma vida bem independente. Ela participa nas reuniões à noite com chopp, nos encontros na praia e também em viagens e ele nunca a acompanha.

A Jane também falou dos almoços depois dos ensaios, mas não é sempre que vai porque acaba tendo muita despesa. A noite depois das apresentações ela costuma ir porque estas saídas são menos frequentes.

A Rosa é assídua nos almoços, saídas a noite e na praia, na casa da Regina. Enviuvou recentemente, pensou em largar tudo tamanha a tristeza, mas como ela mesmo diz, da banda eu não saio, é a minha vida. Mora com a irmã em Viamão e não falta a nenhum ensaio ou aula.

A existência de um subgrupo, em especial, este que caracterizamos como *insiders*, é comprovada na fala da Iara: elas são reservadas, o grupo é só delas. No fim do ano quando a gente faz encontros, tipo na casa da Edna, lá na praia, super bacana, vai quase todo mundo.

Mesmo não participando destas ocasiões a Iara acha que o grupo é muito bom e principalmente pela convivência. É como ela diz: nosso grupo é muito bom, a gente é amigo, tem festa em cada aniversário.

A condição da Iara, como de muitos outros do grupo é diferente das que foram anteriormente citadas. É casada e não tem a mesma disponibilidade das outras, tem compromisso com o almoço por exemplo. Mas a banda, diz ela, nos dá uma sensação de

liberdade, a gente vai aonde quer com eles. Eu mesmo casada, eu tenho a liberdade de sair. Eu não abro mão, isto aqui é o meu espaço. A gente chega aqui é outra coisa. Tu chegas ali no grupo e parece que a nossa vida só é relacionada com a música e com o nosso grupo. A gente não mistura as coisas.

Eis aí uma importante demonstração da banda como um mundo social específico.

Unruh (1979) ainda dispõe sobre a interação entre os participantes e o mundo social considerando três fatores: relevância, acessibilidade e receptividade. As pessoas se vinculam a um mundo social dada a importância e o significado das atividades para suas vidas. Caso não fosse relevante, os frequentadores regulares e os insiders não desperdiçariam seu tempo e esforço.

Nem todos os mundos sociais são potencialmente acessíveis a todos os interessados, há sociedades secretas, como exemplo a maçonaria. A banda pesquisada, no que diz respeito a acessibilidade, não é um mundo social aberto a qualquer interessado. Estão organizados em função de um número ideal, acreditam que o número atual é suficiente. Também levam em consideração o estágio em que se encontram e não aceitam mais quem não sabia tocar um instrumento de percussão. Por outro lado, eles têm interesse em contar com mais cantoras, pois as duas as vezes não podem participar das aulas/ensaios ou apresentações. Uma das cantoras, a Dulce, tem problemas na voz e a outra, a Ana viaja com frequência para visitar a filha que mora em Portugal.

Em uma ocasião conversando com a Solange, a Iara, a Jane, a Olinda e a Violeta a Solange falou sobre as regras: É esta aí, não pode faltar, uniforme ... e a Iara acrescentou, é fechado. Então a Solange continuou: é agora fechou porque tem 18 pessoas e não tem como botar outro instrumento e começar do zero. Aí ... bagunça, né? Até gostaríamos de botar mais uma cantora. Porque é muita responsabilidade, as vezes uma está viajando, a outra está doente. Mas não tem como. Outros instrumentos também que a gente gostaria de ter, cavaquinho, mas tem que aprender. A gente até tem um cavaquinho (no projeto CELARI), mas tem que aprender, fica mais difícil.

Em um dos dias quando cheguei ao ensaio, entrei no galpão e encontrei a Cleonicia, uma das participantes do CELARI e perguntei: estás entrando na banda. E ela respondeu: não, estou esperando o convite.

Quando, em um dos ensaios em que as cantoras faltaram o grupo ficou preocupado e voltaram a pensar seriamente em procurar uma cantora. Neste dia, a Regina dirigindo-se a Carmen perguntou pelo nome de uma das integrantes do coral que se destacavam, todo o grupo opinou favoravelmente, mas não lebravam o nome. A Carmen disse que se tratava da

Vera e pela sua posição na disposição do coral, no centro, na frente, concordaram que se tratava da mesma pessoa. Então pediram que a Carmen a consultasse quanto ao interesse em participar do grupo. Como já estava próximo ao final do ano, a Vera ficou de pensar, pois teria o período de férias.

Conversando com eles ouvi dizerem que não dá mais para entrar ninguém na banda porque lotam o palco na sua disposição de semicírculo. O Mauro refere-se a banda como “uma panela”. Conta que

muitas vezes já quiseram entrar, (...) isto não é uma regra que não foi escrita, nunca foi combinado e é um pacto secreto assim, da gente não aceitar mais. (...) Mas tem muitas pessoas que tentam, tentam e não conseguem entrar. Ninguém aprova, não sei qual é a ideia, né. Até mesmo porque eu acho que já tem muita gente e eu sempre digo, se for uma sumidade, um cara que toca cavaquinho, este aí tem que botar um tapete para ele.

Portanto, a banda não é um mundo social acessível.

A receptividade está relacionada às experiências e reações iniciais por ocasião do ingresso de novos participantes, etapa esta já superada uma vez que sentem-se como uma família conforme mencionado nas entrevistas, apesar dos conflitos existentes.

A sociabilidade e os aspectos aqui abordados nos conduzem a ideia de sua contribuição no processo de constituição de identidade social porque como diz Baumann (1999) ela resulta de uma construção simbólica decorrente dos processos de interação social. A identidade social não diz respeito apenas aos indivíduos, todo o grupo apresenta uma identidade em conformidade com a sua situação no conjunto social. (BERLATTO, 2009).

Como construção simbólica as identidades se constroem dentro do discurso, afirma Hall (2000), por isso é preciso compreendê-las em seus respectivos locais históricos e institucionais específicos, no interior das práticas discursivas. A identidade social da banda “Só ritmos” é construída a partir da prática discursiva de “Terceira Idade”, no interior de um grupo de idosos vinculado a uma universidade aberta a terceira idade que contribui para o estabelecimento de novas formas de sociabilidade.

Woodward (2000) contando uma história sobre sérvios e croatas demonstra que a identidade é marcada pela diferença e por símbolos. E é este fenômeno que encontramos no projeto CELARI, a banda exclui da sua constituição demais integrantes do projeto e portam como símbolos camisetas personalizadas. É deste ponto de vista que se pode falar em exclusão, pois sentem-se diferentes dos outros.

Alguns elementos da rotina do grupo constituem a identidade social da banda:

- apresentam-se em público com trajes especialmente confeccionados e combinados, que eles chamam de uniforme, que são a camiseta preta com o nome da banda bordado com lantejolas douradas e calças pretas; algumas vezes os homens usam chapéu e as mulheres um lenço no pescoço.;

- quando apresentam-se em público dizem que levam o nome da universidade, ou seja, representam-na;

- em ocasiões festivas do projeto CELARI, como comemoração dos aniversariantes do mês, que são realizadas na sala de atividades do Centro Natatório, reunindo mais de 40 pessoas, a banda tem o seu lugar reservado sempre no mesmo canto da sala;

- nas festividades do projeto sentam-se sempre juntos reservando mesas para o grupo e depois fazem a apresentação musical.

É desta forma que se pode falar em *ethos* único e mundo social específico que culminam com a construção de uma identidade social. Pollak (1992) acrescenta o papel da memória na construção da identidade, por ser um elemento constituinte do sentimento de identidade. É através da memória que são ativados os sentimentos de pertencimento onde acontecimentos, vividos pessoalmente ou por tabela, e pessoas e lugares que se tornam relevantes em suas vidas. Com isto justifica-se a importância de manter viva a história da constituição da banda na qual há diferentes estágios de participação entre seus integrantes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste processo de pesquisa torna-se relevante socializar algumas reflexões e apresentar algumas considerações sem a pretensão da generalização. O que aqui encontramos pode servir de contribuição para outros estudos, mas sem desconsiderar que os grupos são heterogêneos, assim como são diferentes as suas realidades, levando-se em consideração o seu contexto sociohistórico, inclusive.

A banda “Só ritmos” é um grupo que eu admiro e que apresenta algumas peculiaridades o que despertou meu interesse em adentrar no seu universo para investigar o significado da prática musical como lazer. Daí a opção pelo trabalho etnográfico dada a imersão na realidade que o mesmo requer. Minha primeira inquietação era compreender como lazer o desafio de aprender a tocar um instrumento musical nesta etapa da vida assumindo o compromisso consigo mesmo e com o grupo, com tanto esforço e dedicação. Revisando as diferentes correntes teóricas sobre o lazer nos detivemos na Perspectiva do Lazer Sério, estrutura teórica desenvolvida por Stebbins, pouca conhecida no Brasil.

Na convivência mais estreita com o grupo no período de setembro de 2018 a dezembro de 2019, acompanhando suas aulas, ensaios e apresentações, outros temas foram se sobressaindo como a sociabilidade e a identidade. Percebi que nesse espaço as dimensões do lazer e sociabilidade possuem estreita relação e que a sociabilidade pode ser potencializada em uma atividade de lazer sério. Os integrantes da banda atribuíam a mesma importância a atividade porque gostam muito, assim como ao convívio com seus colegas presente nas relações de sociabilidade.

A peculiaridade deste grupo tem início pela sua própria formação. A ideia não partiu de um professor ou de um técnico procurando demonstrar que é possível ensinar percussão para idosos, mas sim deles mesmo em formar um grupo para aprender. Por certo o Projeto CELARI do qual são oriundos favoreceu a sua constituição pois já se conheciam e sabiam do que eram capazes. Como não é uma atividade proporcionada pelo projeto cabe apenas a eles decidir quem pode fazer parte ou não. Podemos caracterizá-lo como um grupo fechado no qual não entra mais ninguém, até que decidam o contrário.

Suas apresentações em público são sempre muito elogiadas e as pessoas comentam, como pude constatar por estar presente em várias ocasiões, como pessoas nesta faixa etária conseguem aprender e ter um desempenho tão bom. Isto é bom para romper com o preconceito de que idosos não aprendem. Sabe-se que não é verdade, mas é preciso comprovar. Trago aqui a contribuição de Paul Baltes, professor e pesquisador na Alemanha,

que é um dos criadores da teoria *lifespan*, e Jacqui Smith, em artigo traduzido na Revista A Terceira Idade do SESC (BALTES; SMITH, 1988), ao afirmarem que “a mente que envelhece tem um considerável potencial para novas aprendizagens, e em alguns casos as funções podem ser mantidas até depois dos 80 anos” (BALTES; SMITH, 1988, p. 14) . Isto porque no que diz respeito ao nível de funcionamento intelectual para atividades cotidianas, este pode se manter intacto nos indivíduos com melhores condições de saúde ou com condições de vida favoráveis ao trabalho e ao lazer. Daí a importância do lazer sério no desempenho de uma atividade que estimule a aprendizagem e que seja ao mesmo tempo prazerosa.

Outro aspecto que me chamou a atenção é o sentimento de pertencimento em todos os membros da banda. É com orgulho que se referem a ela, se sentem especiais por poder participar. Bulla *et al.* explicam que este sentimento “empodera os indivíduos, contribuindo para o sucesso de projetos coletivos” (2007, p. 180). O sucesso da banda depende do desempenho de cada um, que por sua vez depende da pessoa sentir-se ou não pertencente. O pertencimento é destacado por Stebbins (1999), juntamente com a identidade social e a participação em um mundo social como vantagens sociais e psicológicas que uma pessoa pode obter com uma carreira de lazer.

Carreira parece não ser um termo apropriado para ser empregado no lazer porque, no senso comum, está ligado ao trabalho e as progressões relacionadas aos cargos ocupados ou galgados. Mas para Stebbins (2014 a) a concepção de carreira por ele adotada segue a definição sociológica tradicional aplicável a todas as funções complexas, incluindo as do lazer. Isto ocorre quando no lazer sério o indivíduo ou o grupo prosseguem na atividade porque podem aprender melhor. No caso da banda, eles não têm consciência de que seguem uma carreira, pois julgam que esta possibilidade só existe para profissionais. Mas eles desenvolvem uma carreira porque já passaram por diferentes estágios, da fase inicial da aprendizagem, ao interesse em manter o desenvolvimento e aprimoramento de suas habilidades o que requer a prática sistemática, culminando com as apresentações em público que seria o desfrute de seu esforço. Toda a carreira está sujeita ao declínio o que não foi considerado até então. Poderia ser por desistência, isto não aconteceu com os integrantes da banda, ou pela deterioração física ou mental de seus participantes. No caso houve duas perdas por motivo de doença, foi o fim de uma carreira pessoal, mas não interferiu na carreira da banda.

Em decorrência da prática frequente e sistemática que o exercício desta atividade de lazer sério requer, surge um ethos único, um conjunto de costumes e hábitos no que diz

respeito ao comportamento de seus membros, característicos a essa coletividade. Com isto se forma um mundo social específico, particular a este grupo, mantendo seu interesse comum por muitos anos.

Acompanhando este mundo social específico durante as observações em campo é que a sociabilidade e a identidade se destacaram como aspecto relevante a ser aprofundado. A sociabilidade é favorecida pelo exercício de uma atividade de lazer sério, pois uma das características que a diferenciam das demais formas de lazer é o mundo social. Nele é possível evidenciar a interação que se dá entre seus integrantes.

A partir de um maior contato com os integrantes da banda e com a intensificação das observações, evidenciei uma divisão na banda através de dois subgrupos que classifiquei como frequentadores regulares e *insiders*, inspirada em Unruh (1979) que assim os denomina considerando a intensidade com que vivenciam o mundo social.

Esses subgrupos me ajudaram a entender a dinâmica das relações que se estabelecem no interior do grupo, mas que não refletem diferenças entre as apropriações do sentido de tocar na banda. Os objetivos são os mesmos em relação a prática musical e o significado atribuído a ela. Esta divisão possibilitou compreender a heterogeneidade interna do grupo a qual está relacionada não aos objetivos e interesses, mas sim com a intensidade com que se vinculam a atividade.

Procurei mostrar a rotina das aulas e ensaios e como os mesmos se configuram como espaço de sociabilidade, utilizando também as informações obtidas nas entrevistas.

Para o grupo a prática musical é lazer e, ao mesmo tempo, compromisso. É lazer encarado com seriedade, mas é uma coisa boa, é um lazer gostoso, é uma coisa prazerosa, é compromisso e é prazer, é compromisso com alegria. É desta forma que se referiam a atividade como lazer.

Por outro lado, não só pelo compromisso, mas também pelo esforço e perseverança visando o aprimoramento que a prática requer, a interrelação entre os membros do grupo se torna frequente e estreita, perdurando ao longo dos anos, caracterizando a sociabilidade existente neste mundo social. Ao referirem-se ao grupo dizem que gostam muito, que a convivência é muito boa, é muito bom a gente se reunir. Faz parte da minha vida porque é um dia assim especial, sagrado, é um prazer estar com o grupo; tu estás te socializando isto é muito importante, o convívio com os colegas é muito importante. A gente fez um grupo muito legal e é uma alegria só, ambiente gostoso com 17 pessoas juntas, bem sincronizadas; nosso grupo é muito bom, a gente é amigo, tem festa em cada aniversário; eu convivo com pessoas

maravilhosas; o grupo é importante me dá alegria e preenche minha vida. Nosso grupo é homogêneo, assim, bem parceiro para tudo, organizado.

O que melhor explica a contribuição do lazer sério para a sociabilidade está nas palavras da Iara: no grupo parece que a vida só está relacionada com a música e com o grupo, é o meu espaço. Mas o importante para eles é que a percussão se tornou uma grande família.

A existência de um mundo social específico resultante da prática de uma atividade de lazer sério o qual comporta um conjunto de valores, atitudes e orientações constituem a base para a identidade social.

O lazer sério produz para os entusiastas uma identidade distinta no lazer ao proclamarem que são, por exemplo, integrantes de um grupo musical. (STEBBINS, 2001). A identidade social se torna evidente no uso do “uniforme”, no orgulho de serem reconhecidos como integrantes da banda e quando dizem que levam o nome da faculdade nas apresentações.

Acredito que este estudo possa contribuir com as demandas teóricas do Programa de Memória Social e Bens Culturais porque discorreu sobre memória, identidade e sociabilidade de um grupo de idosos, sob o ponto de vista interdisciplinar, como um fenômeno urbano e geracional. Pois é justamente a interdisciplinaridade, característica do Programa que favoreceu o desenvolvimento deste estudo, como também a cultura compreendida como modo de vida. Por outro lado, os estudos no Brasil, que relacionem lazer sério e envelhecimento ainda são poucos, de forma que venha a contribuir com as reflexões que vem sendo desenvolvidas por grupos de pesquisa com essa temática.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERRES, Gustavo Luis. Subsídios teóricos do conceito cultura para entender o lazer e suas políticas públicas. **Conexões**, v.2 n.1, 2004. P. 48 – 62. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/conexoes-2004-n1-v2/>. Acesso em: nov. 2020.
- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERRES, Gustavo Luis. Cultura e lazer: uma aproximação habermasiana. Brasil: **Lua nova**, n.74, 2008. P. 93 – 130. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/lua-nova>. Acesso em: nov. 2020.
- ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. **A pastoral do envelhecimento ativo**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.
- ANDRADE, José Vicente de. **Lazer – princípios, tipos e formas na vida e no trabalho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- AQUINO, Jefferson Nicássio Queiroga de. **O torcer no futebol como possibilidade de lazer e vínculo identitário para torcedores de América-MG, Atlético-MG e Cruzeiro**. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2017.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora. 2. ed., 1981.
- BAECHLER, Jean. Grupos e sociabilidade. In: **Tratado de sociologia**. Sob a direção de Raymond Boudon, com a colaboração de J. Baechler... [et al]; tradução de Teresa Curvelo; revisão técnica-de Renato Lessa. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- BALTES, Paul B.; SMITH, Jacqui. Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: da velhice bem sucedida do idoso jovem aos dilemas da Quarta Idade. In: **A Terceira Idade/ Serviço Social do Comércio**. ST-Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade. Ano 1 ,n. 1, set. . p. 7-31, 1988.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BERLATTO, Odir. A construção da identidade social. **Revista do Curso de Direito da FSG**. Caxias do Sul, ano 3, n. 5 jan/jun., p. 141-151, 2009.
- BLESSMANN, Eliane Jost. Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v. 6, p. 21-39. 2004.

BLESSMANN, Eliane Jost. Os jogos desportivos adaptados como alternativa para a inserção do idoso na política social de esporte e lazer. In: **X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança e II Congresso Latinoamericano de História de la Educación Física**, 2006, Curitiba.

BLESSMANN, Eliane Jost. A sociabilidade e a ludicidade nos jogos esportivos adaptados para idosos. In: Marco Paulo Stigger; Fernando Jaime González; Raquel da Silveira. (Org.). **O Esporte na Cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 147-159.

BLESSMANN, Eliane Jost; RAUTH, Jussara; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Violência contra a pessoa idosa: reflexões sobre a família, o estado e a sociedade**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2012.

BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 277-284, 1993. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167851771993000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: out. 2020.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRAMANTE, Antonio Carlos. Lazer: concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 9-17, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1552>. Acesso em: nov. 2020.

BRAMANTE, Antonio Carlos. Outras ideias: voluntariado, lazer levado a sério. **Folha de São Paulo**, Equilíbrio. 08 de março de 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq0803200124.htm>. Acesso em: nov. 2020.

BROOKS, David. The Odyssey Years. **The New York Times**, New York, online edition, 9 Oct. 2007.

BULLA, Leonia Capaverde; SOARES, Erika Scheeren; KIST, Rosane Bernadete Brochier. Cidadania, pertencimento e participação social de idosos – Grupo trocando idéias e matinê das duas: cine comentado. **Ser Social**. Brasília, n 21, p.169-196, jul./dez. 2007.

CABEZA, Manuel Cuenca; AMIGO, Macarena Cuenca. O encontro entre o ócio e a cultura: reflexões sobre o ócio criativo desde a investigação empírica. **Revista Lusófona de Estudos Culturais/ Lusophone Journal of Cultural Studies**. V. 1, n. 2, p. 4-27, 2013.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos?: um estudo sobre professores de Universidades da Terceira Idade**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

CALDAS AULETE. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/hobby>. Acesso em: nov. 2020.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CHIZZOTTI, Antonio. **Revista Portuguesa de Educação**. v.16, n. 2, p. 221-236, 2003.

CÍCERO, Marco Túlio. **Saber envelhecer e A amizade**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1997.

CUENCA, Manuel. **Ocio humanista**. Dimensiones y manifestaciones actuales del Ocio. Bilbao: Universidad de Deusto, 2000.

DA MATTA. O Ofício de Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, E. (org.). **A Aventura Sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 23- 35.

DA MATA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1981.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999.

DE GRAZIA, S. Tiempo, trabajo y ocio. Madrid: Editorial Tecnos, 1966.

DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otavio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

DUMAZEDIER, Joffre. **A revolução cultural do tempo livre**. Tradução Luiz Octávio de Lima Camargo. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. Tradução Silvia Mazza e J. Guinsburg. 3. ed. São Paulo: Perspectiva: SESC, 2008.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difusão Editorial, Ltda., 1992.

EFUFSJ. Entrevista: Robert Stebbins (Universidade de Calgary – Canadá). **Blog/jornal online** do curso de Educação Física da Universidade Federal de São João Del-Rei – Minas Gerais, 2010. Disponível em: <https://efufs.journal.com/2010/07/07/entrevista-com-robert-stebbins-universidade-de-calgary-canada/>. Acesso em: nov. 2020.

FELAU, Rebeca Campos Berger. **A prática do canto coletivo em um grupo da Terceira Idade**: um estudo sobre o lazer sério em busca do envelhecimento bem-sucedido. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

FREITAS, Heloisa Heringer. **Vivências de lazer das juventudes universitárias**. Dissertação (Mestrado em música) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. IN: BAUER, Martin W., GASKELL (editores). Tradução de Pedrinho A. Guareschi. **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. 7 ed. RJ: Vozes, 2008. p. 64-89.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução Dante Moreira Leite. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1974.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 8. ed. São Paulo: Vozes, 1985.

GOMES, Christianne Luce. Lazer – ocorrência histórica. *In*: GOMES, Christianne Luce (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004a. p. 133-141.

GOMES, Christianne Luce. Lazer – concepções. *In*: GOMES, Christianne Luce (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b. p. 119-125.

GOMES, Christianne Luce. Estudos do lazer e geopolítica do conhecimento. **Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.3, set. 2011.

GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor Andrade de Melo. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Movimento**, Porto Alegre, v.9, n.1, p. 23-44, jan./ abr. de 2003.

GUILLEMARD, Anne-Marie. Age Policy. *In*: James D. Wright (editor-in-chief). **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**. 2nd edition, v. 1. Oxford: Elsevier, 2015. p. 323–326.

GURVITCH, Georges. **La vocation actuelle de la sociologie**. Paris: PUF, vol. 2, 1969.

HALBWACHS, **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

HEUER, Silvia. **“Lazer sério” e *crossfit*: as características da “identidade guerreira” em atletas amadores**. Dissertação (Mestre em Educação Física) – Curso de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

JEDLOWSKI, Paolo. Memórias. Temas e problemas da sociologia da memória no século XX. **Pro-posições**. v. 14, n. 1 (40). Jan/abr. 2003. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2187/40-traducao-jkedlowski.pdf>. Acesso em: out. 2020.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo.** Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florencio; revisão técnica de Bruno César Cavalcanti. Petrópolis, RJ: Vozes; Macéio, AL: Edufal, 2013.

LAGE, Giselle Carino. Revisitando o método etnográfico: contribuições para a narrativa antropológica. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 97, jun. de 2009. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/index>. Acesso em: fev. 2020.

LEITE, Rogerio Proença. Antinomias de uma comparação: notas sobre uma vida urbana e cena teatral. Tomo, **Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.** Universidade Federal de Sergipe Nº 1 (1998). São Cristóvão-SE, NPPCS, n. 16 jan./jun., p. 243-258, 2010.

LENOIR, Rémi. L'invention du "troisième âge". In: **Actes de la recherche en sciences sociales.** v. 26-27, mar./abr. p. 57-82, 1979.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 52, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Apresentação de Luiz Felipe Baêta Neves; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente.** Natal: Argos, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, jun. de 2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução.** 4. ed. Campinas: São Paulo: Autores Associados, 2006.

MARCUSE, Herbert. **Eros and Civilization**, New York: Random House, 1962.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer.** Barueri, SP: Manole, 2003.

MELO, Victor Andrade de. Conteúdos culturais. In: GOMES, Christianne Luce. **Dicionário crítico do lazer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 51 – 54.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: HUCITEC EDITORA, 2014.

MORAES FILHO, Evaristo de (org.). **Georg Simmel: sociologia.** Tradução de Carlos Alberto Pavanelli *et al.* São Paulo, Ática, 1983.

MOREIRA, Morvan de Mello. O envelhecimento da população brasileira: intensidade, feminização e dependência. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 15, n. 1, 1998. Disponível em <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/414>. Acesso em: nov. 2020.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX**: Neurose. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MUNNÉ, Frederic; CODINA, Nuria. Psicología Social Del ocio y el tiempo libre. In: ALVARO, J. L.; GARRIDO, A.; TORREGRO AS, J. R. **Psicología social aplicada**. Madrid: McGraw-Hill, 1996.

MUNNÉ, Frederic; CODINA, Núria. Ocio y tempo libre: consideraciones desde uma perspectiva psicossocial. **Licere**, Belo Horizonte, v. 5, p. 59-72, 2002.

OLIVEIRA, Saulo Neves de. **Lazer sério e envelhecimento**: loucos por corrida. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, Saulo Neves de. **Lazer sério e envelhecimento**: explorando a carreira de corredores de longa distância em um grupo de corridas de rua no sul do Brasil. (Doutorado em Educação) – Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

OLIVEIRA, Saulo Neves; DOLL, Johannes. O serious leisure de Robert A. Stebbins. **Licere**, Belo Horizonte, v. 17, n.1, mar/2014.

PACHECO, Ariane Corrêa. “**É lazer, tudo bem, mas é sério**”: o cotidiano de uma equipe máster feminina de voleibol. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade ... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 69 – 84.

PEREIRA, Cássio Avelino Soares. Tempo Livre. In: GOMES, Christianne Luce (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 218 – 226.

PORTER, Roy. Os ingleses e o lazer. In: CORBIN, Alain (org.). **História dos tempos livres**. Lisboa: Teorema, 2001.

PRONOVOST, Gilles. **Introdução à sociologia do lazer**. Tradução Marcelo Gomes. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2011.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François (*et al.*). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. In: Pinto, Céli Regina Jardim; GUAZELLI, César Augusto Barcellos. **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

SCHONS, Carme Regina; PALMA, Lucia Terezinha Saccomori (orgs.). **Conversando com Nara Rodrigues sobre Gerontologia Social**. Passo Fundo: UPF EDITORA, 2000.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradução Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

STEBBINS, Robert A. Serious leisure: a conceptual statement. **The Pacific Sociological Review**, v. 25, n. 2, p. 251-272, 1982. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1388726>. Acesso em: out. 2019.

STEBBINS, Robert A. Educating for Serious Leisure; Leisure Education in Theory and Practice. **World Leisure and Recreation**, v. 41, n. 4, p. 14-19, 1999. Disponível em: tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10261133.1999.9674163. Acesso em: mar 2021.

STEBBINS, Robert A. The Extraprofessional Life: Leisure, Retirement and Unemployment. **Current Sociology**, v. 48, n. 1, p. 1-18, 2000. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0011392100048001002#articleCitationDownloadContainer>. Acesso em: mar 2021.

STEBBINS, Robert A. The costs and benefits of hedonism: some consequence softening casual leisure seriously, **Leisure Studies**, v. 20, n. 4, p. 305-309, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/248997032_The_costs_and. Acesso em: mar 2021.

STEBBINS, Robert A. Inclination to participate in organized serious leisure: An exploration of the role of costs, rewards, and lifestyle. **Leisure/Loisir**, v. 29, n. 2, p. 183-201, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/14927713.2005.9651329>. Acesso em: mar 2021.

STEBBINS, Robert A. The Serious Leisure Perspective. Leisure Reflections n. 13. **LSA Newsletter**, n. 75, nov. de 2006. Disponível em: <https://www.seriousleisure.net/uploads/8/3/3/8/8338986/reflections13.pdf>. Acesso em 28/02/2021.

STEBBINS, Robert. A. The Leisure Basis of Caring n. 17. **LSA Newsletter**, n. 79, mar. de 2008. Disponível em: <https://www.seriousleisure.net/uploads/8/3/3/8/8338986/reflections17.pdf>. Acesso em: mar. 2021.

STEBBINS, Robert A. Serious Leisure and work. **Sociology Compass** 3/5, p. 764–774, 2009. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1751-9020.2009.00233.x>. Acesso em 01 mar 2021.

STEBBINS, Robert. A. Quando o trabalho é essencialmente lazer. Tradução: Thayara Borzani Sanches Santos. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.42-56, jan./abr. 2014a.

STEBBINS, Robert A. **Careers in Serious Leisure**: From Dabbler to Devotee in Search of Fulfillment. Palgrave Macmillan, 2014b.

STEBBINS, Robert A. Dumazedier, the serious leisure perspective, and leisure in Brazil, **World Leisure Journal**, v. 58 – edição 3, 2016a. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/16078055.2016.1158205>. Acesso em: fev. 2021.

STEBBINS, Robert A. Educação para a autorrealização: processo e contexto. Tradução Ananyr Porto Fajardo. **Educ. Real**. v. 41, n. 3. jul./set. 2016b.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SUE, Roger. La sociologie des temps sociaux : une voie de recherche en éducation. In: **Revue française de pédagogie**, v. 104, p. 61-72, 1993. Disponível em:

http://www.persee.fr/doc/rfp_0556-7807_1993_num_104_1_1289. Acesso em nov. 2020.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Revisão técnica Antonio Negro; Cristina Meneguello; Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

UNRUH, David R. Characteristics And Types of Participation. In: **Social Worlds. Symbolic Interaction**, v. 2, n. 2, p. 115-130, 1979.

UNRUH, David R. The Nature of Social Worlds. In: UNRUH, David R. **Source: The Pacific Sociological Review**, v. 23, n. 3, jul. p. 271-296, 1980.

VEAL, A. J. The Serious Leisure Perspective and the Experience of Leisure, **Leisure Sciences**, 2016.

VIANA, Nildo. Memória e Sociedade: uma breve discussão teórica sobre memória social. **Espaço Plural**, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, v.7, n. 14, jan/jun, 2006, p. 8-10.

WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. A pesquisa etnográfica como construção discursiva. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 23, n. 1, p. 27-32, 2001.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. (Org. de Etienne Samain). Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papirus, 1998.

WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-71.

WUTHNOW, Robert. **After the Baby Boomers: how the twenty- and thirty-somethings are shaping the future of american religion**. Princeton: Princeton University Press, 2007.

ZABALETA, Ariane Silveira Dias. **Velhice e lazer: um olhar etnográfico para um projeto de idosos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

APÊNDICE A – Termos de consentimento informado de uso de imagem e de entrevista



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE ENTREVISTA

Eu, Selange Faria dos Reis Harbach, fui informado (a) de que as informações que estou concedendo serão objeto do projeto de tese da doutoranda Eliane Jost Blessmann, aluna do curso de Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, realizado com os integrantes da Banda "Só ritmos", sob o título de "A música como lazer sério: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos". Estou ciente de que o objetivo da entrevista é colher informações sobre a prática musical como atividade de lazer sério e autorizo a utilização de imagens da banda e das entrevistas gravadas no referido trabalho, sem qualquer ônus para ambas as partes.

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Selange Faria dos Reis Harbach", written over a horizontal line.

Participante da pesquisa

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Eliane Jost Blessmann", written over a horizontal line.

Doutoranda Eliane Jost Blessmann



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE ENTREVISTA

Eu, JANE BEATRIZ BREITENBACH, fui informado (a) de que as informações que estou concedendo serão objeto do projeto de tese da doutoranda Eliane Jost Blessmann, aluna do curso de Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, realizado com os integrantes da Banda "Só ritmos", sob o título de "A música como lazer sério: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos". Estou ciente de que o objetivo da entrevista é colher informações sobre a prática musical como atividade de lazer sério e autorizo a utilização de imagens da banda e das entrevistas gravadas no referido trabalho, sem qualquer ônus para ambas as partes.


Participante da pesquisa


Doutoranda Eliane Jost Blessmann

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE
ENTREVISTA**

Eu, Ednazaré Manfredini Possebon, fui informado (a) de que as informações que estou concedendo serão objeto do projeto de tese da doutoranda Eliane Jost Blessmann, aluna do curso de Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, realizado com os integrantes da Banda “Só ritmos”, sob o título de “A música como lazer sério: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos”. Estou ciente de que o objetivo da entrevista é colher informações sobre a prática musical como atividade de lazer sério e autorizo a utilização de imagens da banda e das entrevistas gravadas no referido trabalho, sem qualquer ônus para ambas as partes.



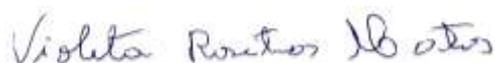
Participante da pesquisa



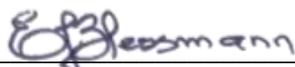
Doutoranda Eliane Jost Blessmann

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE ENTREVISTA

Eu, Violeta Rositas Matos, fui informado (a) de que as informações que estou concedendo serão objeto do projeto de tese da doutoranda Eliane Jost Blessmann, aluna do curso de Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, realizado com os integrantes da Banda “Só ritmos”, sob o título de “A música como lazer sério: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos”. Estou ciente de que o objetivo da entrevista é colher informações sobre a prática musical como atividade de lazer sério e autorizo a utilização de imagens da banda e das entrevistas gravadas no referido trabalho, sem qualquer ônus para ambas as partes.



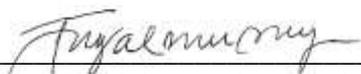
Participante da pesquisa



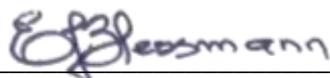
Doutoranda Eliane Jost Blessmann

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE ENTREVISTA

Eu, FELIPE NERI JALMUSNY, fui informado (a) de que as informações que estou concedendo serão objeto do projeto de tese da doutoranda Eliane Jost Blessmann, aluna do curso de Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, realizado com os integrantes da Banda “Só ritmos”, sob o título de “A música como lazer sério: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos”. Estou ciente de que o objetivo da entrevista é colher informações sobre a prática musical como atividade de lazer sério e autorizo a utilização de imagens da banda e das entrevistas gravadas no referido trabalho, sem qualquer ônus para ambas as partes.



Participante da pesquisa



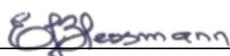
Doutoranda Eliane Jost Blessmann

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE ENTREVISTA

Eu, Zenia Coutinho de Oliveira, fui informado (a) de que as informações que estou concedendo serão objeto do projeto de tese da doutoranda Eliane Jost Blessmann, aluna do curso de Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, realizado com os integrantes da Banda “Só ritmos”, sob o título de “A música como lazer sério: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos”. Estou ciente de que o objetivo da entrevista é colher informações sobre a prática musical como atividade de lazer sério e autorizo a utilização de imagens da banda e das entrevistas gravadas no referido trabalho, sem qualquer ônus para ambas as partes.



Participante da pesquisa



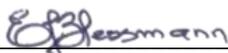
Doutoranda Eliane Jost Blessmann

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE
ENTREVISTA**

Eu, Nilda Cabrera Machado , fui informado (a) de que as informações que estou concedendo serão objeto do projeto de tese da doutoranda Eliane Jost Blessmann, aluna do curso de Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, realizado com os integrantes da Banda “Só ritmos”, sob o título de “A música como lazer sério: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos”. Estou ciente de que o objetivo da entrevista é colher informações sobre a prática musical como atividade de lazer sério e autorizo a utilização de imagens da banda e das entrevistas gravadas no referido trabalho, sem qualquer ônus para ambas as partes.



Participante da pesquisa



Doutoranda Eliane Jost Blessmann

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE
ENTREVISTA**

Eu, _____ROSA MARIA DE M. MOURA_____, fui informado (a) de que as informações que estou concedendo serão objeto do projeto de tese da doutoranda Eliane Jost Blessmann, aluna do curso de Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, realizado com os integrantes da Banda “Só ritmos”, sob o título de “A música como lazer sério: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos”. Estou ciente de que o objetivo da entrevista é colher informações sobre a prática musical como atividade de lazer sério e autorizo a utilização de imagens da banda e das entrevistas gravadas no referido trabalho, sem qualquer ônus para ambas as partes.



Participante da pesquisa



Doutoranda Eliane Jost Blessmann

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE ENTREVISTA

Eu, Regina Beatriz Só Consiglio, fui informado (a) de que as informações que estou concedendo serão objeto do projeto de tese da doutoranda Eliane Jost Blessmann, aluna do curso de Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, realizado com os integrantes da Banda “Só ritmos”, sob o título de “A música como lazer sério: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos”. Estou ciente de que o objetivo da entrevista é colher informações sobre a prática musical como atividade de lazer sério e autorizo a utilização de imagens da banda e das entrevistas gravadas no referido trabalho, sem qualquer ônus para ambas as partes.

Regina Beatriz Só Consiglio

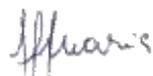
Participante da pesquisa

E. Blessmann

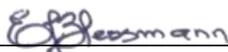
Doutoranda Eliane Jost Blessmann

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE ENTREVISTA

Eu, Jara Maria Lemes, fui informado (a) de que as informações que estou concedendo serão objeto do projeto de tese da doutoranda Eliane Jost Blessmann, aluna do curso de Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, realizado com os integrantes da Banda “Só ritmos”, sob o título de “A música como lazer sério: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos”. Estou ciente de que o objetivo da entrevista é colher informações sobre a prática musical como atividade de lazer sério e autorizo a utilização de imagens da banda e das entrevistas gravadas no referido trabalho, sem qualquer ônus para ambas as partes.



Participante da pesquisa



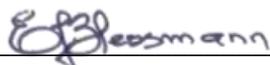
Doutoranda Eliane Jost Blessmann

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE ENTREVISTA

Eu, OLINDA MORAES, fui informado (a) de que as informações que estou concedendo serão objeto do projeto de tese da doutoranda Eliane Jost Blessmann, aluna do curso de Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, realizado com os integrantes da Banda “Só ritmos”, sob o título de “A música como lazer sério: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos”. Estou ciente de que o objetivo da entrevista é colher informações sobre a prática musical como atividade de lazer sério e autorizo a utilização de imagens da banda e das entrevistas gravadas no referido trabalho, sem qualquer ônus para ambas as partes.



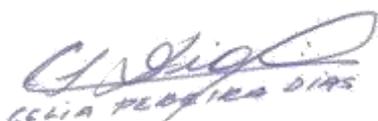
Participante da pesquisa



Doutoranda Eliane Jost Blessmann

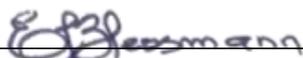
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE ENTREVISTA

Eu, Celia Pereira Dias, fui informado (a) de que as informações que estou concedendo serão objeto do projeto de tese da doutoranda Eliane Jost Blessmann, aluna do curso de Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, realizado com os integrantes da Banda “Só ritmos”, sob o título de “A música como lazer sério: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos”. Estou ciente de que o objetivo da entrevista é colher informações sobre a prática musical como atividade de lazer sério e autorizo a utilização de imagens da banda e das entrevistas gravadas no referido trabalho, sem qualquer ônus para ambas as partes.



Celia Pereira Dias

Participante da pesquisa



Eliane Jost Blessmann

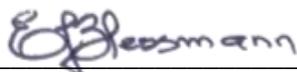
Doutoranda Eliane Jost Blessmann

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE
ENTREVISTA**

Eu, MAURO CARVALHO OSÓRIO, fui informado (a) de que as informações que estou concedendo serão objeto do projeto de tese da doutoranda Eliane Jost Blessmann, aluna do curso de Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, realizado com os integrantes da Banda “Só ritmos”, sob o título de “A música como lazer sério: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos”. Estou ciente de que o objetivo da entrevista é colher informações sobre a prática musical como atividade de lazer sério e autorizo a utilização de imagens da banda e das entrevistas gravadas no referido trabalho, sem qualquer ônus para ambas as partes.



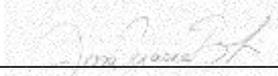
Participante da pesquisa



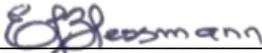
Doutoranda Eliane Jost Blessmann

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE ENTREVISTA

Eu, Ana Maria Bolsoni, fui informado (a) de que as informações que estou concedendo serão objeto do projeto de tese da doutoranda Eliane Jost Blessmann, aluna do curso de Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, realizado com os integrantes da Banda “Só ritmos”, sob o título de “A música como lazer sério: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos”. Estou ciente de que o objetivo da entrevista é colher informações sobre a prática musical como atividade de lazer sério e autorizo a utilização de imagens da banda e das entrevistas gravadas no referido trabalho, sem qualquer ônus para ambas as partes.



Participante da pesquisa



Doutoranda Eliane Jost Blessmann

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE ENTREVISTA

Eu, Mário de Paiva W. Geddy, fui informado (a) de que as informações que estou concedendo serão objeto do projeto de tese da doutoranda Eliane Jost Blessmann, aluna do curso de Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, realizado com os integrantes da Banda “Só ritmos”, sob o título de “A música como lazer sério: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos”. Estou ciente de que o objetivo da entrevista é colher informações sobre a prática musical como atividade de lazer sério e autorizo a utilização de imagens da banda e das entrevistas gravadas no referido trabalho, sem qualquer ônus para ambas as partes.



Participante da pesquisa



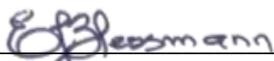
Doutoranda Eliane Jost Blessmann

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE ENTREVISTA

Eu, CARMEM COLETA ANTUNES DE SOUZA, fui informado (a) de que as informações que estou concedendo serão objeto do projeto de tese da doutoranda Eliane Jost Blessmann, aluna do curso de Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, realizado com os integrantes da Banda “Só ritmos”, sob o título de “A música como lazer sério: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos”. Estou ciente de que o objetivo da entrevista é colher informações sobre a prática musical como atividade de lazer sério e autorizo a utilização de imagens da banda e das entrevistas gravadas no referido trabalho, sem qualquer ônus para ambas as partes.



Participante da pesquisa



Doutoranda Eliane Jost Blessmann

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE ENTREVISTA

Eu, Maria Dulce Furtado de Souza, fui informado (a) de que as informações que estou concedendo serão objeto do projeto de tese da doutoranda Eliane Jost Blessmann, aluna do curso de Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, realizado com os integrantes da Banda “Só ritmos”, sob o título de “A música como lazer sério: espaço de sociabilidade e identidade de um grupo de idosos”. Estou ciente de que o objetivo da entrevista é colher informações sobre a prática musical como atividade de lazer sério e autorizo a utilização de imagens da banda e das entrevistas gravadas no referido trabalho, sem qualquer ônus para ambas as partes.



Participante da pesquisa



Doutoranda Eliane Jost Blessmann